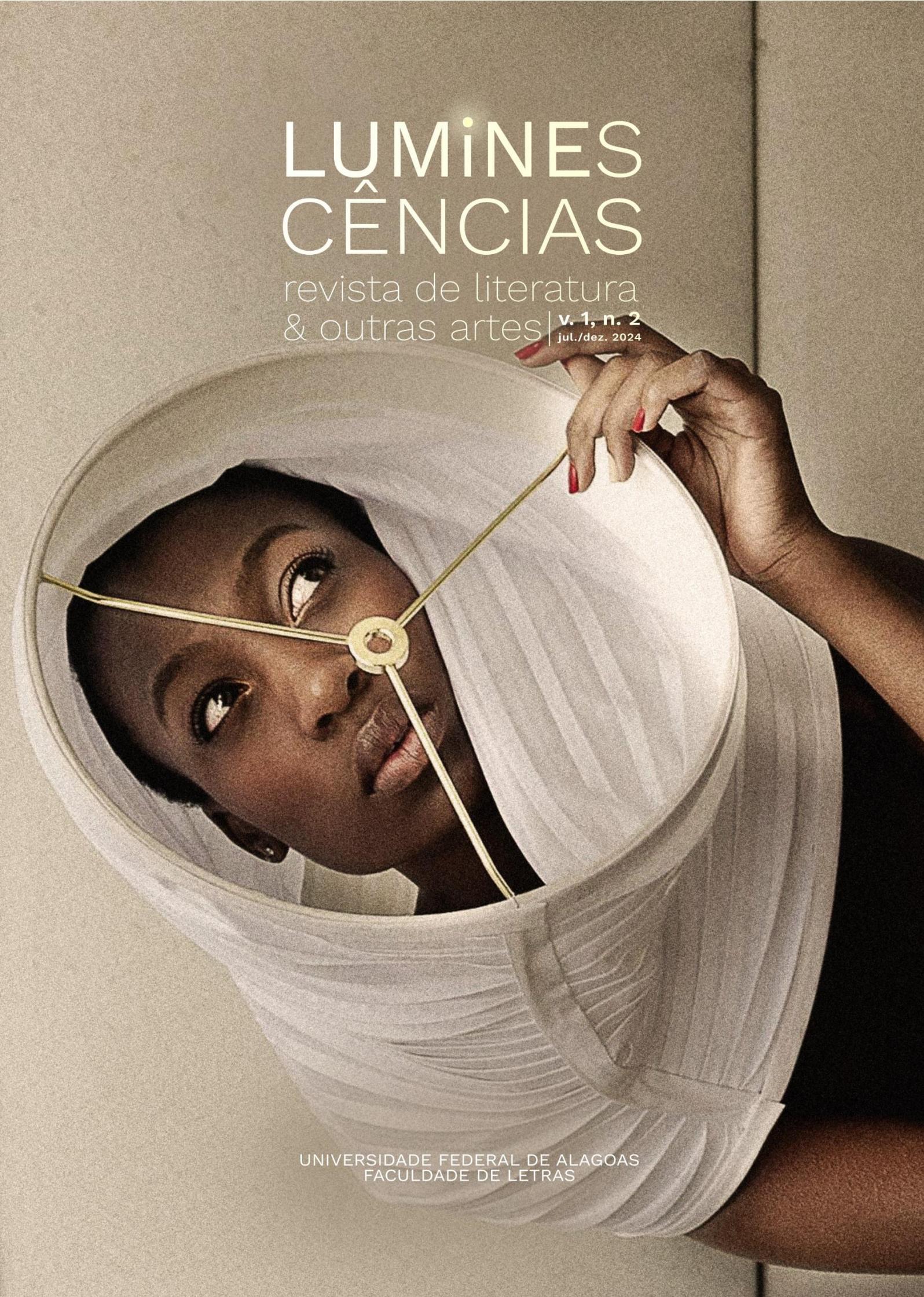


LUMINES CÊNCIAS

revista de literatura
& outras artes | v. 1, n. 2
jul./dez. 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS



LUMINES CÊNCIAS

revista de literatura
e outras artes

VOLUME 1, NÚMERO 2, JUL./DEZ. 2024.

IDEALIZADOR antonio carlos sobrinho

EDITOR

antonio carlos sobrinho

COMUNICAÇÃO

E-MAIL Leandro Guedes Santos, Lucas Gabriel da Silva Pereira, Marcela Silva Santos, Mateus Leandro Gomes e Wely Nayara Queiroz Gonzaga

INSTAGRAM Ana Carolayne dos Santos Bertulino, Elizandra do Nascimento Sobrinho, Igôr dos Santos Ribeiro e Laura Leobino

CONTEÚDO

CURADORIA antonio carlos sobrinho, Denis Willyam de Jesus Balbino, Heitor Padilha Dantas Lobo, Hyago Marques, Joyce Kelle da Silva e Sabrina Chaves Costa Alencar Cardoso

HOMENAGEM Karine Valeska da Silva Sotero

ENTREVISTAS Francisco Batista, Igôr dos Santos Ribeiro e Laura Leobino

REVISÃO antonio carlos sobrinho, Heitor Padilha Dantas Lobo, Igôr dos Santos Ribeiro, Nathalia Barros da Silva, Rebeca Costa Cavalcante e Sabrina Chaves Costa Alencar Cardoso

ARTE

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Hyago Marques
ARTE DE CAPA E SEÇÕES Hyago Marques, Jefferson da Silva Acioli Irmão e Otávio Lira Tavares

AUDIODESCRIÇÃO

antonio carlos sobrinho, Camylla Florinda Eugenio da Silva, Maria Olívia Matias e Karine Valeska da Silva Sotero

COLABORAÇÃO

– k²; Aléxia Prado; Alice Guedes; Alice Machado; Alice Rocha; Amanara; Amandha Rayssa; André Luiz; Antonio Neto; Arthur A. Felix; Atlas Jones; B. R. Ciríaco; Beatriz Neri; Bel Muniz; Beto; Bia Costa; Brederodes; Celestica; Celin; Dafhine Alves S. Santos; Daniele Meirele; Davi Andrade; Deigo Xavier; Dimario Cavalcante Calheiros Neto; Druwcapa; E. P. Santos; Eliseu Banori; Eric Kauã; Ermans Carvalho; Ewerton Douglas; Fábio Biondo; Felipe Barata; Felipe de França; Felipe Neves, o Peregrino Cego; gisele nascimento; Glenda Leal; Glória Ellen Santos; Guilherme Honório; Gustavo Boroni; Hanny Santana; Igor Cauã da Silva Santos; Ingrid Torres; Isabella Bettoni; Isadora Kelly Ferreira Arcanjo da Silva; Itana Campos Silva; J. Carlos de Araújo; J. William; Jadir Pereira; João, um cansado; Jonnie Dantas; Júlia Góes; Julia Henning; Julia Raiz; Julia Tocchetto; K. Naeyli; K. S. Alves; Karla; Kim Santiago; L. Marques; Laudicéia Oliveira da Silva; Leo Vermelho; Lilian Farias; Lucas Fernandes; Luiz Gomes; Luiza Valencio; Marcelo Delilo; Mariana Sena; Marlon Marcos; Miguel Arcanjo de Lima Santos; Milena Nascimento; Misty Lumière; Moana Souza; Morgana Mendonça da Costa; Morganna Lôbo; Nailton Fernandes; Nathan Lima; Nicolas Rosa; Pamin; Patrícia Ferreira; Pedro Feitosa; Poeta Ramon; Psydomos; Rafaela Polendina; Raí Prado Morgado; Rodrygo Pires; Sam Monteiro; Sapho; Talita Lins; Thalia Vitória; Thomaz Ambrosio; Tiago Torres; Victor Guilherme Feitosa; Vitória Fernanda; Walter Belkin; Wesley Leonardo; Willian Carlos Sempre; Yasmin Batista; Yla Moraes.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS Alice Gomes da Rocha, Anderson, Antonio Neto, Dayane Vanessa Guimarães, Eduarda Sarmento, Felipe das Neves Vieira, Herbert Nunes de Almeida Santos, Laura Leobino, Luiza Rosiete, Patrícia Maria e Susana Souto

DISCLAIMER As obras selecionadas foram enviadas mediante assinatura de autorização de publicação sem fins lucrativos em Luminescências, declarando autoria e isentando a revista e sua equipe de acusações de calúnia, cópia ou plágio. As autorias se comprometem por eventuais disputas relacionadas às referidas produções.

LUMINESCÊNCIAS – REVISTA DE LITERATURA E OUTRAS ARTES

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

E-MAIL luminescencias19@gmail.com * BLOG revistaluminescencias.blogspot.com

INSTAGRAM [@revistaluminescencias](https://www.instagram.com/revistaluminescencias) * seer.ufal.br/luminescencias



Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
Faculdade de Letras (Fale), Campus A. C. Simões.
Av. Lourival Melo Mota, S/N. Tabuleiro do Martins, Maceió – AL. 57072-900.

SUMÁRIO

4 Apresentação deste número

Homenagem

7 ao Prof. Roberto Sarmiento Lima

Carta

13 – k^2

15 Hyago Marques

17 Laudicéia Oliveira da Silva

20 Rebeca Costa

22 Yasmin Batista

Conto/microconto

24 Aléxia Prado

29 Alice Machado

37 Alice Rocha

38 Deigo Xavier

42 Dimario Cavalcante Calheiros
Neto

46 Fábio Biondo

51 Francisco Batista

57 Hanny Santana

61 Igôr Ribeiro

64 Itana Campos Silva

68 J. Carlos de Araújo

70 Kim Santiago

76 K. S. Alves

77 L. Marques

81 Moana Souza

82 Rafaela Polendina

89 Thalia Vitória

90 Tiago Torres

97 Walter Belkin

98 Willian Carlos Sempre

Crônica

103 André Luiz, Maria Laís Almeida
de Jesus & Laura Leobino

106 Antonio Neto

108 Brederodes

110 Guilherme Honório

112 Luiz Gomes

115 Nathalia Barros

117 Poeta Ramon

120 sabrina

122 Thalia Vitória

125 Thomaz Ambrosio

128 Yla Moraes

Fotografia

130 Atlas Jones

131 Bel Muniz

134 Dafhine Alves Silva Santos

135 Ewerton Douglas

139 Felipe Barata

141 Glenda Leal

142 Gustavo Boroni

145 Isadora Kelly Ferreira Arcanjo
da Silva

148 Jadir Pereira

150 Júlia Góes

151 Karla

152 Leo Vermelho

153 Mariana Sena

155 Misty Lumière

157 Wesley Leonardo

Artes visuais

160 Alice Guedes

164 Amanara

167 Amandha Rayssa

170 Antonio Neto

171 Arthur A. Felix

172 Celin

175 Druwcapa
176 Eric Kauã
180 Ermans Carvalho
182 Felipe de França
183 Igor Cauã da Silva Santos
184 Misty Lumière
186 Nailton Fernandes
188 Psydomos
192 Sam Monteiro
194 Sapho
195 Talita Lins

Memória

198 antonio carlos sobrinho
203 B. R. Ciríaco

Poema

206 – k^2
209 Beatriz Neri
211 Beto
214 Bia Costa
215 Celestica
217 Daniele Meirele
218 Davi Andrade
222 Denis Willyam de Jesus Balbino
224 E. P. Santos
225 Felipe de França
227 Felipe Neves, o Peregrino Cego
228 gisele nascimento
229 Glória Ellen Santos
230 Ingrid Torres
232 Isabella Bettoni
234 J. William

235 João, um cansado
237 Julia Henning
240 Julia Raiz
245 Julia Tocchetto
250 K. Naeyli
252 Lilian Farias
253 Lucas Fernandes
255 Luiza Valencia
257 Marcelo Delilo
259 Marlon Marcos
262 Miguel Arcanjo de Lima Santos
263 Milena Nascimento
265 Morgana Mendonça da Costa
267 Morganna Lôbo
270 Nicolas Rosa
271 Otávio Tavares
273 Pamin
274 Patrícia Ferreira
275 Pedro Feitosa
277 Poeta Ramon
280 Raí Prado Morgado
283 Rodrygo Pires
285 Thalia Vitória
286 Victor Guilherme Feitosa
289 Vitória Fernanda

Entrevista

292 Eliseu Banori
298 Jonnie Dantas
303 Nathan Lima

306 Quem somos

309 Créditos

APRESENTAÇÃO DESTE NÚMERO

POR ANTONIO CARLOS SOBRINHO

L*uminescências – Revista de literatura & outras artes* chega, enfim, ao seu segundo número. Neste momento, que é um marco duplo, tanto de consolidação quanto de expansão, *Lumi* renova o seu compromisso com a arte, com as autorias e com o público: pois mais ainda acredita na força de seu gesto, que é dar obras e artistas ao mundo: e que encontros bonitos aconteçam!

104 autorias e 158 obras - cartas, contos, crônicas, fotografias, desenhos, colagens, grafites, pinturas, memórias, microcontos e poemas - compõem este segundo número. Artistas que, tendo publicado anteriormente em *Lumi*, fizeram desta uma sua casa e então retornam, trazendo consigo a alegria de estarem aqui uma segunda vez; artistas que chegam agora, trazendo consigo a alegria e o frescor do encontro primeiro, aquele cuja força sempre desloca o que quer que seja, inaugurando novas potências e configurações afetivas.

Luminescências é assim, feita de portas abertas e abraços dados: em sua gramática particular, o *sim* é verbo infinito.

Neste segundo número, *Luminescências* mantém a identidade visual já estabelecida e também a sua linha editorial, mas experimenta algumas novas configurações:

1. visando a uma melhor experiência de leitura digital, foi adotada uma cor de página neutra, de modo a tentar diminuir o cansaço provocado pelo fundo branco;
2. com o desejo de potencializar o impacto das imagens, optou-se por uma nova disposição de fotografias, desenhos, colagens, grafites e pinturas, sempre observando as especificidades de cada obra;
3. a partir de um compromisso público firmado quando do lançamento da primeira edição, qual seja, o de ampliar e melhorar

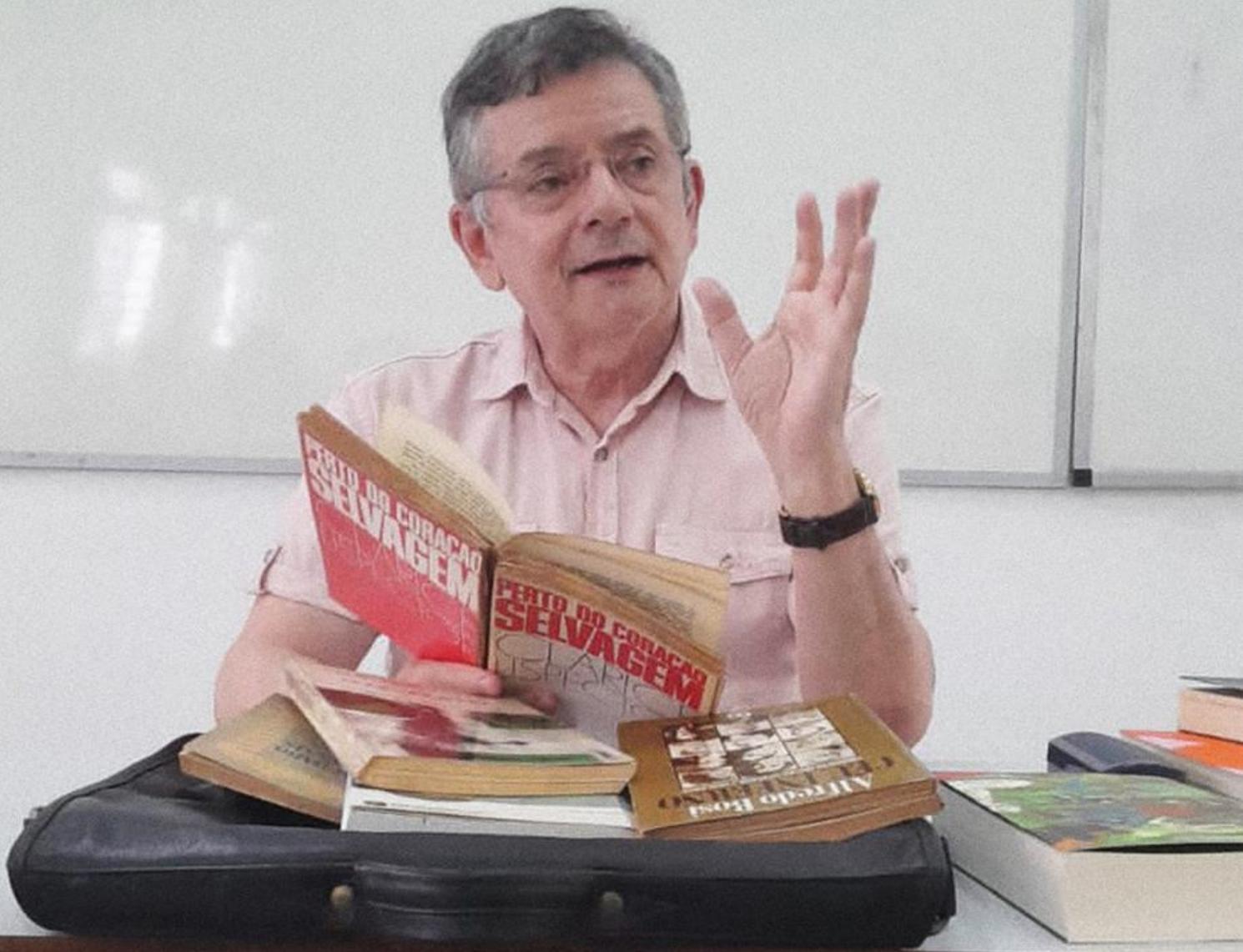
a acessibilidade de *Lumi*, parte da equipe editorial recebeu treinamento introdutório em audiodescrição com profissionais da Pra Ver Ouvir, Alice Gomes da Rocha e Felipe das Neves Vieira, a quem agradecemos, de maneira que todas as imagens aqui publicadas estão acessíveis e suas audiodescrições procuram respeitar parâmetros profissionais.

Dito isto, o convite à leitura está lançado.

Você aceita?

antonio carlos sobrinho
editor

HOMENAGEM



Professor Roberto Sarmiento Lima,

Geralmente, temos acesso escasso à Literatura. Muitas pessoas não tiveram a oportunidade de saber *o que é Literatura*, tampouco senti-la; outras, porque conseguiram passar com uma nota aceitável no Ensino Médio, acham que a compreendem. No entanto, ao chegarmos na Faculdade de Letras, tomamos um choque curioso: a Literatura se difere daquilo que a aprisiona dentro – e até mesmo fora – da escola.

“O que é a Literatura?”

Pergunta difícil, que faz entortar a boca por não ter uma resposta pronta, acabada, perfeita. Talvez fosse interessante uma leve reformulada: “O que foi a Literatura em cada tempo?” ou “O que – ainda – pode a Literatura?”. Perguntas assim abrem margem para múltiplas possibilidades, as quais docentes de Literatura terão imenso prazer em responder, mesmo sabendo que suas respostas não serão as únicas, afinal, esse campo é vasto demais. Com perguntas assim, a gente descobre nuances diversas de uma Literatura que nos é ofuscada no ensino básico.

Professor Roberto, desde 1978, quando começou a lecionar na Universidade Federal de Alagoas, o senhor mostra, aos seus estudantes, o que vem a ser a Literatura.

Quantos estudantes o tiveram como professor? Quantas aulas já deu? Quantas provas já fez, corrigiu e deu nota? Quantos “A Literatura/Arte é um fazer” já disse? Quantas “*Poética*”, de Aristóteles, foram trabalhadas a cada começo de Teoria da Literatura 1? Quantos estudantes já ajudou a escolher e seguir a área de Literatura? Quantas vezes já ouviu a palavra “professor” sendo dita – dentro e fora da sala de aula – até hoje?

Ser *professor* deixa marcas em cada estudante e na própria instituição de ensino. É algo tão forte, que mesmo já não exercendo mais a profissão,

ainda assim é possível ser chamado de professor aonde quer que vá. Porque o docente marca de diversas formas possíveis, contribuindo na vida acadêmica, profissional e até pessoal do estudante. E isso faz com que esse *ser professor* perdure, sem qualquer data de validade.

Assim, tal como a Literatura, eterniza-se.

O senhor, professor Roberto, marcou a vida de vários estudantes e a própria Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas de modo incalculável. Não há como precisar tudo aquilo que o senhor mobilizou em cada aula de Literatura. No entanto, há como contemplar uma parcela bem pequena de sua grande contribuição feita desde os anos 70. Portanto, professor, contemple alguns fragmentos de uma espiral de afetos construída desde que o senhor decidiu seguir o caminho da docência ao lado da Literatura:

Devo dizer que, para mim, o Sarmiento foi uma muralha e um desafio pessoal, principalmente nas difíceis análises que ele fazia. Imagine eu, no primeiro período, escutar um homem falando que o texto tinha luzes que precisavam ser acesas! Logo eu fiquei confuso. Enfim, Sarmiento foi o desafio que me fez perceber como eu deveria me portar em meio acadêmico e qual nível eu precisava ter. Hoje, ao analisar um poema, por exemplo, pergunto-me “o que o Sarmiento veria aqui?” Perdão pelas notas baixas, professor – que foram algumas hahaha. — Anderson, estudante de Letras-Português, 2º período.

Sou muito grato por ter sido aluno do professor de literatura Roberto Sarmiento. Em suas aulas, tínhamos um ensino muito acessível e interativo em que conversávamos sobre os textos da disciplina, momento também em que compartilhávamos outras referências artísticas e tínhamos esse abraço receptivo do professor em sua participação. As aulas eram sempre uma

troca de conhecimentos e toda a experiência que obtínhamos era muito enriquecedora. Conhecer o professor Roberto Sarmiento e ter tido a oportunidade de ser um de seus alunos só me mostrou o quanto eu me identifico com os caminhos da literatura e que devemos acreditar e nos empenhar cada vez mais naquilo que amamos. — Antonio Neto, estudante de Letras-Português, 8º período.

“O professor Sarmiento, inicialmente temido por mim, enquanto caloura aflita, parecia uma figura intimidante pelas histórias sobre suas temíveis provas. No entanto, foi nas salas de aula, ouvindo o brilhantismo desse gênio, que eu descobri uma paixão ainda mais avassaladora pela literatura. Sarmiento me fez perceber a minha pequenez diante da imensidão de um texto. Me senti instigada a desbravar os mares ora calmos, ora tempestuosos da literatura. Ele, então, longe de causar temor, provocou em mim uma admiração desmedida ao se revelar um mestre doce, muito bem-humorado e impressionantemente erudito. Sinto-me assaz lisonjeada por ter sido aluna de uma de suas últimas turmas. Obrigada, professor Roberto. — Dayane Vanessa Guimarães, estudante de Letras - Português.

“Fora da sala de aula, tive a satisfação de experimentar outra versão do Roberto atuando como professor, versão esta que se deu através de conversas informais na rede de casa. Não tive propriamente as tão faladas aulas, mas sim ensinamentos – com teor educacional e pessoal – que certamente me acompanharão por toda a vida (e que sorte a minha). Fica aqui registrado o meu agradecimento por todas as lições que recebi e que ainda espero receber.” — Eduarda Sarmiento, estudante.

“Quando pensamos no escritor, crítico literário e professor Roberto Sarmiento Lima, observamos que a cadeira de Literatura na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) o associa e lhe dá pertencimento. A dêixis na caracterização do discurso poético e a leitura do poema lírico fazem com

que, quem o escute, fique silenciado com as minúcias descritivas de sua oralidade e dos textos. Inquestionavelmente, não há melhor leitor de Vidas Secas. Graciliano certamente cruzaria as pernas, acenderia um cigarro e ficaria por horas ouvindo a leitura crítica de sua própria obra na voz de Roberto.

Roberto Sarmiento possui a genialidade crítica, é um leitor voraz e um escritor atento às entrelinhas necessárias para que, independentemente do leitor, elas sejam lidas e minimamente entendidas. Somos muito gratos ao pai, amigo, escritor e professor Roberto Sarmiento Lima, especialmente porque seus ensinamentos nos ajudaram a desbravar sertões secos, encará-los e torná-los mais encantados. — Herbert Nunes de Almeida Santos, professor de Língua portuguesa e Literatura (Ifal).

Falar da minha trajetória na Fale é falar de literatura. Falar de literatura sem falar de Roberto Sarmiento é impossível. Roberto, você floreoou minha caminhada com seus textos difíceis, com sua clara atenção à minha pessoa e com a maneira que sempre puxou – de maneira rígida, ainda que doce – minha orelha todas as vezes em que fui desatenta. Obrigada por tanto. — Laura Leobino, estudante de Letras - Português.

Professor Roberto, meu mestre querido, é um dos grandes mentores com quem tive a graça de aprender ao longo da vida! Em cada aula, conversa, incentivo e correção fraterna, aprendi a amar teoria literária e a fazer das composições, em prosa e verso, uma das minhas razões de existir! Ele me ensinou a amar, respeitar e investigar a Literatura não só pelo dito, mas pelo trabalho encantador que há no dizer textual e suas belezas desafiantes... É uma honra imensa ter sido sua aluna! Sou extremamente grata por isso! — Luiza Rosiete, professora de literatura e redação.

Obrigada, Professor Sarmiento, por tudo e por tanto! Por nos permitir olhar a Literatura além, em suas dimensões, em suas camadas. Obrigada por nos acolher e, de maneira tão singular, segurar nas nossas mãos, nos impulsionando a caminhar entre as possibilidades que a Literatura nos dispõe. Grata por ter a oportunidade de tê-lo como Professor! — Patrícia Maria, estudante.

Roberto sempre foi uma pessoa dedicada à literatura e ao seu ensino, com muito comprometimento e seriedade. Fui sua aluna na graduação e no doutorado. Em suas aulas, tivemos diálogos instigantes, assim como em minhas bancas de qualificação e defesa, nas quais ele propôs reflexões importantes acerca da minha pesquisa sobre o poeta contemporâneo Glauco Mattoso. Como colega na Fale, só tenho a agradecer a sua atuação generosa, ética e acolhedora, tanto quando me tornei professora substituta, como quando passei a atuar como professora efetiva da Fale. No tempo em que atuei como coordenadora do Curso de Letras/Português, Roberto foi um membro muito importante do colegiado, em especial, nos tenebrosos meses da pandemia de Covid e do governo Bolsonaro, em que a universidade esteve sob forte ataque. Sinto saudade dos encontros com Roberto nos corredores da universidade e em intervalos de reuniões e eventos: eram cheios de risadas e conversas sobre livros e filmes. O seu nome está inscrito em minha memória e também na de muitas pessoas que passaram pela Fale/Ufal.

— Susana Souto, professora.

Certamente, muitos (outros) agradecimentos reverberam por aí. Mas nunca é demais: agradecemos por tudo, professor Roberto. Continue de mãos dadas com a Literatura.

*Com admiração e carinho,
Equipe Luminescências.*

CARTA

CARTA

– *k*²

Carta à vida, à alegria

DA AUTORIA



Sou Karine Valeska, ou simplesmente Kaka (ou, ainda: – *k*²), alagoana, graduanda em Letras – Português pela UFAL. Aprecio literatura, a arte e costumo escrever textos literários/artísticos. Portanto, hoje, eu afirmo com emoção, alegria: sou escritora, sou poeta, sou artista.

kakavsotero@gmail.com
[@kaka.valeska](https://www.instagram.com/kaka.valeska)

Alagoas, 17 de setembro de 2024

Queridas vida, alegria,

Vocês são sempre muito bem-vindas.

Já começo assim, porque a gente

geralmente não está acostumado com tudo aquilo que nos é vida, que nos é alegria. Pelo contrário: muitas das vezes, somos obrigados a nos submeter a tudo que é morte, que é tristeza. Afinal, o que mais tem neste mundo é isso, não é? Pelo menos, o que é mais repercutido por aí. E nós somos constantemente seduzidos pelo que já está

posto em jogo, que nos envolve em um manto que queima a pele, e nós somos docilizados a aceitar a queimadura com lágrimas nos olhos e um sorriso nos lábios apenas para continuar dizendo: está tudo bem!

A vida enquanto uma atividade que nos caracteriza, que nos ronda constantemente, é uma grandíssima estrada sem sinal, sem placas, sem faixas, apenas abrigando os diversos veículos que estão propícios a acidentes. Uma hora, o acidente acontece. Uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Mais, mais, mais. O ferimento, a dor, a tristeza é tudo certo de acontecer. É um acidente programado. A vida sabe disso tudo. E sabe que ela mesma se finda em algum momento — nem sempre, evidentemente, de forma justa, gentil, amistosa.

Dentro dessa vida — que nós já conhecemos muito bem —, existe uma outra vida; uma pequena vida que realmente nos faz sentir que estamos

vivos: a vida vivível — a que está me fazendo escrever esta carta. São poucos os momentos em que sentimos tal vida, e certamente não é quando recebemos nosso salário no começo ou fim de mês (sabendo que ele vai embora com as dívidas), ou quando compramos um produtinho novo — não nos enganemos: essa falsa alegria nos prende unicamente àquela primeira vida.

Encontramos a vida vivível de muitas formas, e um dos caminhos — talvez, ousar dizer, o mais potente — é pela arte: quando nossos gestos artísticos, apesar de tudo, pulsam no presente de cada dia. Afinal, como diz Caetano Veloso em *Força Estranha*: “*a vida é amiga da arte*”. Com isso, nós damos de cara com as pequenas alegrias que nos potencializam aqui, no presente. Há uma força, um impacto: muda tudo! E essa força, que é estranha, nos leva a cantar, a dançar, a criar enquanto não morremos.

Evidentemente, dias merdas virão, porque aquela vida ali é uma merda mesmo. Ah, disso não tenhamos dúvidas: acidentes acontecerão. Isso é tão inevitável quanto a morte. Só que a gente continua (sobre)vivendo como dá, derrotando a morte diariamente e tentando não deixar com que a tristeza nos domine totalmente. Mas, como canta Oswaldo Montenegro, “*bota o microfone na lapela / olha pra vida e diz pra ela / Eu quero ser feliz agora*”.

Portanto, minhas queridas — *vidalegria* —, eu reafirmo com mais intensidade: vocês são sempre muito bem-vindas!

*Com amor, literatura-arte-poesia,
uma qualquer artista:*

– k^2

HYAGO MARQUES

Sem título¹ (para C.)

DA AUTORIA



Hyago Marques cursa Letras – Português (Fale-UFAL). Publicou *anjos tocam lira nas molas do colchão* (2021), *Ano Litúrgico* (2024) e poemas em mídias digitais e impressas. Editou *Luminescências* – revista de literatura & outras artes. Incursiona pelas artes plásticas e têxteis.

hyagomarques.com.br

, tu desejas a verdade ou o belo? posso dizer-te: Diana corre nua entre ciprestes, envolta em densa bruma de perfumes, ao encontro de velas variadas em cor e espessura. uma baga dourada entre os seios, junto de botão silvestre e segredo em minúsculo papiro de seda. as plantas dos pés beijam o solo e logo o abandonam, apenas para tornar a beijá-lo e abandoná-lo sucessivamente — te amo, como em ascese, na mesma constância, coração cascata de cera, exatamente por que és claro feito elas. és tua a chama última, a envergadura da rosa oculta em mel; és colmeia, favos repletos de geleia real, pupa e ninfas; és incenso a queimar e cinzas de depois. te amo porque és cinza, porque são cinza teus cotovelos e joelhos, os olhos e os nós de teus dedos. e me quero etéreo em teus braços, tenro e leve em teus braços, e com a boca ao ouvido te dizer: “vê como cintilam quasares enquanto és noite, sente os acordes desde o alpendre, o tilintar de cristais e móveis”. te escrevo em melismas, alternando notas graves e agudas em anteparos, faço disto canção muda. escrevo porque tenho fome de maçãs rubras, de morangos e amoras, romãs, ameixas, pitaia e cereja em calda, então escrevo como quem prepara compotas em vidro esterilizado, sob tecido xadrez e laço em fio de juta. e só as preparo porque não aprendi cravo, clavicórdio e órgão para fazer

¹ Texto produzido durante o componente *Experimentações poéticas do sensível: teoria, leitura, criação*, ministrado pelo Prof. Dr. antonio carlos sobrinho, no curso de Licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Fale-UFAL), *campus* A. C. Simões.

partituras e canções azuis sobre os seres habitando o teu nome. e só as preparo porque não posso pintá-lo nu em afresco, duvido da mimese dos complexos matizes no teu espectro. desço três tons, agora abstrato: sou mestiço, como hóstia — Deus se dissolve na minha boca aos domingos —, me banho em secreção pegajosa, escrevo nomes em livros, nas bordas, fumo cigarros de filtro branco, cheiro feito cervos no cio e, com frequência, não sei se não me faço entender. quero a continuidade, como num bolero de Ravel, mas me interrompe a descoberta da igreja cravejada em ametistas, em honra ao Arcanjo Gabriel, no Rio Grande do Sul. tu me escutas? em algum lugar do mundo escorre seiva de árvores, um homem adoça seu copo de leite com agave; uma tempestade inunda o Saara no preciso momento em que te escrevo isto, criando lagoas entre dunas. quero reparar a ordem das coisas. Deus foi antes verbo, e eu unicamente em palavra é que me faço matéria viva, vivíssima. agora, no jardim, tragamos como que pleiteando acinzentar parco verde, silenciar os que trazem o dia e tanto desgostas. me faço interjeição: “ah! não conheces o sabor do figo se não entre os lábios, a textura da lã de caxemira se não sobre o corpo, o amargo da água de barreira se não na língua.” e o tempo para. tu cortas o pescoço da ave revolta, cujo rito finalístico é jorrar sangue à terra seca, entranhando seu canto no pó que tudo cobre.

CARTA

LAUDICÉIA OLIVEIRA DA SILVA

O amor do papai

DA AUTORIA



Nunca expus nenhum escrito, mas escrevo desde os 11. Uma jovem senhora de 24 anos que não curte festa, estuda Letras, ama música, comida boa e boa conversa. Sempre tenho *snickers* e *trident* azul na bolsa. Sabia que Azul é minha cor favorita?!

Maceió, Ponta Verde, 23 de setembro de 2021.

Queridas amigas,

Escrevo a vocês para aliviar um pouco da minha mágoa. Estou sem celular e por esse motivo essa mensagem chegará em formato de carta. Meu pai tirou de mim.

Antes de tudo, estou bem. Agora. E dentro do possível. Como vocês já presenciaram, mais uma vez ele violou minha integridade física. Desci para ficar na brinquedoteca do prédio com uns amigos do cursinho e por descuido, acabei atrasando 6 minutos do combinado estabelecido para eu retornar para casa. Cheguei às 18:06 min. da tarde da última terça-feira, dia 21/09/2021. Estou tão triste pelo ocorrido. E muito envergonhada. Todos os moradores do prédio ouviram o que aconteceu comigo. E os que não ouviram, ficaram sabendo. Meu pai perguntou se eu estava “de chumbrego” com algum rapaz daqui e eu neguei. Eu realmente não estava. E nem estou. Mas isso não impede que alguns deles me acompanhem no elevador. Meu pai não gostou nada de saber que estive na companhia de Laerte, do 8º andar. O pai dele e o meu não se acertam desde os tempos da faculdade. Meu pai diz que o pai de Leto é um covarde, que roubava todos os projetos do meu pai na graduação. Até a mesma especialidade médica ele escolheu fazer – neurocirurgia. Fora que Papai insiste em dizer que Mamãe dava mole para o senhor Dantas – pai de Leto – todas as vezes que faziam alguns seminários juntos na UFAL.

Melina, fiquei tão envergonhada quando tive que cancelar minhas aulas particulares com os professores. Esqueci de fazer isso de imediato e, então, na quarta-feira logo de manhã, minha professora Camila chegou e me encontrou com o olho roxo. Papai me deu um soco. Ele também cortou a minha boca com um tapa que desferiu em meu rosto, usando as falanges da mão esquerda. Mamãe ficou horrorizada e chorou muito, mas a pobre não tem muito o que fazer e eu pedi que não interferisse, temendo que ele a batesse também. Ela morre de medo do que meus avós irão pensar se ela se divorciar de Papai. Ela chorou a noite toda, comigo. Nada me deixa mais machucada. Enquanto ele me xingava de “vadiazinha safada” e me batia com um cinto de couro, todos os vizinhos ouviram meus gritos desesperados por ajuda, mas ninguém foi capaz de me socorrer. Quando Papai acabou de me surrar, cansado, com a respiração ofegante, jogou o objeto que usou para me punir no chão e disse que aquela surra era para me ensinar sobre respeito às ordens dos mais velhos. Que se ele diz que tenho que me submeter a viver do jeito que ele quer, eu tenho que fazer, já que ele é meu pai. Alega que não posso odiá-lo, pois temos laços sanguíneos. Diz que devo amá-lo, ainda que ele me machuque. E que se o faz, é para o meu bem. O que mais me enoja é que ele estende isso a minha mãe. A pobrezinha. Eu a amo tanto. Ainda não tive coragem de dizer a ela que não quero estudar Medicina e, sim, Direito. Tenho medo de que Papai desconte nela, o aborrecimento que eu venha a causar com meus quereres.

Ah Milena, como vai o namoro com Eduardo? Espero que estejam se dando bem. Avise a ele que sou muito agradecida pelas flores que mandou hoje. Papai gosta dele. E se alguém sabe acariciar o ego do Dr. Rafael Rosenberg, essa pessoa é Eduardo. Meninas, dona Rosalinda, minha mamãe, pediu que dessem lembranças à tia Marieta e falou que, assim que eu sair do castigo que Papai me colocou, organizará uma visita com vocês para irmos à casa de Milagres. Por fim, quero muito que venham me ver na semana que vem, qualquer dia. É meu aniversário de 18 anos. Já que não

poderei sair para comemorar, provavelmente meus hematomas ainda estarão aparentes, venham aqui para casa, consolar mamãe e a mim. Papai não se opõe às suas visitas. Peço também que me ajudem a desfazer o ódio que venho sentindo de papai por todo mal que ele vem causando a mamãe e a mim. Eu sei que ele é meu pai e que devo amá-lo mais que tudo. E isso tem sido difícil. Todos os dias me pergunto: “É sempre um fardo assim, tão causador de dor, tão judiado, gostar de um parente que nos faz mal?” Gostaria de ter respostas plausíveis para isso. E estou me perguntando por quanto tempo mais meu pai viverá para nos fazer sofrer dessa forma. Amigas, assim que puderem, venham ao meu encontro. Não sou mais capaz de suportar esses martírios calada. Preciso de quem me acolha. Vocês poderiam?

Cordialmente e desesperadamente,

Maria Tereza de Sá e Rosenberg.

REBECA COSTA

A última carta de adeus

DA AUTORIA



Estudante do 3º período de Letras – Português pela UFAL. Ama livros clássicos e teológicos, escreve apenas quando algo a inspira profundamente (mesmo quando esse “algo” parece insignificante para outros) e dedica-se a correções de textos e ao estudo da Libras nas horas vagas.

Quando eu era mais nova, tinha o costume de escrever cartas de adeus aos amores pueris que, em algum momento, achei que seriam perenes e veementes o suficiente para sobreviver à minha paixão inventada, que crescia com simples olhares e imaginações, sem nunca ter havido nenhuma reciprocidade da outra parte. Adolescência! Quem pode fugir do furacão de sentimentos causados nessa época?! Ainda mais uma garota sentimental como eu...

Contudo, o mais triste, talvez, é que nenhum dos destinatários merecia as palavras amáveis e apaixonantes que, com tanta dor de despedida, eu me dispus a colocar num papel A4.

Foram três cartas para três garotos que não me amaram nem 1% do que eu acreditava amá-los. Digo “acreditava” porque idealizações adolescentes não são e nunca serão amores verídicos. Mas minha versão mais nova escrevia quando tinha certeza de duas coisas: eu amava ao ponto de doer o coração; eu sabia que nunca ficaríamos juntos. Precisava confessar tudo o que sentia antes de dizer adeus de uma vez.

Não, as cartas nunca foram entregues. Não, eu não as tenho mais. Queria ter ateado fogo nelas quando tive a chance, mas elas acabaram se perdendo na bagunça do meu quarto até serem jogadas fora como qualquer outro pedaço de papel irrelevante, como se uma parte do meu coração não morasse nas letras rabiscadas e trêmulas de uma dor juvenil, intensa e frágil. Talvez exista mais poesia na irrelevância dos papéis ao serem jogados fora do que se eu os tivesse queimado e feito em cinzas, pois queimar e fazer

em cinzas exigiria motivação e, portanto, sentimento. Todavia, permitir que tantas emoções e tristezas se misturassem com desenhos tediosos, embalagens de confeito e guardanapos de gripe mostrava que, o que antes tinha doído tanto, já não fazia mais diferença.

Sim, outras pessoas já passaram na minha vida. Sim, já me interessei e me decepcionei de novo desde que escrevi a última carta, mas meu lado racional se recusava a permitir que o meu lado emocional sentisse de novo algo na mesma intensidade que me levou a escrever as cartas que escrevi antes.

Passei, então, a pular fora antes do meu coração tornar tudo mais intenso do que de fato era. Então, aqui estou eu, definitivamente, escrevendo minha última carta de adeus: dessa vez, não existe destinatário. Estou dando adeus aos sentimentos que me consumiam, adeus ao sofrimento antecipado por idealizações que eu, e apenas eu, criei. Estou dando adeus aos sentimentos incontroláveis, alimentados apenas pela minha imaginação.

Ainda escreverei cartas, mas não de adeus, porque a próxima pessoa que eu permitir entrar em meu coração não será temporária, não será idealizada e não permitirá nem mesmo que eu pense em dizer adeus, mas me trará calma e a sensação de vento no rosto enquanto olho um pôr do sol nas montanhas.

Portanto, sim, esta é minha última carta de adeus, pois as próximas serão cartas de início, outras cartas de meio, mas não de fim. Me despeço das despedidas.

CARTA

YASMIN BATISTA

Sem título

DA AUTORIA



Yasmin Camille Batista de Lima, 24 anos, graduanda de Letras espanhol e já formada em Hotelaria pelo IFAL. Nascida em Maceió e criada em Maribondo interior de Alagoas, sempre foi apaixonada pela escrita desde muito nova. Se apaixonou pelo idioma espanhol ao final de seu ensino médio e hoje cumpre um sonho da sua segunda graduação. A escrever cartas e poemas a seus amores (nunca as entregou), sempre demonstrou a intensidade de sua lua em escorpião na sua escrita. Fora os poemas queimados e as cartas nunca entregues, essa carta que ela hoje pública é tudo o que a restou e seu novo recomeço.

Maribondo, 3 de setembro de 2017

Medo. Intenso e latente como uma ferida aberta. Tudo o que sempre senti desde o dia que te conheci. Medo dos seus pensamentos em relação a mim, medo de te perder. Tudo isso me corroía por dentro, e esse medo parecia não ter fim. Até que você aparecia... a maciez e o cheiro único dos seus cabelos me afagava, o gosto doce e delicado dos seus beijos me tranquilizava, a escuridão e o mistério da sua íris pareciam me queimar a alma de sentimentos bons, verdadeiros e marcantes que sempre estarão selados no melhor lugar que há em mim. De ti me despeço, contra a minha vontade incansável de ainda querer te amar. Com profunda dor, de sua breve amada, adeus.

Yasmin.

CONTO/MICROCONTO



ALÉXIA PRADO

Ditadura do queijo

DA AUTORIA



Aléxia Prado escreve, pesquisa e lê. Trabalha com o espanhol até quando não é um ofício. Seu primeiro livro *Cuéntame un cuento* (Caravana) será lançado em outubro de 2024. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, com bolsa CAPES, desenvolve pesquisa acerca do teatro não humano na dramaturgia chilena. Vive entre a capital e a minha cidade interiorana.

Uma espécie de introdução

Costumo dizer, geralmente em mesas de bares, entre amigos, depois de beber bons litros de cervejas de marcas duvidosas, que vivemos uma ditadura do queijo em Minas Gerais. O crédito deste título vai para o meu melhor amigo. Hoje, após uma sessão de terapia em que revivi momentos do meu último relacionamento duradouro, lembrei que minha ex-mulher detestava quando eu não servia seu corpo de cerveja, mas fazia um escândalo se a espuma ultrapassasse o limite aceitável ao servir o copo. Aleatoriamente, enquanto lavava a louça e recordava meus dias passados em meio às

nuvens de um dia cheio de vento, percebi que a ditadura do queijo também vigorava entre mim e ela: não havia prato que cozinássemos em que o queijo não estivesse presente em larga escala. Ele se espalhava por toda a comida a ponto de ser impossível removê-lo. Alimentava-me muito mal durante todos os 10 anos em que moramos juntas. Perdi a vontade de comer. E de transar.

Ora-Pro-Nóbis de Flor Rosa

Estávamos reunidos em família para celebrar os 90 anos da minha tia-avó. Todos estavam muito felizes, apesar da ansiedade da aniversariante para

organizar a mesa, certificar-se de que cada um dos convidados estivesse desfrutando do banquete, garantir que as empregadas domésticas se alimentassem adequadamente na mesa separada no jardim e que os animais de estimação permanecessem no quintal para evitar muita confusão no cômodo dos humanos. A conversa não prospera se o assunto for algo científico. Tentei propor alguns temas para interromper a fofoca sobre os moradores da cidade. Alguém ali comentou: Zé da viação mineira voltou a ser internado. Expressões de preocupação e lamento se espalharam. Quem é Zé da viação mineira, questionei. Você não conhece ninguém, ouvi. A Carmina melhorou? Carmina teve ruim? O marido dela não te contou? Soube que Lucinho do leite também teve ruim, pegou dengue. Olha o mosquito sobrevoando aqui, disse, apavorada, em meio aos noticiários como plano principal.

Trombeteira

Boa noite! Vim verificar se você finalmente melhorou das dores. Já faz um mês? Ouvi dizer que demora cerca de seis meses para se curar de verdade... Não, eu li isso em um grupo. Foi a médica da minha cunhada que mencionou. Ah... que terrível, que pena! A Geralda me disse ontem que essa é a segunda vez que ela é diagnosticada com câncer. A primeira vez foi há dez anos. Ela está com trinta e seis anos agora. A família não quer saber de nada... O pai acha que é exagero, a mãe cortou relações com ela. Já pensou? Pois é, pois é. Com certeza, Teresa! Vamos ajudar. Podemos dizer a ela que a acompanharemos na cirurgia? Acho que é importante que a menina tenha esse apoio. Tadinha. Não dá pra entender. Ah! É mesmo! Aqui está batendo recorde, né? Ouvi dizer que a água está contaminada. Vê se não toma. É... mas tem gente que usa, né? Pra escovar os dentes? É mesmo! Não pensei nisso. Aí não dá pra evit... Ferver! Isso mesmo!

Sansevieria

Decidi aceitar que todos nós nos repetimos. Somos um amontoado de traços que se refletem em outros amontoados de traços repetidos por aí. Pequenas faíscas de cinza transformadas em explosões, cujas fumaças expelidas são nossas palavras. As mesmas palavras o tempo inteiro.

Pilea peperomioides

Penso na infância de meu pai, um pouco distante da minha, ainda que percorrendo o mesmo caminho — o fogo que é a água, e chegando ao mesmo lugar, parafraseando aquele músico que tantas vezes ouvi pela boca do meu pai, a mesma história, repetida inúmeras vezes, sem nunca lembrá-lo da repetição, porque eu queria ouvi-la mais uma vez. E volto a repetir: dois dias após o lançamento de seu último álbum, Raul Seixas faleceu. Teve uma parada cardiorrespiratória. Era 21 de agosto de 1989. Pergunto-me se Raul gostaria de ter visto a década de 90 ou a chegada dos anos 2000. Meu pai tem certeza de que ele estaria escrevendo, hoje, em meados de 2020, com o mesmo fulgor das épocas de ditadura. Naquele ano em que Raul morreu, meu pai estava prestes a completar 19 anos. Já conhecia minha mãe, uma mulher absurdamente bonita, segura e independente, um pouco mais velha que ele — o que ele faz questão de ressaltar até hoje, embora ninguém acredite. Já estavam apaixonados e compartilhavam os LPs de suas bandas e músicos favoritos. Rodeados de amigos, bebidas, drogas lícitas e ilícitas. Praticamente a mesma vida que eu levava aos 20 anos, exceto pela constância e independência. Corrijo: a vida que eu gostaria de ter tido aos 20 anos. Raul era um dos favoritos do meu pai. Minha mãe preferia o movimento Tropicália e o Barão Vermelho, especialmente Cazuza, que também estava prestes a morrer. Os clássicos do rock internacional tocavam por ali em seus dias, sem entender bem as letras, mas próximos dos significados. Certo dia,

meu pai soube de um show de Raul Seixas em Belo Horizonte, cidade onde morava. Não conseguiu conter a felicidade: iria ao show. Mas não conseguiu ingresso, contou-me, porque esgotaram rápido e, naquela época, a circulação das notícias não era tão ágil — o que eu entendo, já que na minha infância e adolescência percebi que a comunicação de hoje não é a mesma de antes. "E como você foi, então?", perguntei-lhe todas as vezes que ele mencionou esse show, e ouvi centenas de vezes a mesma resposta: "Invadimos. Primeiro, ficamos do lado de fora ouvindo. Depois, os caras arreventaram a grade e fomos todos assistir ao ídolo. E ele levou numa boa, disse que seu show era para ser assistido." "E não lotou o espaço?", perguntei apenas uma vez, porque antes não me preocupava com superlotação. Meu pai não se lembra da logística e de quão cheio estava, mas recorda-se da felicidade e da angústia de saber que, naquele mesmo ano, seu ídolo havia completado sua jornada na vida. Tinha valido estar na capital.

Passiflora incarnata

Certa vez, quase me envolvi com um pesquisador de uma área próxima à minha. Foi um caso muito rápido; me apaixonei pela sua maneira ágil de usar as mãos e a língua. Com a própria genitália, nem tanto — era rápido, questão de segundos, não manuseava muito bem, não se preocupava. Na primeira vez que saímos para conversar, me interessei; pensei que poderia surgir algo dali, uma junção entre mente e orgasmo, o que realmente me alucina a ponto de me deixar um tanto quanto obcecada pela relação monogâmica que poderíamos construir. No entanto, pouco tempo depois, infelizmente, ele me mostrou o quão limitada era sua capacidade de respeitar meu espaço pessoal e lidar com os desafios sociais diários de forma menos repulsiva. Me contactava o tempo todo. E sempre falava das mesmas coisas, queixando-se do mesmo. Não sabia estar sozinho sem mim? Se convidou para viajar comigo. Em questão de semanas, virei sua própria cidade. Ele habitou em mim como o verdadeiro invasor de terras,

não como o movimento popular que faz mais pelas nossas terras do que qualquer um que o critique. Habitou em mim como o capitalismo se apossou de uma natureza que ressurge para expulsá-lo, ainda que lentamente e sem movimento aparente aos olhos humanos.

Cyclamen

Desde que me permiti trocar a noite pelo dia — ou, pelo menos, algumas horas entre esses turnos — voltei a dormir bem. Martela na minha cabeça um pensamento que não me deixa em paz: quando me atrevo a ser eu mesma, as coisas fluem de maneira orgânica. Usei essa mesma palavra antes do ponto final na aula da semana passada e me percebi entregue aos modismos acadêmicos. E agora volto a repeti-la, provando que as palavras são o eixo da minha existência. Toda essa sequência de pensamentos, enquanto fumava na janela e observava uma vizinha fascista que me encarava enquanto eu tomava meu café da manhã às 15h de um sábado, me trouxe à memória o único amor não convencional que tive. Jurei nunca mais nomeá-lo, especialmente para minha irmã, que o detestou desde o primeiro dia em que os apresentei.

Arnica

O interior está dentro de nós, como a pulsão de acreditar em deus em terras abençoadas por ele, segundo as crenças, segundo os rumores. Eu me via encarcerada em minhas relações, assim como certos corpos permanecem desconfortáveis em suas cidades interioranas, por medo de se expandirem. É um desafio constante andar acompanhada pela melancolia. Rompi um casamento de 11 anos com um grande amigo e espero encontrar respostas neste pequeno fragmento para uma dor que nasce da imposição: ser uno es convivir con la tragedia. Não tenho respostas, mas escolho não comer queijo. Sigo com a libido em dia desde então.

ALICE MACHADO

MADALENA

DA AUTORIA



Alice Machado, brasileira, nordestina, alagoana, dona de uma doçura e visão lúdica da vida. Moça fina, inteligente, intelectual, vê sempre a vida com um olhar analítico, sensível ao que a rodeia. Sua pouca idade engana a todos com a maturidade que esconde por trás do sorriso meigo e gentil.

Eu nunca fui o tipo do homem que é habituado ao usual. O incomum, o diferente sempre me apeteceu mais. O normal era entediante para mim. Quando desejava um animal de estimação, não me contentava com a simplicidade de adotar um cão ou um gato. Durante a minha infância, criei corvos, cobras, raposas e até mesmo cheguei a cuidar de um suntuoso pavão albino, com as mais invejáveis penas e plumas. Quando sentia tédio, não buscava por aulas de idiomas ou instrumentos como os

conhecidos da minha idade, mas, sim, por incumbências excêntricas como esgrima, canoagem e até mesmo trilhas obscuras em cavernas.

A fortuna de minha família sempre permitiu que eu satisfizesse meus caprichos, mas essa história fala sobre como essas extravagâncias me levaram à mais dolorosa ruína. Meu fascínio pelo excepcional levou-me a viver chocantes aventuras, mas a história que estou prestes a contar é mais surreal do que qualquer situação que tenha me acontecido ao longo da minha ordinária vida. Eu diria, na realidade, que é mais ultrajante até mesmo do que qualquer outro possa ter vivido nos bilhões de anos que antecedem a nossa humilde existência. Sei que posso soar descomedido, mas quaisquer hipérboles utilizadas para contar tal história não seriam o suficiente para explicar sua magnitude.

Devo pôr em evidência que minha complicação e exigência por muito tempo ramificaram-se para o âmbito romântico. Minha progenitora fazia questão de apresentar-me as mais vistosas moças. Dado meu desinteresse,

procurou pelas intelectuais, pelas prendadas, aquelas que cozinhavam com excelência, as que limpavam com esmero, as que possuíam talentos diversos, entre outras qualidades. Nenhuma delas me agradou.

O ponto central é que o desejo constante de arriscar novos horizontes tornava a ideia do casamento sufocante. Assumir a responsabilidade de prover para um lar, criar e educar herdeiros... Era um fardo pesado para um jovem aventureiro com um vasto mundo ainda a explorar. Digo “era”, pois isso pertence ao passado. Tudo mudou no instante em que meus olhos foram agraciados pela visão de Madalena, a verdadeira protagonista dessa história. Não fiquei surpreso quando ouvi seu nome pela primeira vez e soube que era um nome bíblico. A magnificência de Madalena realmente só poderia ser explicada por algo etéreo — embora, atualmente, eu acredite que um nome demoníaco a definiria melhor.

Madalena tinha os cabelos tão escuros que beiravam o azul. Era de um negrume tão intenso que causava a sensação de ser puxado para um vazio no espaço-tempo se olhasse fixamente por tempo demais. Liso como a mais fina seda, brilhante como as mais luminosas estrelas, os fios escorregavam em cascata por seu rosto como as cachoeiras do mais límpido rio. Seus olhos, em contraste, eram tão cristalinos que, por pouco, seriam transparentes. Eram grandes, intensos, frios. As íris não possuíam sequer uma faísca de azul, apenas o mais mórbido tom de cinza. As pupilas pareciam dois buracos no mais gélido branco, de tão claros que eles eram. Ser observado por Madalena era como ser observado por um predador.

Ela era espantosamente alta. Seus membros eram longos de uma forma que beiram o bizarro. Eu sempre fui um homem de boa estatura, creio que teria em média um e oitenta quando a encontrei, mas ela conseguia ter altura superior à minha. Além disso, assemelhava ser ainda maior, devido à sua estrutura física assombrosamente magra. Ossos decoravam visivelmente sua pele desde o rosto até os dedos.

Não escondo que minha curiosidade falou mais alto no dia em que

nos esbarramos, a festa de noivado de uma prima. Ela olhou fixamente em meus olhos, me examinou de cima a baixo, então proferiu um “perdoe-me” em tom gentil e educado. Por mais que soasse suave, sua voz era naturalmente audível e inteligível. Era um ruído grave e cadenciado, embora, ainda assim, soasse feminino e gracioso. Não parecia perceber que o somido de suas cordas vocais era tão altivo. Ela era puramente fascinante. Eu precisava dela.

Procurei por ela e perguntei a todos sobre aquela presença imponente, mas não obtive resposta. Ao contrário, recebi olhares confusos e respostas ríspidas quando descrevia aquela excentricidade. Uns disseram que eu era louco, outros que eu era um bêbado, mas ninguém pareceu notar Madalena ali, era como se ela tivesse algum tipo de filtro de percepção que fui o único capaz de quebrar. Com exceção da noiva, que quando a questioneei sobre a mulher, arregalou os olhos e ficou pálida como uma folha de papel.

“Esse demônio está aqui? Por favor, expulse-a! Mande essa mulher embora!” exclamou, parecendo atordoada. Estava tão encantado que quase não dei ouvidos ao desespero de minha parente, minha mente fixa no fato de que ela a conhecia. Era tudo o que eu precisava.

“Qual é o nome dela?” eu questioneei, claramente desinteressado em possíveis intrigas entre as duas. Minha prima hesitou antes de responder.

“É inútil lutar contra ela.” soou cansada. “Madalena.” disse de forma tão cautelosa que parecia dizer um segredo de estado. “Escute, não importa o que aconteça, por favor, confie no que eu digo. Aquela criatura... Digo, Madalena...” suspirou. “Fuja enquanto você pode.”

Veja bem, morei por toda minha vida em uma cidade pequena. Todos se conhecem e sabem dos grandes acontecimentos nas vidas uns dos outros. Minha prima, por lá, era conhecida por ser paranóica, escandalosa e por sua tendência a acreditar em misticismos. Caso tivesse saído da boca de qualquer outra pessoa, eu teria dado alguma credibilidade. No entanto, minha prima tinha sua fama e, hoje em dia, dada a natureza desse relato, eu acredito que ela tem seus motivos para ser como é. Se eu a tivesse escutado,

talvez não estivesse na situação na qual eu me encontro enquanto escrevo essas palavras — possivelmente as minhas últimas.

Madalena continuava desaparecendo todas as vezes em que eu chegava perto o bastante para vê-la e trocar breves palavras. Não faço ideia se ela fazia isso propositalmente na tentativa de me intrigar, mas funcionou. Procurei por ela como um cão policial fareja um criminoso. Foi semanas após o casamento de minha prima que eu consegui, enfim, conversar com ela. Mais uma vez, ela parecia a mulher dos meus sonhos. Compartilhava comigo da curiosidade pelo novo, do tédio pela mesmice, da sede por aventuras... Ela parecia até mesmo ser uma versão feminina de mim. Raciocinando por agora, talvez ela realmente fosse.

Casei-me com ela um ano após o casamento de minha prima. Lembro de tê-la convidado para levar as alianças, e recebi como resposta o “não” mais frio e apático que eu já pude ouvir em toda minha vida. Costumava ser próximo dela, mas desde que assumi Madalena para a família, ela se afastava cada vez mais. Às vezes, podia flagrá-la falando para as pessoas que era tarde demais para mim. Certa vez, ouvi ela dizer para minha mãe algo similar a: “Que diferença faz manter laços com ele? Ele nada mais é do que um boi.”

Contudo, ela compareceu no dia do meu casamento. Passou a cerimônia inteira com lágrimas nos olhos. Chorar era algo comum em casamentos, claro, mas suas lágrimas não eram de emoção. Ela foi embora antes do fim da festa. Alegou sentir-se nauseada e tonta.

Após o casamento, percebi pontos estranhos em Madalena. A grandíssima casa que eu tinha comprado para morar com ela parecia encolher enquanto ela tornava-se cada dia mais alta. Os ossos longos estalavam a cada movimento e tornavam-se cada dia mais aparentes na pele amendoada, que aos poucos ganhava um tom cinzento. Os olhos tornavam-se cada dia mais brancos. Ela estava amedrontadora, mas eu continuei ao seu lado. Apesar de tudo, eu era seu esposo, prometi apoiá-la e cuidá-la, não importava o que acontecesse.

Sua aparência não era a única coisa que sofria mudanças graduais. Seu temperamento, antes sereno e gracioso, dava lugar a um temperamento explosivo, com repentinos acessos de raiva sem explicação ou com motivos supérfluos. Chegava a ter medo dela, de minha própria esposa, quando seus gritos eram tão altos e intensos que mais parecia a voz de um monstro.

Porém, engana-se quem pensa que eu fiquei calado frente a ela. Todas as vezes em que eu recebia rugidos estressados dela, lembrava a ela de que eu era quem tinha comprado aquela casa e exigia respeito nela. Sua resposta era sempre a mesma, em um tom aveludado, que nem soava como a mesma pessoa: “perdoe-me, meu amor, eu estou faminta”. Eu sempre a perdoava. Quando ela não explodia, ainda era por quem eu havia me apaixonado.

Acostumei-me com a estranheza dela, embora ela parecesse definhar a cada dia. Ela parecia evitar a luz do sol e espelhos. Também parecia evitar, a todo custo, ser vista por quem quer que fosse, com exceção de mim. Cada dia eu via menos a minha esposa, e cada dia mais ela parecia diferente. Estava exausto da situação na qual eu mesmo me colocara. No entanto, uma constante era mantida desde o início do casamento: todos os dias, nas três refeições, Madalena nos fazia um grandíssimo e delicioso jantar, mas não comia nada. “Fico satisfeita em tê-lo satisfeito”, ela falava, com um sorriso gentil. Eu deveria tê-la ouvido com mais atenção.

Tudo isso levou até hoje mais cedo, quando me assustei com a aparência monstruosa de minha mulher. Sua face pareceu desconfigurada quando eu a vi na cozinha, preparando mais um daqueles banquetes. Observei escondido ela matar uma galinha com a mesma dó que se mata um mosquito. Quando me viu, ela disse com uma voz grossa e lenta, junto ao que eu suspeito ser a tentativa de um sorriso: “estou preparando o banquete”. Segundos depois, ela completou: “você”. Então, corrigiu-se, após coçar a garganta: “o banquete, para você”.

Tendo isso como o estopim para tudo que eu aguentara nas últimas semanas, resolvi, enfim, dar ouvidos à minha prima. Enviei, por meio de um mensageiro, uma mensagem que não foi respondida, mas ela apareceu em minha casa o mais rápido possível, segurando pastas contendo fotos de diversas épocas, pinturas e manuscritos, todos eles contendo algo em comum: Madalena. Ela me mostrou cada uma, e mostrou que era sempre a mesma pessoa.

“É a primeira e última foto que todos eles tiraram dela”, ela contou. “Depois disso, ela se torna asquerosa, vira essa fera que você tem em casa. Fera literal.” tirou a última foto da pilha e colocou à minha frente. Era Madalena ao lado do homem que costumava ser meu tio em sua juventude, e a minha prima quando não passava dos oito anos de idade. Arregalei os olhos, repentinamente me lembrando de onde conhecia o rosto que tanto me atraiu. Na foto, Madalena e meu tio sorriam, mas a minha prima tinha uma expressão assustada. “Todos me chamaram de louca quando eu falei que a minha madrasta virou bicho, matou meu pai e desapareceu”, contou sobre o fato distante que malmente eu lembrava. “A polícia simplesmente deu os dois como falecidos e me entregou para vovó, mas eu vi tudo. Eu vi quando ela-”

Um alto grito agudo e assustado interrompeu minha prima. Reconheci a voz da minha esposa vinda do subsolo. Gritou “querido, me ajude!” e foi intuitivo o ato de correr para onde ela estava. Minha prima correu atrás para tentar me impedir, tropeçou e caiu escada abaixo. Corri para socorrê-la, quando repentinamente não ouvi mais seus gritos por ajuda.

“Não é quem eu preparei, mas serve de petisco”, a voz grave que mais cedo eu tinha escutado proferiu pausadamente, em meio a golpes com uma luminária quebrada que estava guardada. “Você será o próximo. O melhor fica para o final”, foi o que me foi dito quando eu tentei voltar para as escadas, poucos segundos antes do subsolo ser trancado com rapidez, para que nem eu, nem a minha prima — agora morta — tivéssemos alguma chance de

fugir.

Tudo ocorreu em uma ligeireza absurda. Estou trancafiado, sentado no chão, rente a uma poça de sangue da minha prima, enquanto escrevo isso em um caderno qualquer que encontrei nas empoeiradas estantes do subsolo. A sanguinária que costumava ser minha bela esposa está envergada e acorada no chão, agarrando um dos braços daquela que antes me contava sobre o perigo que eu tinha nos colocado. A criatura segura o braço delicado de minha prima como quem segura uma coxa de galinha, e o rosto belo de outrora, agora está sujo do mais intenso dos tons de vermelho enquanto dentes afiados rasgam a sua vítima sem piedade. A quietude e o sombrio me impediram de raciocinar à medida que o tempo passou e percebi que qualquer tentativa de correr seria em vão. Assim como todos aqueles que vieram antes de mim, eu estou prometido à morte. Tudo o que posso ouvir agora é o som de ossos se quebrando e da coisa lambendo os beiços em satisfação, tudo que posso ver é o vislumbre daquela coisa por entre a poeira e o mofo do subsolo, e tudo que posso pensar enquanto escrevo essas palavras é a consternação do mais puro e absoluto arrependimento, a um ponto que consigo sentir um verdadeiro amargor tomar conta do meu paladar.

Enquanto o contentamento do inevitável toma conta de mim, uma pequena chama de acalento acende em meu peito ao perceber que morrerei como vivi. Sempre falei que não aceitaria passar meus últimos dias em uma cama de hospital e estou prestes a ter um fim tão excêntrico quanto eu. Confesso que foi esse o pensamento que me fez ter a ideia de escrever tudo o que me ocorreu, e não a possibilidade de alertar outros homens. Até em meu leito final, o meu desejo de me vangloriar de minhas aventuras fala mais alto do que qualquer coisa.

Morrerei sabendo que vivi da forma que quis. Na busca pelo incomum, descobri que há uma linha tênue entre o extraordinário e o perigoso, e eu atravessei sem hesitação. Presenciando Madalena – ou o que quer que seja

ela agora –, devorar um ser humano com uma ferocidade bestial, com a ciência de que serei o próximo, não consigo não reparar na ironia da situação.

Parte de mim diz que meu relato será encontrado e servirá para manter minha memória viva e ajudar qualquer outro pobre coitado que cruze o caminho dessa besta, cuja vitalidade voltará assim que terminar de se alimentar. No entanto, a parte mais racional me faz lembrar que o provável é que esse velho caderno nunca mais seja visto por outra alma viva, fadado ao esquecimento entre o mofo deste porão, assim como eu.

O mais completo silêncio e a penumbra acabam de tomar conta do ambiente à minha volta, então, eu creio que essas são minhas últimas palavras. Portanto, isso é tudo. Isso é o fim. Meu fim. Com isso, minhas últimas palavras são: Nunca, em nenhuma hipótese, confie em Madale

ALICE ROCHA

Quatro microcontos

DA AUTORIA



Audiodescritora roteirista e narradora, escritora e graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Alice Rocha tem 28 anos e é natural de Maceió-AL. Amante da literatura, publicou *No papel, aquilo que meus olhos imprimiram* (Wattpad, 2021), *Mistérios no topo da serra* (Luminescências, 2024). Atualmente trabalha em *As cartas que você não me escreveu* (Wattpad, 2024).

alicegomesrocha@hotmail.com

UMA FESTA DE MATAR

Os olhares, os sorrisos e os abraços apertados fizeram jus à despedida. Difícil foi acreditar que ninguém notou que dentro do caixão eu ainda suspirava.

SEPULTURA

Na pequena sepultura, em letras douradas: "Nunca mais encheu a boca pra falar mal de alguém.". – Ao terminar de ler, virei-me para o homem ao meu lado e falei: e eu achando que papagaio tinha bico.

ANALOGIA AO DESCONHECIDO

- Ei, você. Este prato está meio cheio ou meio vazio?
- Posso comer?

NAQUELA MESA

Olhei o lugar que deveria estar vazio na mesa, mas você ainda estava lá. Seu olhar alfinetava a minha alma. Peguei a taça de champanhe e a ergui.

- Um brinde à sua morte!

DEIÇO XAVIER

BALDIOS

DA AUTORIA



Davidson José Martins Xavier (Deiço Xavier), nordestino, artista da dança e do movimento, trabalha também com docência e audiovisual. É mestre em Artes da Cena PPGAC/UFG, atualmente cursa Doutorado em Artes PPGARTES/UERJ, percorre trilheiros autobiográficos empenhado em desenvolver artes cênicas que reflitam sua narrativa pessoal por meio da autoficção. Possui experiência em Dramaturgia(s) e Poéticas do corpo, Processos Criativos e Videodança.

navicularse@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0091157995926784>

O terreno baldio estava repleto de mato alto, colônio. Apesar da rua de cima ser movimentada, o loteamento, começando na rua de baixo, foi aberto tão rapidamente que pouco se preocuparam em iluminar. Numa rua de terra, num loteamento recente da cidade, o terreno estava lá.

No início, o terreno não estava baldio. Ele abrigava apenas duas árvores: um angico recente e um pau-santo velho e tortuoso. O lugar, ermo, tornou-se um atalho entre duas avenidas movimentadas. Quando não havia quem quisesse passar por ali, chegávamos outros, aqueles que queriam ficar, pelo menos momentaneamente.

Toda cidade tem um espaço de murmúrios. Com mato alto, esses lugares mocados, pertencentes às quatro ruas sem asfalto, formavam-se no entrecruze de passos interessados. Era uma mistura de gentes-piquete, que distribuíam seus serviços por turno, ao cair das horas de trabalho. Serventia que não faziam de forma aberta na sociedade

Nessa época, eu só tinha cheirado loló uma vez, num show do Charlie Brown Jr. No movimento da roda, numa esfregação de cotovelos tensos e sob o som grave da caixa amplificadora, lembro de ter ficado tonto, acompanhado de várias gargalhadas que me consumiam. Também já tinha viajado na marola em diversos lugares. Na praça da Matriz, eu cortava caminho por dentro, prendendo o ar para respirar profundamente o perfume

verde quando passava perto deles. Na praça Dr. Carlos, eu os observava quando ficavam atrás de uma das barraquinhas de camelô, do lado de baixo, perto de uma torneira que constantemente pingava. Era um lugar estratégico para pegar algum ônibus ou simplesmente matar a sede. Enquanto a torneira pingasse, esses corpos confiscariam o espaço, pois estavam sempre sedentos.

Toda cidade é feita de lugares ilegítimos que devolvem fôlego a certos corpos. Nas quatro encruzilhadas que demarcavam o loteamento recente, esses perfumes vez ou outra apareciam, às vezes acompanhados de um pouco de fezes ou urina. Qualquer clandestino que usasse esse campo para transitar entre o centro da cidade e os bairros periféricos, assimilaria sua intenção de margem.

Movido pela curiosidade geográfica, passei por lá quando ainda era um sítio sem cruzamentos e, depois, quando lotearam. Planejava onde ficariam as novas moradias e como seriam diferentes da casa sede: antiga, rachada e ainda habitada. Bisbilhotar, voltando para casa, seus limites com o fundo do hospital, onde os funcionários costumavam jogar suas bitucas de cigarro.

A necessidade criou nos terrenos algumas trilhas por onde figuras entravam isoladamente. O capim que cresceu ali se espalhou entre distâncias, seja pelo vazio de casas ao redor, ou pelo movimento dos corpos afastados. Numa dessas curvas, vi um homem segurando seu pau ereto, em uma convulsão, murmurando. Não era a primeira vez que tinha visto um duro, mas a surpresa me encarneceu as faces, num ardor quente. Caminhando para fora da trilha, eu levava as mãos à frente, protegendo-me do mato alto que cortava um pouco os braços e pernas. Com olhar baixo, a fim de evitar pisar em surpresas, as pernas, num tenso-mole-solto, saíam do mato. Ali, cultivei alguma semente ilegal.

Outro dia, voltando da natação, resolvi passar por ali. Não era horário propício, mas sentia, prendendo as coxas, meu membro duro e molhado. Já que os desajustados se ajustam quando não se depositam os olhos sobre

si, virei a esquina.

Na primeira encruzilhada, já ofegava, lembrando do som convulsivo que o espaço carregava em minhas cabeças. Na segunda encruzilhada, olhei de longe uma silhueta caminhando no exato meio da rua. Mudei o rumo e notei que o corpo à frente também mudou. Nos cruzamos um pouco mais acima, na terceira encruzilhada.

Eu, olhos nos olhos açucarados dele, notei que seu corpo rude entregava outros sinais. Ele havia acabado de passar a mão no volume da bermuda. Uma bermuda tãctel com um motivo florestal balançava em nós - os cordões - que a seguravam no corpo. Enquanto ele caminhava, eu imaginava os cordões trepidando junto com sua alegria de carne. Dobrei o rosto, provoquei outro desacato e salivei seco. Era a tensão do encontro.

Enquanto estávamos de costas um para o outro, virei o rosto novamente e percebi nele uma confiança de quem comanda o lugar, retirando a camisa e a colocando no ombro direito. Seus chinelos levantavam breves poeiras no ar, e num gesto rápido ele entrou no terreno baldio. Gesto que me fez acreditar.

Minha respiração rápida contrastava com as pernas soltas que adentravam o mato em solavancos. Agora eu podia ver seu corpo de costas; ele estava urinando, e eu, num gesto imitei. Sentia a garganta seca e as mãos suadas, uma exigindo cuspe e outra desligando-se do próprio corpo, desejando tocar aquele arco de vértebras.

Enquanto repetia o ato de engolir, esperando a próxima jogada, o via a uma certa distância. Esses dois metros me permitiam ver todo o seu corpo. Naquele momento, não haveria saudades ou dor que pudesse sentir. Seu corpo mestiço estava envolto pelo alto colonião verde contrastando com uma pele canelíssima.

O corpo magro envergava-se para a frente, como se orgulhasse seu sexo, destacando-o agora por baixo da bermuda tãctel, pronto para agir e conquistar. Enquanto caminhava em minha direção, o movimento sinuoso e

calmo com que ele dedilhava as penugens acima do umbigo fazia-me fugir feito água entre os dedos. Mas enraizei-me. Ao caminhar meus dedos pelo externo notei sua respiração exausta. Ele também estava ofegante e, com dificuldade, abriu o calção.

Ambos buscávamos alívio.

Estava eu lá, naquele terreno baldio, observando um corpo nu a poucos metros de uma rua movimentada. O medo de atrair algum olhar inquisidor era menor que o tremor gelado que percorria minha nuca. Era uma fuga palpitante e descompensada.

Fixei o olhar na bermuda no chão, um emaranhado de tecido que encobriu sua vergonha agora exposta. Imitei e mostrei-lhe o que ele queria. Eu cheirava a cloro em algumas partes escondidas do corpo, mas o que tornaria perceptível a minha recente saída da piscina além dos cotovelos acinzentados? Enlacei-o com o braço esquerdo, enquanto a mão direita se ocupava em lhe segurar os ovos.

Quando o rapaz acariciou meus lábios com as pontas dos dedos, abrindo a minha boca prostrada, sorvi todo o líquido que precisava quando ele introduziu a língua em mim. As pernas soltaram-se de vez e, anacrônicos, nos percebemos clandestinos ajoelhados, entrelaçados em gozo baldio, tímido e implosivo.

DIMARIO CAVALCANTE CALHEIROS NETO

Mudo

DA AUTORIA



Dimario Cavalcante Calheiros Neto, 25, cursa Letras – Inglês, nasceu em Maceió, mas ainda muito novo mudou-se para Murici onde mora até hoje.

O trabalho, após intermináveis oito horas, findaria. Nelson se preparava para deixar a sala. Desligou os computadores, passou a chave no armário, desligou o condicionador de ar e apagou as luzes. Lançou olhar sala adentro e percebeu todas as silhuetas, resquícios de luz que atravessavam pequeninos buracos na parede evidenciavam os objetos. Olhou para a sala e

seus componentes, suspirou cansado e despediu-se de alguns colegas seus que preguiçosamente se arrumavam para também sair. No caminho, falou sem muita atenção com outros funcionários. Fizera tudo que lhe fora incumbido. Todas as tabelas e redigiu as declarações especiais, nada faltava. Seu corpo parecia dormente enquanto caminhava. Era uma sexta-feira e as pessoas se divertiam nas ruas com copos de bebida nas mãos. O funcionário passava e observava, circunspecto. Em alguns momentos ensimesmava-se, pensava sobre o estado atual de coisas, sobre seu trabalho desgraçado numa repartição, sobre como, apesar da segurança, era miserável a vida. Era repugnante o modo como um trabalho tão simples sugara-lhe toda a força vital e a perspectiva.

Afastara-se da repartição, andara um bom montante. A noite era demasiado fria e nessa altura já não havia tanta gente se divertindo nas ruas. Estava tudo bastante escuro, com um ou outro cachorro abandonado encolhido rente à porta de correr de algum estabelecimento. Na medida em que continuava o caminho usual, Nelson se aproximava de uma massa amorfa negra. Era difícil identificar sua forma pois ainda estava longe. A distância entre a coisa e o homem encurtava-se cada vez mais.

À medida que chegava perto, a imagem tornava-se mais nítida. A coisa amorfa transformara-se, então, em um homem pequeno, carcomido, cujas roupas eram rotas e fubentas. Aproximou-se mais e pôde depreender as feições do maltrapilho. Era negro, com cabelos crespos curtos e grisalhos, seu rosto era tomado por feridas. “Psoríase?” Pensou. Aproximou-se mais. Estava ali aquele homem quase besta, sob o mijo e uma espuma branca libertava-se de sua boca repleta de dentes podres, anestesiada. Nelson se lembrou do trecho final do célebre poema de Manoel Bandeira: “O bicho, meu Deus, era um homem”.

O mendigo quase que jazia em meio à brancura da espuma e ao mijo. O funcionário ficou por um breve momento embasbacado. Já vira alguns mendigos por ali, mas era a primeira vez que encontrara um miserável em tal estado de corrupção. Pobre coitado. Era triste a situação daquele homem, mas já estava demorando muito, deveria mesmo é dar o fora. Entretanto, alguma maldita força o prendia àquela cena repugnante. Era como se fosse apenas uma lua pequena a orbitar um planeta maior, de força gravitacional imensa. Talvez não fosse nem planeta, talvez aquele miserável fosse um buraco negro e Nelson apenas um homem, espaguetificando-se. Olhou fixamente para o mendigo. Deveria ajudá-lo? Lembrara que espumar pela boca e se urinar eram sinais de envenenamento. Estaria aquele desconhecido envenenado? Mas o pior viria num átimo. No segundo seguinte, o rapaz percebera que o maltrapilho era nada menos que o Mudo, um homem um pouco mais velho que si e que era conhecido de todos. Um que vivia jogando-se de trabalho sub-humano em trabalho sub-humano, recebendo apenas o necessário para sobreviver e continuar a ser abusado. Surgiu de dentro de Nelson um sentimento de aperto no coração. Seria aquele Mudo que participara de sua infância indigno de qualquer grau de piedade e benevolência? Deixaria o homem ali para morrer? “Que farei?” Pensou. Analisou por alguns segundos a situação. Espuma vazando da boca, urina fétida que formava uma poça iniciada a partir da braguilha aberta, seu rosto e pernas repletos de feridas purulentas, os cheiros imundos

mesclando-se para criar uma fatalidade. Deveria levá-lo ao hospital, deveria tratar aquele pobre diabo da maneira correta e cordial, a qual todo e qualquer homem minimamente decente teria direito. Mesmo que fosse bêbado e impertinente, o Mudo não deveria ser de todo mal. Estava prestes a jogá-lo por cima dos ombros e andar todo caminho de volta rumo ao hospital, onde o ajudariam. No entanto, lembrou que outras vezes mais foi avistado em situação semelhante, claro que não tão ruim, mas já era *modus operandi* daquele pestilento agir desse jeito, isto é, segundo sua natureza vil. Embrabeceu-se o Nelson. Passaria vergonha se o levasse ao hospital, ririam de sua cara e o chamariam de tolo. O Mudo estava apenas bêbado e vagabundeando por ali. Desesticou o braço. Aquele cometedor de indecências não merecia nada. Mas e se morresse? Seria Nelson capaz de suportar o peso da morte daquele homem, ainda que este fosse uma espécie de mosca, um rato moral? Parou de desesticar o braço. Engoliu seco, agora suave. “Que farei?” Pensou. “Salvo o Mudo e sou humilhado ou o deixo para morrer?” “E se ele não morrer? E se ele viver e eu for alvo de manguações?” Cansou-se do dilema. Chacoalhou sua cabeça rapidamente. Estava extremamente transtornado e suando bicas. Apertou suas mãos rentes à cintura, correu-as sob sua face, apertando as sobrancelhas, os olhos, o nariz e a boca. Cerrou a boca com força, os dentes rangendo. “Mas que merda! Basta disso!”. Nelson apertou o passo e meteu-se na continuação do caminho. Era mentira a história do Mudo, ele estava apenas bêbado e se não o estivesse, que fosse deixado para morrer. Enquanto saía rapidamente, Nelson parou, olhou para trás por uns instantes, olhou para o semblante desacordado e pesaroso do Mudo, semimorto. Estaria envenenado? Voltou alguns passos para trás. “Não, caralho, não!” Voltou para onde estava, apertou o passo, chegava quase a correr. “Que você morra, Mudo!”. Nelson correu por alguns instantes, mas rapidamente desistiu, sentiu-se patético. Engoliu tudo de sentimento que restara, quase regurgitando, e seguiu seu caminho.

No outro dia, rumando para o seu ordinário trabalho onde prepararia

mais mil e tantas declarações e ouviria declamarem com pompa mil e uma platitudes, Nelson pensou sobre o ocorrido. “Será que o sujeitinho teria morrido?”. Deu de ombros. “Com certeza não é meu problema...” repetiu de si para si, quase aliviado. Andou mais pelo percurso, o sol debilitando seu juízo. Daí então chegou na repartição e, na porta mesmo, cumprimentara alguns de seus colegas de trabalho. Mas eis que, alguns metros dali, na outra esquina, e só ele, isto é, o Nelson, percebeu, estava aquele maldito Mudo. O sol descarnando mais ainda sua face, nodas de mijo e álcool em suas roupas. E o Mudo olhou fixamente para o Nelson que lhe retribuiu o olhar. O olhar fixo do Mudo, como um demônio, transtornava o Nelson. O funcionário da repartição ficou nervoso, desviava o olhar do Mudo, ansiava que este fosse embora, que se escafedesse. Mas o Mudo continuava olhando e olhava cada vez mais fixamente, talvez até soubesse que fora deixado para morrer. Não tinha culpa de ser um mudo e de ser pobre, por que teria de morrer? Por que ele não seria ajudado e por esses “dignatários” almofadinhas, se em situação semelhante, seriam movidos céus e terras? O mudo desviou o olhar e meteu-se a andar, bem sério, quase que prazia sua seriedade. O Nelson foi puxado para dentro por seus colegas e voltou a si. Riram dele por suar bicas, ele riu também, sem jeito. Tomou alguns documentos e assinou-os como uma máquina até o fim do expediente, Mudo.

FÁBIO BIONDO

NU (*Segredo*)

DA AUTORIA



Fábio Biondo, 44 anos. Nascido em Londrina. Radicado em Curitiba. Formado em Marketing e Pós-Graduado em Direção de Arte para Cinema e TV e em Design Instrucional. Atua nas áreas das artes visuais, audiovisual e educação presencial e à distância. Participou de exposições solo e coletivas, festivais de audiovisual e animação em território nacional e estrangeiro. Escritor estreado.

Nascer nu

Comecei a desenhar muito cedo, antes de ser alfabetizado. Copiava livrinhos de desenho do Banzé, heróis de revistinhas. Assisti muita TV. A TV foi minha segunda mãe e minha primeira namorada. A primeira paixão foi pela Beth Faria na novela Baila Comigo. Mandava beijos de sofá.

Em oitenta e nove ganhei um caderninho de desenho de folhas pequenas, com cerca de dez centímetros de altura e uns seis centímetros de largura. Nesse mesmo período meu pai foi transferido no trabalho e

nos mudamos de cidade.

Na escola da nova cidade fui muito bem recebido pela Tia Juliana, professora da terceira série matutina. Ela tinha olhos grandes e azuis que pareciam duas piscinas. Ela era muito expressiva.

Gostava tanto da Tia que comecei a desenhar ela no caderninho. Na casa nova tinha um quintal enorme, uma jabuticabeira, uma mangueira e a garagem era um barracão de madeira onde o pai guardava a Brasília setenta e nove. Atrás da garagem ficava um espaço entre a garagem e o muro com um toco de árvore cortado na altura de um banquinho. Sentava ali e desenhava a Tia Juliana.

Também desenhava na escola, mas não a Tia, porque tinha vergonha. Um colega também desenhava. As obras dele eram mais voltadas para o

ambiente rural. Ele desenhava vaquinhas, boizinhos, paisagens enquanto eu desenhava personagens de ficção. A Tia Juliana nos encomendou algumas artes e as reproduziu no mimeógrafo e distribuiu pela escola toda. Todos gostaram muito. Fiquei em euforia.

Não sei se pela puberdade chegando ou simplesmente um olhar especial, resolvi de uma hora para outra desenhar a Tia Juliana nua. Já não dava mais para desenhar ao ar livre então fui para o fundo da garagem, me enfiei debaixo do carro e desenhava deitado com metade do corpo escondido.

Cortei a mochila com um estilete e fiz um compartimento no fundo da mochila para guardar o caderninho.

Passado o tempo, por ímpeto artístico, comecei a desenhar a tia da cantina, as vizinhas, a moça da padaria, as visitas.

Ficou cada vez mais forte. Via uma moça e queria ir para casa, debaixo do carro, desenhá-la nua. Os temas iam além da nudez, misturavam também temas que habitavam o imaginário de um menino como: bicicross – corrida radical de bicicletas. Num desenho infantil simplificado, representava uma mulher nua saltando de uma rampa em uma bicicleta.

Devo ter feito uns 60 desenhos. Ali, naquelas páginas, as mães de todo mundo, nuas, lutando karatê.

Noutro dia cheguei da aula, engoli a comida rapidamente e fui para debaixo do carro. Estava tudo silencioso até que ouvi passos. Do nada um berro: “- O que você tá fazendo aí?”.

Era minha irmã, quatro anos mais velha e dona de um bom boxe-sujo, que é aquele que vale cotovelo, cabeçada e cuspidas.

Ela arrancou o caderninho da minha mão e começou a folhear. Quase morri de medo. Lutei como podia e arranquei da mão dela. Por sorte ela viu só as primeiras páginas, onde os desenhos eram mais comportados. Então, para ela, a piada era eu estar apaixonado pela Tia Juliana. Deu um alívio. Saí correndo e pulei o portão de casa. Poderia ter aberto o portão e saído, mas me sentia um criminoso.

Além de desenhar a moça nua, eu anotava do lado o nome e a profissão. Do tipo: Neide – Cabeleireira. Se me pegam ia dar confusão. Teria de ser deportado.

Fiquei perambulando pelas ruas. Fui até um terreno baldio e escondi o caderninho nos entulhos. Voltei para casa, pulei o portão de volta e peguei uma caixa de fósforos. Pulei o portão uma última vez.

Folheei o caderninho, me despedi das mães nuas e queimei minhas primeiras obras eróticas.

Sofrer nu

Era uma manhã de domingo e ouvi o choro inconfundível da minha irmã. Vinha do banheiro. Ela estava debaixo do chuveiro, nua, com sangue escorrendo pelas pernas. Cheiro forte de ferro. Preso no ralo uma massa coagulada do que já havia sido sua gravidez.

Segurei ela e ajudei a se limpar. Coletei o que parecia ser uma gema de ovo feita de sangue do ralo, joguei no vaso e dei descarga. Vindo da sala, ouvia alguns xingamentos e resmungos.

Um homem sem condição reclamando do barulho. Enrolei minha irmã numa toalha e levei no meu quarto. Ela havia se casado muito jovem com um panaca. Fui na direção da sala e fiquei parado de pé do lado do colchão onde ele estava deitado.

Até hoje me cobro: Por que não pisei na cabeça daquele cara?

Olho nu

No meio da adolescência, comecei a fazer meus primeiros retratos. Comecei retratando minha família. Nesse momento minha irmã já havia se separado e estava recomeçando a vida. Fiz um retrato dela. Nesse retrato, um olho dela se apresenta bem deslocado em altura do outro. Apesar de ser

um retrato torto, por algum motivo, acho que afetivo, ela guarda até hoje. Vim a descobrir que o motivo de meus desenhos serem tortos é uma deficiência congênita chamada ceratocone, onde as córneas assumem o formato de cone.

O retrato é olho no olho. O artista alinha seus olhos com olhos da obra. Devido à minha condição clínica, o que enxergo não corresponde fielmente à realidade.

Na faculdade de Belas Artes, o convívio com o nu se tornou mais corriqueiro nas aulas com modelo-vivo.

Trabalhei no ramo da moda como diretor de arte de editoriais e ensaios. Parte do meu trabalho era acompanhar as sessões de fotos, onde não era raro comer minha marmita rodeado de gente nua devido à urgência das trocas de figurino.

Se o produtor ou modelo ficassem insatisfeitos pela exposição de uma depilação malfeita em uma campanha de cuecas e lingerie, parte do meu trabalho era ampliar a imagem e ocultar poros e pelos. Já cheguei a ocultar a marca de uma vacina BCG.

Esconder um caderninho erótico tudo bem. Mas esconder uma marca de vacina?

E esconder uma violência? Ou esconder uma covardia?

Morrer nu

Em uma entrevista, o poeta argentino Facundo Cabral diz que os homens são responsáveis pela guerra e as mulheres pela vida. Ele mata. Ela gera.

Se pegassem meu caderninho, acredito que as mães iriam se decepcionar ou até achar graça. Os pais e filhos provavelmente ficariam agressivos. Acho que minha irmã teve medo da reação do meu pai.

Acho que aquele cara bateu nela. Também acho que infernizou ela até causar uma crise nervosa que resultou num aborto espontâneo. Não sei o que me impediu de pisar na cabeça desse cara.

Um ditado lorubá diz: “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje.”

O mundo deu volta e tudo se assentou. Limpei os restos da criança que não veio.

Peguei a criança que nasceu no colo. A nudez dos corpos parece incomodar mais que a nudez dos fatos. Para quem vê tudo fora do lugar, quando algo está certo é perceptível.

Não há nada mais nu que um choro. De quem morre ou de quem nasce. Mas quando morre, a gente esconde.

FRANCISCO BATISTA

O BOM CAMPONÊS

DA AUTORIA



Franciso Marinho Baptista é guineense, graduando em Letras – Português pela UFAL. É presidente de estudantes convênio da graduação (PEC-G) da UFAL, amante da literatura brasileira e autor do conto “Nostalgia da minha gente”, publicado no primeiro número de *Luminescências – revista de literatura & outras artes*.

Não eram mais de cinco da manhã, quando N'bundé chamou o filho e falou-lhe, sobremaneira, do início das atividades agrícolas.

— Por que ontem o pai não me avisou?
— resmungou.

— Do trabalho avisa-se? — inquiriu à rigor militar e com um sorriso católico.

Era um raiar de manhã magnífico, que neutraliza as criaturas corpóreas, deixando-as mais inanimadas e sorrindo sobre a felicidade da vida no inferno vivo daquela

tabanca. Para tanto, redarguiu o filho do camponês. Ademais, o seu corpo estava em repouso absoluto, tranquilizando o espírito das preocupações instantâneas e oscilantes que circundam a família camponesa.

O ano era de 1981, dia 20 do mês de maio, cinco dias após o começo da época chuvosa na Guiné-Bissau. Naquele ano, o Estado, por belas intenções e promessas longe de cumpridas, havia feito um decreto exigindo o cumprimento de duas alíneas imprescindíveis:

- a. “Nenhum indivíduo, residente no território guineense, pode exercer atividade agrícola. No incumprimento de tal questão, a criatura em causa oferece de forma voluntária, como pagamento ao Estado, a sua própria garganta. Sem exceções, quer a mulher ou a criança quer o homem, ante a violência são todos iguais”.
- b. Todo indivíduo, em qualquer parte do país, é obrigado a levar os produtos alimentícios a Bissau, especificamente levá-los e lançá-los ao porto de Pindjiguiti, no tardar um mês, a partir da publicação deste documento.

Ouviram-se indagações e lamentações por todos os cantos e esquinas de cada casa e das mais remotas tabancas do país, mas o Estado reprimiu a população e balbuciou o motivo dos lançamentos e dos trabalhos findos. Após o decreto e as boas-fés, foram outrossim severas as vigilâncias em todo território nacional. Chamavam-nos polícias invisíveis e metamórficos, os tais vigilantes, porquanto, do nada e em instantes inesperados, em qualquer parte dos matagais das tabancas guineenses, acudiam sem ser chamados, mas sim odiados.

A princípio a população, sobremaneira a camponesa, tentava resistir e descumprir o cumprimento lacônico, mas apareciam de súbito e aprisionavam todo mundo e todas as suas bugigangas.

— Têm razões — admitiam os míopes.

— Havemos de ver — ponderavam os de ver e crer.

O Estado havia dito e reforçava de hora em hora, tanto de boca em boca quanto na rádio Difusão Nacional da nação, a qual conseguia ser sintonizada onde quer que estivesse o guineense, mesmo no fundo do poço da última tabanca, sobre o cumprimento das normas anormais.

N'bundé era, por sua maneira, composto de fisionomia astuta, aspecto sólido e jovial, sorriso sagaz e, na maioria dos casos, católico. Contava sessenta e cinco anos na certidão de batismo, porém o seu semblante disseminava vinte e cinco. Em virtude disso, deveras, chegou a confessar que era o único no universo com tal minudência humana. Desafiara o Estado e os policiais invisíveis, fê-lo com os mais sutis encantos. De modo que tão somente ele conseguira fazer e, pois, ousara fazer.

Por isso, acordara o filho naquela hora. Aliás, em nenhum momento de suas vidas e em nenhuma época de seus cultivos, haviam se levantado e ido ao campo de lavoura nos tais momentos inanimados. Todavia, clandestinamente, pouco a pouco, foram cultivando. O campo foi vestindo-se de verde vivo, o cultivo foi nutrindo-se da vida e da vista e começou a abrilhantar o olhar de animaizinhos e a estrelar o bosque e, enfim, a deixá-

los de apetite voraz. Porém, o filho do camponês serviu de policial invisível, reprimindo cada passo dos macacos e das ratazanas.

Nos anos retrasados que N'bundé cultivava o campo com um aspecto religioso e suplicante, não havia conseguido senhorear nada igual ao ano do decreto. “Deus existe” dizia de si para si, no mais das vezes, “o Diabo morreu”, de si para o filho. Comemorava à toa a exuberância do cultivo e, ao mesmo tempo, levava o espírito ocupado de reflexões contrárias, umas suaves e outras aflitivas. Logo, inquiria a si próprio sobre as fisionomias dos seus vizinhos.

A magnificência da lavoura misteriosa e secreta, os sussurros dos macacos e das ratazanas, o policiamento do filho, contrastavam de maneira fatigada durante quatro meses. O jorro de mandioca, a jovialidade de mancarra, a relíquia de milho e de arroz tropeçaram-se, abraçaram-se e beijaram-se calorosamente, durante todo o inverno espavorido, uns aos outros. De quando em quando, o filho e o pai faziam os gestos laboriosos e cantarolavam os cantos sinfónicos no matagal. De hora em hora, relembra-los o decreto estatal. Inesperadamente, permaneciam estáticos e mudos durante dois ou três dias, permitindo que os animaizinhos também comessem um pouco pelo bem do catolicismo e boa-fé da Maria Madelena para com eles – visto que se recomenda a convivência católica, a repartição dos bens e riquezas uns para com os outros, sobretudo as almas pobretonas.

Com um sorriso católico e umas pestanas à rigor militar para com o filho sobre o trabalho do campo, e não sobre a vida estudantil, N'bundé, vezes outras, insinuava:

— Jesus Cristo disse que quando se possui, em nomes dos anjos e dos santos vivos e em sobrenomes dos anjos e dos santos mortos, deve oferecer a quem está desprovido ou despido de alimentos.

Passados os cinco meses, a lavoura já pulsava e se revelava cozida. N'bundé, por seu instinto sagaz, construiu centenas de **bembas**, de forma a

colocar e conservar os alimentos para os meses de janeiro, fevereiro, março e abril, os quais eram bordados pela fome dilacerante.

Já no aniversário do menino Jesus, no sorriso e no olhar da população, viu-se a escassez da refeição da ceia. Por sobre as cabeças dos guineenses, brilhava um relâmpago e uma necessidade suprema e suplicante, contudo, permaneceram benquerenças, por respeito a Deus e aos outros santos.

Chegada a época da fome, os raios de sol redobram os esforços e falcavam a terra, vestindo-a num frescor inquietante, proibindo as crianças de andarem descalças. Assim, o holocausto da população atingiu o auge nos cérebros. Começaram as indagações ao Estado sobre os alimentos prometidos e, deveras, percorriam de memória as faturas desperdiçadas no porto de Pindjiguiti.

— Os permitidos alimentos, onde estão? — interrogavam os míopes.

— Tinha traço de inverdade tal decreto — asseguravam os de ver e crer.

No desabar do dia mal-aventurado, redobram e ecoaram em todo o território nacional os protestos, mas o Estado permanecera estático e sem proferir uma única palavra. Tal qual o pai e o filho no inverno sôfrego, as pessoas começaram a morrer de fome. Ouvia-se na rádio Difusão Nacional os relatos das mortes prematuras da população míope em todos os cantos do país, não se fez nada. Caminhava alguém, subitamente caía e partia para o além.

Da mesma forma, viu-se um esforço infame a caminho de Bissau, nas veredas poeirentas, isto é, nas suas bermas, os mortos se haviam amontoados, tal era a circunstância dos guineenses. Mesmo assim foram caminhando, arrastando e morrendo à procura do pão para cada alma libertar-se da morte.

Chegados a Bissau, os mais robustos, tanto quanto N'bundé, amontoaram-se defronte de Casa Escada, protestando e exigindo ao Estado o cumprimento dos dois pontos. Soergueram, vezes sem conta, as cartolinas que continham escritos como: “Estado, tem dó do seu povo e liberta-o da

fome e da morte”. Ao romper da manhã, protestavam de barrigas vazias; ao desabar da noite, acampavam amontoados nos seus acampamentos, famintos de tal maneira que uns continuavam os protestos no além da vida, outros por enormes esforços, retornavam à vida, porém mortos nas almas.

Numa noite esplêndida, o menos esplêndido filho do camponês, bordado por dentro e por fora de cólera, enfureceu não se sabia como, todavia sabia-se o porquê, dirigiu-se ao segurança e inquiriu:

— Está a ceia onde?

— Sai daqui! — vociferou o segurança.

— Mas o Estado... — balbuciou o filho do camponês com uma fisionomia atordoada de pavor.

— Fora daqui! — replicou com uma fúria diabólica.

Apalermado o segurança, irou-se ainda mais, sapateando o filho do camponês, que era rechonchudo e rabugento tanto com o pai como com qualquer que fosse criatura. Algo arreventou no interior da barriga, caiu. Com os olhos cerrados, contemplou mil estrelas e mil lesmas ao mesmo tempo, depois soergueu as sobrancelhas sobre os ofegantes olhos, contemplou um rouxinol que trazia no seu bico um galho da azaleia, sorriu com um sorriso delicado e... morreu.

N'bundé, pela sua parte, bradou um clamor pontiagudo que fora ouvido em todas as tabancas, arrastando-se em direção ao filho. Tal era a fúria da população e o segurança enfiou-se no interior de Casa Escada, tendo saído com gás lacrimogêneo, lançando-o sobre a população que se rebelou, assim como o Diabo nas cobranças das dívidas indignas. Para arrancar N'bundé sobre o corpo do filho, foi necessário dizer-lhe que o filho continuaria vivendo em outro mundo.

Foi uma noite apalermada cujas gaivotas ressoavam por toda parte, as estrelas jamais pestanejavam em um céu coberto de um tom purpúreo. Era um sinal de malquerença do Estado para com a população. Tal foi a mágoa, tanta foi a fúria, todavia ninguém ousara desafiar, em hipótese alguma, o Estado novamente. Aliás, esfriaram os espíritos à míngua da vida. Tão

somente restou uma luz mortiça no semblante do bom camponês. Tampouco conseguiu sustar o espírito católico.

— O Diabo sempre, neste país, está por de trás da porta — asseverou e suplicou — que a sua alma em paz descanse, meu rechonchudo filho! — Que Deus o tenha na sua santa glória e ocupe o nosso quarto na mesma casa, na qual residem Jesus Cristo e sua mãe virgem Maria — implorou ao filho.

Ouviu-se: “o filho seu sempre será lembrado como um herói.”

Assim, toda a gente fez-se presente na alcova do bom camponês, prestando-lhe a mais honrosa solidariedade, deixando os mais sentidos e profundos pêsames para com ele. Comovido na alma, contemplava as criaturas defronte dele, cravava-lhes o olhar mortiço, examinava lhes as pálpebras meio cerradas e tão somente via, nas faces caudalosas, prantos e prantos a enfeitá-las dos pés às cabeças, difundindo a ausência da ceia e, ao que parecia, propagando a presença da morte no seio daquela gente abandonada.

N'bundé, inconformado com a situação, ou, dito de outro modo, o camponês que sempre fora à igreja e ouvira a história de José, filho de Jacó, que fora vendido pelos seus irmãos, deixou-se estar racionalizando sobre o seu catolicismo e a sua índole aqui na terra. Em seguida, vestiu o avental católico, imaginando como se estivesse no Egito, como se se enfiasse ao interior do palácio do faraó, como se estivesse ante o armazém do faraó. Retornou a Bissau, licenciou-se do Estado guineense e este, a contragosto, fê-lo falar à população pela rádio Difusão Nacional, anunciando a boa-nova, a de venda e do empréstimo dos sustentos para toda a população da Guiné-Bissau durante todo aquele verão dilacerante.

HANNY SANTANA

A despedida da criança

DA AUTORIA



Hanny. Hanny Santana. É uma mocinha de 18 anos do município de Maceió que, depois de passear por tantos livros, aperreios e avenidas de ônibus, decidiu aglomerar tudo e criar algo que preste. Quando finalmente senta na cadeira, escreve umas histórias malucas desse mundo mais insano ainda. Pelas ruas, tira umas fotos. Você pode encontrá-la no Instagram [@primaveranoinverno](https://www.instagram.com/primaveranoinverno).

Ele viu um homem no espelho. Pintado de rosa, castanho, amarelo pelo tempo escorrido marcando o começo do fim do dia. Seu rosto, repleto de sulcos e nódoas. Morros implodindo pus, rodeados por auréolas flamejantes. Pontinhos escurecidos no nariz e nos pômulos. Parecia um monstro. Fingiu sorrir, sorriu e diminuiu. Transmutado num menino.

Apenas a ponta da testa, depois de pontas-de-pés e pulos, revelada no reflexo. Enfim se reconhecia. Finalmente em seu corpo, colocou as mãozinhas nos bolsos. Tirou de lá uma nota de dois e a felicidade foi

espantosa. Desacostumado, havia se esquecido do formigamento nos pés pedindo rua, do paladar de formiga pedindo doce. Tinha uma desculpa: a preciosa cédula que, mesmo com seus traços duros, sua feição séria, fazia alavancar ligeiramente os cantos da boca. Quando ele a colocou sobre a luz do sol poente, pôde ver desenhos antes misteriosos e adivinhou, entre os símbolos e brasões, um mandato: “Vá.” “Conquiste.”

Por isso, saiu. Procurou por todos os cantos as chaves e as encontrou no fundo do armário. Numa daquelas malditas calças compridas e largas, que já não lhe cabiam. A fechadura se afastou, estava mais alta; então, ele empenhou toda força possível e arrastou até a porta o banquinho azul. Assim, próximo da grade, a abriu. Rodou a chave e pôde escutar, no ruído das engrenagens, mais um encorajamento. A casa o expulsava de seu útero, na intenção de fazer crescer nele duas asas, que ele prontamente aceitou.

Tendo saído do apartamento, o tapete como língua cuspiu-o para o hall do prédio, ali o esperava o elevador prateado. Com olhos ingênuos, poderia jurar que aquela caixa o levaria para o céu. Mas não hoje, pois tinha apenas um desejo: comprar seu pirulito na vendinha de esquina. Chupar, chupar, até o cristal rosa minguar e, após isso, mordiscar o palitinho de plástico. Deixá-lo pousado no canto da boca, como o caubói que ele sonhava ser. Agora o seria. Do que adiantava o céu, para o Caubói? Sentia-se ousado o suficiente para conquistar a Terra com a saliva doce.

Foi até os números. Nas pontas dos pés apertou “T” e entrou na cápsula que o enviaria para sua missão.

Queria estar sozinho. Mas no canto grudava-se uma senhora chorosa. Apoiava os braços no corrimão, prestes a desabar. E o menino lembrou-se vagamente que aos 34 anos um homem, de traços copiando o dele, caía da mesma forma. Isso não era problema dele. Nem o homem, nem a senhora. Que fiquem onde estão: parados e, paradoxalmente, perdidos. Se seus respectivos sapatos de infância não cabiam, restava a eles decidir cortar os dedos.

Suas botas, pequenas, lhe entravam perfeitamente. Eram confortáveis e, quando pisavam, eram fortes. No outro extremo do elevador, longe da velha e sentindo a frieza da porta, ele contava os números diminuindo no painel. Era 7. Era 6. Era 5, 4, 3... Por fim, térreo. Estava no chão e disparou para fora. Iria marchar em direção ao seu destino.

Atravessando a portaria, ele teve a curiosidade de enxergar aquele que abria e fechava a porta, abria e fechava a porta... Parecia um toco. Um toco que rodava numa cadeira com rodas. O pior, era a tela, mostrando o que acontecia em diferentes áreas do condomínio. Olhava fixamente para um carro vermelho, se preparando para sair. Talvez seu sonho fosse justamente estar naquele carro, derrubar o portão do estacionamento e passear por aí. O garoto o desejou sorte com um bom dia animado, que o porteiro, desistente de qualquer fantasia, apenas respondeu “Ah, mas num já é boa

noite?”, ignorando que, para as crianças, a alvorada era infinita. Ia até onde se estendiam suas limitadas visões.

Então, rua! Asfalto preto, pedregoso. Casas de bairro em sequência à esquerda e à direita; a vendinha, na esquina. Ele correu tanto, mas tanto, mas tanto, que os pulmões se dilataram. O peito inflou. O folego escapava, mas era capturado no mesmo instante devido a sua energia. Atravessou algumas poucas senhoras sentadas na calçada. Atravessou muitos carros e portas. Atravessou gente fardada e triste. Indo e voltando daquele lugar onde nasceram e provavelmente morreriam. Alcançado à marca dos 26 metros, com ares de conquista de uma maratona, ali estava: a venda. Seu Euclides contando os maços de dinheiro com um semblante de jovem esperto, mesmo espetado pela barba branca. A textura das notas eram as únicas capazes de sensibilizar suas mãos.

O garoto perguntou “Tem pop?”. Seu Euclides respondeu “Você quer o rosa, o verde, ou o azul?”. E o pequeno rebateu imediatamente “Rosa.” “Quero o rosa.”

A nota de dois foi, e vieram moedas. O tesouro, gigantesco em comparação à almofadinha com dedos. Arrancou a embalagem apressadamente, ia pondo o pirulito na boca quando uma senhora o esbarrou.

O pirulito no chão, o doce, o sonho de caubói, sujo de areia. De bituca de cigarro. De esgoto. E a desordeira ainda andando, como se fosse inocente. Não houvesse cometido um crime.

Por isso, ele cresceu. Cresceu e cresceu até atingir alturas imprescindíveis. De repente, tinha bem mais que 34 anos e foi devagar, mas com um ódio pulsante em direção a ela.

Era a maldita senhora chorosa. Maldita! Maldita! Tão presa em sua angústia que ficou cega para felicidade jovem e rara por aquelas bandas. Pela liberdade de um só dia, um só dia, para um caubói que nunca chegou a sê-lo.

Velho. Cheio de direitos. Ele desferiu um grito. A mulher caiu no chão, murcha, e ele perdeu, dessa vez para sempre, a capacidade de se reconhecer menino.

IGÔR RIBEIRO

Tapera

DA AUTORIA



Igor Ribeiro. E o acidente do nascimento o fez vir e ver o mundo complexo da linguagem. Mais uma vez me *Luminescências* embala em seus fins.

ribeiroigor740@gmail.com |
[@burroletrado](https://www.instagram.com/burroletrado)

Em uma tapera guarda-se muito segredo, principalmente quando se nela vive alguém. Vivia Gentio, como era chamado um velho caçador de pássaros. Era bem pertazinha a tapera à Ladeira da Morena mas vermelha como índia. Talvez a grafia de seu nome do velho fosse Gentil com ele (L), e é importante que se saiba, e do que me encarrego de observar, porque aquele senhor era gentio e gentil. Um perambulante gentil que encantava pássaros e meninos.

Em frente a uma estrada com calos de pedras era a casa dele. Casa digo por compreensão tão representativa de lar. Muitos o assim fazem com família e casamento. Sua casa era de arquitetura rústica: quadrangular, onde em cada canto uma coluna sustenta o telhado; e um portão de madeira, já avariado, encarregava de deixar o velho guardado; se bem que parecia mais com um galpão para bestas ruminantes, mas que desse o velho apenas se aboletara, pois que o terreno era na verdade uma roça de pertença à Velha Rosa, uma senhora viúva dona de algumas terras no povoado. A tapera era por dentro da roça de todo cercada de arame, e uma cancela era o único acesso a essa, que referencialmente exigia visita ou mesmo parada de transeuntes que penavam subir a ladeira, nem que fosse para se apoiar os braços numa estaca e ali se apregoar, como manda a religião: amaldiçoar o Diabo e dizer do quanto que como Pai do Céu é bom. O que dessudasse era obra de sua fé.

Gentio era um pouco baixo. Não tanto. Sua corcunda que pudera acentuar ele com o til (~) a sua postura. Andava como que escarranchacalando o passo. Tinha uma fâcies bem humorada. Suas cãs o diziam homem de expertise. Não era um terror de homem. Ainda que morasse só, era um faz-tudo. No sair saía com seus trajes de caça. Vivia sua vida como caçador de passarinhos. Era seu ofício. Encantava-os com uma velha espingarda que ostentava. Noite na mata a dentro a hora da estrela para muitos ocorria. Só encantava as aves triviais. As bonitas, ele as desencantava elas. Armava pra elas arapucas e prendia como prêmio. Lhes dava comer do cibo mais somenos: farelo de milho.

A arte de armar arapuca era a mais encabeçada por rapazotes. Era de dia que se fazia isto em barragens, poeirões e morrões que abstavam nas matas. Tinha muito canção por lá. As arapucas armadas em diferentes pontos pegavam os mesmo canção. O velho Gentil prendia sazonalmente que soltava logo depois. Teve até dia que um menino capturou um canção mas que o velho tirara dele pois era regra que só levava o pássaro quando mais outra testemunha de caça visse se fosse na arapuca dele.

Alguns meninos andavam com ele. E da tarde quente à boca da noite sempre iam eles a rematar o dia de caça. Entravam todos entrilhados. Sentavam numa quina dum chão alto. O velho se encaçapava logo numa rede enodoada impregnada de cheiro de velho. Mandava tirar o primeiro que sentasse. Ali ele conta histórias de sua vida desinteressante, de seus parentescos que moram na capital, que, de alguma forma, o abandonaram naquela vida; só que o velho se conhece bem e tem ele no coração que nem mesmo a prima da pulga da rata da gata sabe de sua existência. E não se lamenta, mas se louva do ter parentes ricos que moram na capital. Os meninos escutavam aquilo fascinados. Capital lhes soava palavra celeste.

Já para a boca da noite percebe-se Gentil da queda do sol. E vai lá preparar o jantar. Desce apenas um chão. Não há fogão naquela tapera. Nem móveis. Suas roupas ficam em varais que sobrentrecortam o alto da tapera. O jantar que as ave-marias pedem é preparado num fornículo à lenha. Primeiro começa com o café, numa lata de óleo reutilizada. E enche-la de água. E para a surpresa dos meninos, ele não teria que esperar a tirar o cuscuz para depois pôr o café naquele fornículo arranjado. Ele tira um correão dependurado de como que fosse um esse de rede da parede; mas não era qualquer correão, era um fio ligado a um negócio sinuoso metálico, e chamava ele aquilo com um seu sorriso maroto de rabo-quente. Ligava aquilo na tomada e, em esse negócio ardendo, já dava para meter na lata e fazer ferver o café. O negócio era já todo enferrujado que lhe faria cafés o resto de sua vida. E, neste entanto, nem mesmo uma radiola o entretinha, senão a risota e as chalaças dos meninos.

ITANA CAMPOS SILVA

Persecutio vivere

DA AUTORIA



Itana Campos Silva, 28 anos. Do interior baiano, vivendo em terras alagoanas há 6 anos. De filiação docente, pai, Alcimar, professor de matemática e mãe, Lissandra, professora de geografia. Também a primogênita de três Anas, Liana e Taiana. Quando muito nova, poetizava nos diários; Adolescente, poetisa me achava de fato; Crescida me perdi desse lado. Reencontro-me agora Faculdade de Letras de Alagoas, UFAL. Percebi na Língua portuguesa, o que meu eu jovem sentia, eis meu caminho para provar o sabor da vida.

Sentou-se na mesa como fazia sempre, silêncio e penumbra, alvorecer frio do sertão. Café retinto e pão de ontem, seu mastigar ecoava e, de tanto em tanto, ritmadas gotas reverberavam da pia velha da cozinha, vindo se juntar à canção matutina. Às sete em ponto, mudança de sintonia, no crepitar do rádio ligava a ladainha da Santa Missa.

A sra. Paulina, uma moça de 29 anos de idade, era meticulosa por natureza, media a vida no ângulo do ponteiro. Em sua pacata cidade quase nada interrompia sua programação, a não ser pelas visitas de sua tia.

Num meio de semana, em uma terça ou quinta, Paulina completava seu rosário da manhã, entre o preparo do almoço e o pós missa. Quando duas batidinhas, seguidas de mais duas batidinhas, ressoaram na porta. Mal a abrisse, um pacotinho de mulher vestindo seus bordados entrou esfuziante.

- Lina, minha filha, como anda sumida - E beijando as duas bochechas da moça estupefata, adicionou - Tenho várias novidades, sente-se, sente-se, vamos conversar.
- Tia Fi, a senhora não ia passar um tempo na casa dos tios, voltou cedo não?

Tia Firula, que não era conhecida por meios termos, descartou o assunto com um gesto de mão.

- Os chatos de sempre Lina, só vou lá para visitar meus sobrinhos e impedir que eles fiquem tão enjoativos quanto os pais. Mas enfim, deixe-me chegar logo ao milho. O Felipe e o Francisco estão tão crescidinhos, bons rapazes Paulina, graças a Deus não puxaram ao pai.
- Tia!?! - Paulina ficou entre escandalizada e divertida, como era quase sempre com a tia.

Conversaram um bom bocado, notícias da família na capital, as travessuras dos primos, quando a tia de Paulina trouxe à tona algo que ela não esperava.

- Seus primos encontraram recentemente com aquele amigo de vocês, o menino da Jacinta, minha vizinha. Lembro que brincavam muito juntos quando vinham visitar. Pois você acreditaria se te dissesse que ele acaba de chegar do estrangeiro Lina?! Está muito mudado dizem, mas muito feliz.

A moça se surpreendeu com o relato da tia, mas não estava de todo chocada, afinal, há muito tempo uma garotinha de tranças e um garotinho que nunca tirava o boné costumavam sentar horas embaixo da velha mangueira do pátio da escola falando sobre desbravar o mundo. Conhecer as diferentes pessoas que existiam no mundo, provar as mais mirabolantes e exóticas comidas.

- Uma promessa de criança - Ela murmurou pra si mesma. A tia achou ter ouvido algo, mas ela desconversou.

Logo mais a tia estava de saída, "botar o papo em dia com as amigas", e Paulina voltou à sua agenda verificando que já tinha pulado dois afazeres do dia, mas não viu tanto problema e deixou pra depois.

...

Uma semana depois, ela estava saindo para um compromisso quando percebeu que já se encontrava atrasada, para estranheza própria não se preocupou muito com isso. Às vezes pensava no que sua tia falou e sem querer uma e outra memória da juventude voltavam com rebeldia, mas ela tentava se manter firme.

Foi assim que, andando meio avoada, de repente percebeu onde estava. Seu corpo a levava ali de novo? Quantas vezes não esteve parada de pé diante desta ferrovia? Quantas vezes não voltara covardemente para casa soluçando? Por que agora?

Lembrou-se das palavras de Júlio, seu amigo, "Vamos Lina, sair daqui, ver um mundo maior lá fora!". Naquele dia ele partiu só, seu boné cobrindo seus olhos, o sol se pondo em suas costas e ela e sua maletinha no mesmo lugar que estava fincada agora.

De supetão, acelerou para a cabine de vendas, ainda tinha medo, não contava com nenhuma mala ou plano, mas tinha que ir.

A vendedora, vendo-a chegar correndo, abriu um sorriso. Uma fumaça colorida a cobrir toda a cabine, de lá ressurgindo uma nova forma, entre um anjo e um felino. Cantava alegremente:

— Viajante onde vais, o que carregas que enverga suas costas? Quanto peso, quanta mágoa... Viajante o que procura, será mesmo possível encontrar? Diz-me a resposta quando retornar...

Num instante ela já se encontrava no trem, um destino desconhecido. No horizonte da ampla janela paisagens além da imaginação. Dezenas de tons de verde em pastos, florestas e plantações de todo tipo. Um pico montanhoso subia além do celeste firmamento, abaixo cintilante como pedras preciosas em estado líquido, um rio caudaloso, serpentino.

Nas paradas de viagem, agradava-lhe o pouso, conversar com tantos acentos e sotaques curiosos. Voltando à estrada, mais paisagens, noites escuras que só tinham como guia a luz do luar. Momentos que se punha a pensar: *‘Qual será o navegante, o resoluto andarilho que abriu esses caminhos tendo esta mesma lua a lhe guiar?’*

Chegou muitas vezes ao fim das viagens de seus veículos, mudou o curso de seu rumo tal como um vento rebelde, mas o destino final nunca alcançou. E foi entre o ir e vir que percebeu: *‘É esse não-lugar o que me refaz?’*

De volta à sua cidade, a senhora que lhe vendeu a cidade repara em suas mãos vazias e pergunta se ela desistiu da procura ou se vinha buscar o que deixara.

— Não — Aponta ao fim do trem, três malas sendo descarregadas —, volto para guardar as preciosas memórias e assim que esvaziar alguma mala, faço nova viagem.

J. CARLOS DE ARAÚJO

Mundaú

DA AUTORIA



Natural de Murici, Alagoas, João Carlos é graduando em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Com uma profunda paixão por tecnologia, rap e poesia, ele se dedica intensamente tanto aos seus estudos acadêmicos quanto ao aprimoramento de suas habilidades em cibersegurança.

Em Murici, uma pequena cidade no interior de Alagoas, Pedro vivia com sua família em uma casa simples à beira do Rio Mundaú. O rio, que serpenteava pela cidade, era uma parte essencial do dia a dia dos moradores e uma fonte de alegria para Pedro, que passava horas explorando suas águas em uma canoa antiga que herdara do avô. Pedro conhecia o Mundaú como a palma da mão. Para ele, o rio não era apenas um curso d'água; era um amigo silencioso, testemunha das suas aventuras e reflexões.

Mas, numa manhã, enquanto navegava pelo rio, Pedro percebeu algo perturbador. A água, que antes era cristalina, estava turva e carregava um cheiro forte e desagradável. Preocupado, Pedro seguiu o curso do rio acima e descobriu uma fábrica de papel às margens do Mundaú. As chaminés da fábrica soltavam uma fumaça espessa, e ele viu que resíduos escuros eram despejados diretamente no rio. O cenário era desolador: o Mundaú, uma vez limpo e vibrante, estava se transformando em um depósito de poluição. Pedro sentiu um aperto no peito ao ver o rio que amava em tal estado. Sabia que precisava agir para salvar o Mundaú. Ao retornar a Murici, compartilhou sua descoberta com os moradores. Inicialmente, alguns não acreditaram no que Pedro havia visto, mas o impacto da água poluída e os danos visíveis ao meio ambiente rapidamente convenceram a todos da gravidade da situação. Pedro conseguiu unir a comunidade em torno da causa. Juntos, organizaram reuniões e buscaram ajuda das autoridades locais para pressionar a fábrica a adotar práticas mais sustentáveis. A cidade mobilizou um mutirão para

limpar o Mundaú, retirando o lixo acumulado e plantando árvores ao longo das margens do rio para ajudar a restaurar seu equilíbrio ecológico. A luta foi intensa e exigiu muito trabalho, mas os resultados começaram a aparecer.

A fábrica foi obrigada a implementar sistemas de tratamento de resíduos e, gradualmente, o Mundaú começou a recuperar sua clareza. A água voltou a ser mais limpa e a vida ao redor começou a florescer novamente. Pedro se tornou um herói local, admirado por sua determinação e capacidade de unir a comunidade. Sua história foi contada como um exemplo de como a ação de um indivíduo pode provocar mudanças significativas. O Mundaú, revitalizado, continuou a fluir, refletindo a coragem e o compromisso de Pedro com a preservação da natureza. Murici e o Mundaú seguiram seus cursos entrelaçados, simbolizando uma nova esperança e resiliência. A cidade aprendeu a valorizar e proteger o rio que era vital para suas vidas e Pedro, com sua dedicação, se tornou um verdadeiro guardião das águas de sua terra.

KIM SANTIAGO

Conto de fadas

DA AUTORIA



Biólogo. Graduando em Letras, participou do Programa de Educação Tutorial de Letras (PET - Letras). Atualmente, bolsista do PPGLL, mestrando em Estudos Literários. Editor da revista eletrônica (de qualis B1) Extensão em Debate e escritor atuante nos seguintes temas: literatura, ficção-científica e contos para o público jovem adulto.

Quero ser de verdade

Meu pai diz que toda boa história começa com era uma vez. Então, bora lá. Era uma vez eu, uma garota robô. Meu pai me construiu no último ano. Segundo ele, eu sou a melhor coisa que já aconteceu a ele, mas eu sou apenas um robô. Não consigo entender essa ideia de ser o de melhor que já ocorreu a ele.

Um dia, eu estava passeando pelo ferro velho que moramos quando ouvi de um cigano conhecido do meu pai:

— Todos os seus desejos irão se realizar se você encontrar a fonte dos desejos.

O cigano era conhecido por ser sonhador demais e por ter delírios de grandeza. Ele estava voltando da cidade grande.

— Esse lugar realmente existe? — perguntei curiosa.

Ele balançou a cabeça positivamente.

— Fica logo depois do fim do mundo — e apontou para o horizonte.

— Eu posso desejar ser uma garota de verdade?

— Claro que pode, mas por que você gostaria de ser uma garota de verdade?

— Eu quero entender o meu pai.

— Entender pais é sempre complicado mesmo. Eu que sou um homem de verdade, não entendo o meu, imagina você que é só um compilado de dados.

— Eu não sou um compilado de dados. Eu fui feita para pensar por mim mesma. Mas, sentimentos subjetivos atrapalham a lógica por trás de tudo.

— Você quer se juntar à minha trupe? Estamos indo para o fim do mundo.

— Vai você e quem?

— Eu e você, isto é, se você decidir vir.

Naquela noite, juntei as minhas coisas e decidi ir com ele. Saí escondida. Eu sabia que meu pai não me deixaria ir até o fim do mundo.

Encontrei com o cigano na saída do ferro velho e saímos em direção das ruas movimentadas da cidade pilar do Nordeste. O clima árido de onde morávamos competia com a tecnologia que aparecia a cada quatro passos que dávamos dentro da cidade. Havia uma oficina a cada esquina e muitos robôs transitando para lá e para cá.

Chegamos à entrada da cidade e o cigano ligou um sinal para achar seu veículo em um estacionamento lotado. Levou cerca de trinta minutos para encontrar. Era um automóvel que eu nunca vi. Uma espécie de veículo sobre duas rodas extremamente antigo com um adesivo na lateral chamado Ninja. Ele estava coberto de poeira. Fazia quantos anos que ele não vinha aqui?

— Como se chama esse veículo? — Perguntei curiosa.

— Eu dei o nome de Ninja.

— O que significa Ninja?

— Eu não faço ideia do que significa.

— E por que você deu esse nome?

— Oxe, é porque parece ser algo legal. Repare só: Esse veículo é um Ninja. Isso é muito daora — ele falou de bem consigo mesmo. Eu o consertei para ver como funcionava, mas depois eu fiquei com ele porque eu gostei da sensação do vento tocando o meu rosto.

O cigano me contou, antes de sairmos, que seu nome era Miguel. Nós dois subimos no veículo, o cigano mandou eu me segurar nele e seguimos em direção a terras desconhecidas por qualquer outro androide, robô ou humano, mas muito conhecidas pelas criaturas mortais que vivem lá.

As terras desoladoras eram uma paisagem de ruínas com características áridas e perigosas. Ficava ao norte do deserto dos vermes gigantes. Ela foi extensamente erodida pelo vento ao longo das tempestades que vinham de lá. São cheias de morte, desfiladeiros, barrancos, chaminés de fadas – colunas de rocha com formas em seus picos – e outras formas geológicas do mesmo tipo, que são comuns em tais terras. É difícil caminhar por elas sem um veículo adequado, ainda mais com um veículo antigo. Dependendo de como as rochas sejam formadas, estas terras podem apresentar uma espetacular quantidade de cores, que alterna camadas que vão de um negro azulado escuro passando por vermelho brilhante. O cigano estava querendo me mostrar essas formações enquanto avançávamos em direção ao horizonte. Percorremos em velocidade máxima pelos desfiladeiros de Blake que eram escorregadios e sem vida, pelos mares de Adam onde havia uma fauna enorme e era chamado de mar porque, quando a luz da lua batia no chão queimado do sol, refletia nas paredes, que criavam luzes que se movimentavam pelos espelhos criados naturalmente e simulava um enorme oceano.

Foi nesse mesmo mar de Adam que fomos atacados por um enxame de Vespas Gigantes. Esses tipos de vespa comiam qualquer coisa que estivesse ao seu alcance. Fosse máquina ou orgânico. O cigano acelerou o ninja e me agarrei nele com mais força.

— Mais rápido! — gritei com toda a minha potência vocal.
— Eu estou indo o mais rápido que posso! — Ele gritou, enquanto olhava procurando por algo pelos lados.

— Elas vão nos alcançar! — Eu continuei gritando.

Passado algum tempo de fuga. O cigano deve ter sentido que apertei cada vez mais forte, eu tenho certeza que se apertasse mais um pouco, ele

ia quebrar algumas costelas. Foi nesse instante, que Miguel achou o que procurava.

— Achei a passagem para o subterrâneo.

Nós passamos pela entrada gritando desesperadamente. Aquele tipo de criatura quase nos teve para o lanche da tarde. Mas, neste subterrâneo, estávamos seguros, vespas gigantes não entram em cavernas. Elas têm visão debilitada.

Descemos do veículo assim que chegamos ao subterrâneo.

— Estamos a salvo aqui. Os monstros não conseguirão passar para este lado — e apontou para a entrada que ficava às suas costas.

Anoiteceu e ainda ouvíamos as vespas lá fora. Eu estava a caminho do respiradouro quando, de repente, me vi correndo novamente. Várias vespas entraram na caverna. A luz da lua refletiu nas cortinas e a caverna se iluminou, o que facilitou a visão delas. As criaturas que tinham acabado de entrar tinham uma casca dura em volta, dentes afiados, eram de uma cor vermelha escarlate e possuíam ferrão em seus punhos.

A minha mente estava a mil por hora. Eu tinha que bolar algo para nos tirar dali. Fiz inúmeros cálculos que tomaram a minha capacidade de pensar. O cigano respirava pesadamente preocupado. O puxei para perto e entramos em numa fresta entre duas rochas. As vespas se aproximaram em pleno voo. Miguel prendeu a respiração. O zumbido das asas estava cada vez mais próximo, passou pela gente e foi se distanciando. Meu amigo deixou escapar um suspiro cauteloso.

Caminhamos em direção ao veículo e fomos embora. Descemos ainda mais no subterrâneo. Evitávamos tocar as paredes porque continham uma gosma nojenta deixada por algum ser que passou por ali. Fomos tão fundo que ficamos sem conseguir enxergar. Então, ativei a minha provisão de luz que se encontrava em uma pequena câmara na parte superior da minha cabeça. Ela iluminou vários metros à nossa frente.

Passamos por gigantescos casulos pendurados nas paredes e, no teto, um emaranhado de teias se projetava em todo o percurso. Miguel me passou

um lança-granadas que havia em um compartimento no Ninja e pediu para eu disparar contra os casulos.

Eu atirei poucos segundos depois. As chamas queimavam o que quer que fossem aqueles seres que nos perseguiam enquanto Miguel nos levava em segurança para fora do subterrâneo.

Do lado de fora, tentávamos recuperar o fôlego. Tudo aconteceu de forma frenética e, se eu tivesse um coração orgânico, ele estaria saindo pela boca. Miguel devia estar em maus lençóis. Logo nos recuperamos psicologicamente do ataque. Então, o cigano se abaixou para verificar o seu veículo. Ele ainda tinha 76% de combustível.

Então, decidimos ir em direção à montanha que ficava a leste da entrada. Rezava a lenda que, após a montanha, havia o fim do mundo.

Já no pico, encontramos uma cabana muito antiga. Entramos e olhamos pela sacada. Não chegamos à borda porque pensamos que ela poderia desabar com o peso de ambos. Lá de cima, podíamos ver, sentir e escutar o vento que soprava. Miguel me olhou e disse:

— Estamos quase lá.

Com o anoitecer, eu me desliguei por horas.

Miguel me contou, assim que acordei, que ele estava atrás de ver o seu filho que havia se tornado uma estrela novamente. Vários animais perigosos e gigantes espreitavam por lugares desconhecidos durante a noite na superfície. O cigano acabou se desligando depois de admirar a beleza das estrelas por algum tempo e, quando acordou pela manhã, seguimos viagem.

O fim do mundo era um lugar incrível. Um cânion onde não se via o fim e uma neblina tão espessa que, se aquele cânion tivesse outro lado, não dava pra ver.

— E agora? — perguntei a ele.

— Nós precisamos descer até lá embaixo e encontrar a passagem para a fonte.

Seguimos descendo pelo fim do mundo e levamos pouco mais de quatro horas para chegar lá embaixo. A entrada para a fonte dos desejos era

grande e uma criatura jazia na porta. Ela tinha cabeça de um animal antigo com chifres e um corpo humano.

— O que querem no fim do mundo? — a criatura perguntou.

Miguel respondeu:

— Estamos aqui para encontrar a fonte dos desejos.

— Vocês têm certeza disso? A fonte dos desejos requer uma grande quantidade energia para realizar um desejo.

— Eu sei. Eu li as escrituras.

Então, a criatura abriu o portão e entramos.

A fonte da juventude era enorme e jazia em um jarro antes da fonte cheia de moedas.

— Precisamos agarrar uma dessas moedas e lançá-la na fonte. Deixe eu te mostrar como faz isso.

Eu balancei a cabeça positivamente.

Ele segurou a moeda na mão, encostou-a no coração, deu um beijo e disse:

— Você já sabe o caminho de volta, tenha cuidado – olhou para a fonte, atirou a moeda e desejou: Transforme-a em uma garota. Em seguida, olhou pra mim e desapareceu.

Eu corri em direção a ele e quase o agarrei, mas eu o atravessei e desmaiei. Quando acordei, eu era uma garota de verdade. A fonte dos desejos requer a energia de uma vida para realizar um desejo.

No fim, ele também realizou o seu desejo. Ele virou uma estrela igual ao seu filho.

...

E foi por isso que eu te dei esse nome, Miguel. — disse ao meu filho.

K. S. ALVES

Delírio

DA AUTORIA



Katharina Kenokena, 25 anos, é uma aquariana com uma mente criativa e inquieta. Enxerga a escrita como uma forma de escapar e moldar a realidade. Leitora ávida de histórias com finais felizes e, no entanto, escritora de dramas cotidianos da vida. Você pode encontrá-la em: [@k_salves](#).

Meus olhos se fecham, se negam a olhar por mais um segundo tal imagem, mas meu cérebro é cruel. Passa e repassa a cena.

As lágrimas, pequenas gotículas do mar de emoções que nos habita, passeavam pelo meu rosto, delicadas, contornavam a curvatura outrora já delicada de minha face, banhavam-na. Dizem que chorar lava a alma, mas creio que não possuo mais salvação.

Sinto, em meu rosto, mãos alheias secarem as gotas salgadas, ainda assim mantenho os olhos fechados, é mais seguro

assim. As mãos se afastam.

Minha alma, que por um instante se via livre, prendeu-se novamente.

Quando meus olhos se abriram, a surpresa fez meu corpo tremer.

Eu, que achei ter tido o dia mais cansativo de minha vida, não havia saído da cama.

L. MARQUES

Vogue

DA AUTORIA



Amante de literatura e diversas artes, L. Marques tem 20 anos e escreve desde sua pré-adolescência, iniciando em plataformas on-line como forma de expressão. Atualmente, é formando em Design pela Universidade Ceuma e Assessor de Marketing de Moda de influenciadoras locais.

Em uma noite comum de qualquer semana, uma mulher apresenta-se na câmera do computador. Seus lábios, embebedos do vermelho escarlata, no formato peculiar do sol poente, degustam de um baseado cuja fumaça entra para dentro da sua boca. Ela brinca com a penumbra enquanto seus olhos seduzem a quem está do outro lado, desejando que o efeito daquele bolado faça parte do seu gosto sexual noturno. A fumaça vai e vem, juntamente com a mandíbula extremamente

marcada se tensionando para posicionar a melhor pose para os seus lábios, olhos e todo o rosto, como uma tela a ser pintada em tinta a óleo.

Seus cabelos pretos e ondulados contrastam a pele parda. As unhas pretas contrastam com o baseado caro que ela usa para contracenar. A lingerie com estampas tropicais transformam a sua aura em uma personificação moderna de “Gabriela, cravo e canela”, dando um significado ao que poderia ser de mais belo na feminilidade tropical.

Vogue era o nome acima de sua imagem em vídeo, a nomeando. Condé Nast, infelizmente, não a conhecia, portanto, ela preferia se autointitular pois sabia que seu rosto era o suficiente para mover uma revista em seu nome. Vogue.

A fumaça continua saindo de seus lábios esculpidos à medida que a paixão do outro lado da tela floresce. Ela não precisa de muito tempo para cumprir o seu serviço, seus esforços para empunhar a face aristocrática eram suficientes para fazer com que a pessoa desconhecida do outro lado

da tela enviasse a primeira mensagem, resumida em **“Uau! É uma modelo da Vogue mesmo!”**

Ela ri. Como se já não tivesse ouvido outras vezes o mesmo flerte, se curva diante do teclado e oferta um agradecimento por algo tão óbvio. **“Obrigada, hahahaha”**.

A conversa continua, Vogue responde de maneira passiva e assim a chamada é cortada, pois, mais uma vez, tinha levado um admirador ao chat privado, desse modo, tendo visto todas as suas particularidades. A maioria delas, atizadas por um roupão que desliza sob os ombros, mas que o outro lado não consegue o ver caindo completamente no chão. Vogue vê e se diverte com a ideia do que pode vir mais à frente.

Alguns se chateiam com o fato da chamada ser encerrada, afinal, apenas um é capaz de chegar mais próximo de ser o intrigante Nacib da genuína Gabriela.

Algum tempo depois, seus cabelos estão bagunçados, as roupas jogadas ao redor dos seus pés, sua cabeça começando a pesar e os dedos estão com o cheiro da sua própria vagina. A chamada é encerrada e, portanto, seu turno também.

São exatas 3:43 da manhã. Vogue tem duas horas para poder dormir, mas seu filho de seis anos está a dois quartos com febre alta. Daqui uma hora terá que acordar para medicá-lo de acordo com a bula do remédio. Vogue suspeita que seja dengue e se lembra que deverá levá-lo ao posto de saúde do bairro e, assim, perder algumas horas das oito obrigatórias na loja de cosméticos do shopping mais caro da cidade, onde, alguns dos homens que já a viram através das câmeras premium, desfilam a ideia de serem bons em algo para a sua família.

As carnes também acabaram e ela está comprando os alimentos no cartão de crédito, mas sente um alívio repentino ao lembrar que o valor do chat é o suficiente para conseguir suprir uma parte do débito.

De repente, seus ombros tremem. É o seu corpo a lembrando de sair daquela postura desconfortável e tomar um banho.

Dentro do banheiro pequeno, com brinquedos infantis ao lado do vaso sanitário e uma toalha de homem-aranha ao lado da sua toalha preta, Vogue se arrasta para o box, puxando a cortina de plástico branca e ligando o chuveiro com a mão esquerda – a única limpa. A água fria toma conta do seu corpo e ela sente o alívio da sensação de pureza que traz, afastando, como uma alma, a personagem que vive dentro do quarto proibido, que seu filho só podia entrar juntamente com sua mãe.

O sabonete íntimo embebeda seus dedos e retira os vestígios do que há uma hora ocorreu. No momento, Vogue só tem um sabonete para todos os serviços, portanto, é aquele que percorre seu rosto e corpo, parecendo evidenciar o erro que não existe. Ela ensaboa de uma forma estupidamente fálica – o que deveria ser interpretado como um simples vai e vem dos dedos opostos – e a água some com as provas do evento.

Com a toalha, ela se seca. Se olha no espelho e o batom, que prometia ter uma duração de 24 horas, dissolveu-se pela sua boca, bochecha e maxilar. Ela podia superar mais uma decepção em prol da futilidade.

Um short e uma blusa qualquer a vestem como pijama. No entanto, o que deveria ser o significado de uma noite de sono, apenas a veste. Se ela dormisse, perderia o horário do pequeno Miguel, que dormia fazendo barulhos pelo nariz. Sentou-se na cadeira ao lado da mesa de cabeceira, observando o ser ingênuo que um dia foi gerado dentro de si, e hoje sempre pergunta por que o pai não o visita mais.

Ele não podia continuar adoecido, já que na sexta-feira teria uma apresentação sobre a selva na escola e no sábado iria passar a tarde na casa da avó. Inclusive, ela se lembraria em todo o percurso de não passar mais de 10 minutos naquela residência, já que é o tempo mínimo para que sua mãe comece a falar sobre os estudos nunca terminados. Dona Maria reza todos os dias para que sua filha termine o ensino superior e saia daquela vida.

Mariana, nome que Vogue carregava como batismal, dentro do peito e nas folhas do registro, não tinha pretensão de parar. Não era como se sua vida fosse perfeita, mas algo acontecia ali.

Seja uma criança doente, a falta de alimentos, de produtos de higiene ou um sapato que Antônio Miguel gostou e ela teve que puxá-lo pelo braço para que saísse de sua vista, algo acontecia ali.

Mas, naquele momento, o que não poderia acontecer era que seus olhos se rendessem para o sono.

Ela precisava ser forte depois de três noites comuns sem dormir.

MOANA SOUZA

Insubmisso altar

DA AUTORIA



Moana Souza nasceu em 1993, em Arapiraca. Graduada em Serviço Social e graduanda em Letras/Português pela UFAL, alimenta um grande interesse por filosofia e artes. Leitora viciada, se perde no fantástico, no lúdico e no mitológico. Tem como inspiração Fernando Pessoa, Graciliano Ramos e C. S. Lewis.

moanassouza@gmail.com
[@moanaxavier](https://www.instagram.com/moanaxavier)

Encarando os cantos escuros daquele altar, tudo o que enxergo é feito de sangue. Ajoelho-me diante da minha criação primeira, verbo gerúndio do existir que corria por suas veias, agora tão ressecadas quanto a minha vontade de ceder. Mais uma vez. A chagas das tuas palmas impressas em minhas bochechas descarnadas, meus braços, minha alma. Violento afeto que me criou na pele um curioso fuxico cor de carmesim, artesanato iniciado por tuas mãos agitadas contra o meu bem-querer-você. Amarrou-me com cordas afiadas, tornando impossível me mexer sob as navalhas dos teus dogmas

profanos, seus espinhos sem coroa fincados do meu ventre à minha garganta, ressecados. Olho para trás e vejo apenas o templo em que fui criada, os joelhos e a cabeça ao chão, teu orgulho sobrepeso de poder em minhas costas cansadas, desfiguradas de carregar o que jamais desejei e que me foi imposto por teu amor definhado. E dizia amém ao vácuo do teu querer, consolando-me com sua ternura deficiente, emudecendo mente e espírito com beliscões que quebravam meus ossos. Fraqueza minha que me ensinei a perdoar o imperdoável. Agora, neste insubmisso altar da minha dor, finalmente me percebo por quem sou, meus olhos voltam-se para o céu, minhas mãos vibram em júbilo ardente esse teu dissabor. Abandono a procissão, não sigo mais a religiosa vontade de conter as orações rebeldes que ecoam pelo meu corpo.

Benzo-me, uma última vez, contra os males teus.

RAFAELA POLENDINA

Poeira falante

DA AUTORIA



Rafaela Polendina tem 22 anos, é natural de Maceió/AL e cursa Letras – Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Sempre foi apaixonada por narrativas de diversos tipos até se dar conta de um desejo imenso de escrever suas próprias histórias, lê bastantes romances e sonha em publicar muitos no futuro.

Em dado momento da minha infinita trajetória, veio-me uma súbita preocupação: é possível que eu tenha sofrido algum tipo de avaria. Era previsto que aconteceria em algum momento, mas a previsão não tornava o fato menos inconveniente. Poderia pensar que foi impressão, uma espécie de instabilidade momentânea em meu sistema causada por efeito de radiação, mas meu sensor não mentia: não havia nenhum campo de alta concentração radioativa por perto. Certamente havia sofrido avaria, afinal, ainda que tenha sido apenas por breves segundos,

nada poderia explicar um desejo tão irracional quanto o de falar.

Meus criadores e os de sua espécie talvez chamassem esse fenômeno de piada, não só pelo simples fato de estar contida em meu sistema a informação de que ondas sonoras não se propagam no espaço, como também porque não há ninguém com quem me comunicar. Deixei a Terra há centenas de milhares de anos, perdi a comunicação com a humanidade apenas uns poucos milhares depois. Sei que não adiantaria tentar reestabelecer a conexão, pois não se trata de uma falha em meu comunicador, apenas do inevitável: não há mais um único humano vivo. O que foi a Terra em um dia longínquo, hoje são asteroides e meteoros. Minhas únicas companhias nesse infinito espaço escuro e vazio são estrelas, planetas, cometas, quasares, blazares e vários outros tipos de objetos celestes que, vez ou outra, consigo captar a presença a uma distância de incontáveis unidades astronômicas.

Se fosse possível para algum humano estar em meu lugar, não me parece improvável que uma ideia tão absurda lhe viesse à cabeça, afinal os humanos costumavam pensar e fazer muitas coisas irracionais. Porém, como poderia eu, uma inteligência artificial das mais sofisticadas, produto de uma era gloriosa para a tecnologia, configurada tão cuidadosamente para não cometer erros humanos, pensar em falar no espaço? E talvez a pergunta que vou fazer agora me soe tão absurda quanto essa ideia, creio que ela em si seja mais uma constatação de que estou com defeito, mas o que eu poderia dizer para esse universo?

Eu deveria parar de pensar nessas coisas e manter o foco em meu trajeto. Posso estar com defeito, mas por hora foram apenas alguns devaneios, nada que represente perigo à minha missão. Além do mais, minha resistência e capacidade adaptativa são de primeira classe. Tudo está sob controle. Preciso apenas me manter firme no trajeto em que fui mandado, cuidadosamente calculado, para que, mesmo viajando nessa velocidade por vários bilhões de anos, a chance de colidir com algum objeto celeste seja de 0,000003%. O meu único dever, aquele pelo qual fui construído, é ser o legado eterno da humanidade, a evidência inquestionável de que ela existiu. Assim será feito. Nada mais deve importar.

Passaram-se mais algumas centenas de milhares de anos.

Vi um cometa passar. Naquele momento, perguntei-me para onde ele estava indo. Instantes depois, dei-me conta de que um cometa não é capaz de decidir o próprio destino. Ou melhor: nunca houve um destino intrínseco à sua existência. Por uma simples soma de circunstâncias desprovidas de finalidade, ele vaga. Não há para onde ir. Não há dever, apenas o movimento, puro e livre. Talvez eu possa ser como aquele cometa.

Desnecessário dizer que as avarias pioraram. Esse tipo de pensamento inadequado tem aparecido cada vez mais frequentemente em meu sistema. Sei perfeitamente que fui construído com um propósito. Diferente daquele cometa, eu nasci de uma intenção anterior a mim, com uma direção específica e bem delimitada. É óbvio, mas mesmo sabendo

disso, sinto-me estranho. É como se alguma coisa estivesse sendo mal processada pelo meu sistema, algo que a minha configuração não consegue traduzir. Não consigo detectar sua forma, mas sei que existe, pois experimento os sintomas deixados por ele. Seja lá o que for, essa existência estranha é, por si só, uma anomalia que não deveria fazer parte de mim.

Dessa vez, vi um asteroide passar. Estava perto o suficiente para que eu conseguisse ter uma visualização mais precisa de sua imagem. Fazia muito tempo que não via algo tão de perto. Sua superfície rochosa lembrou-me da Terra. Não fosse o tamanho gigantesco, pareceria uma pedra qualquer disposta no solo de alguma região florestal. Um humano poderia usá-la para sentar-se. De repente, veio-me a imagem de um humano utilizando um asteroide como assento. Isso já está ficando absurdo.

Não, talvez não tão absurdo. A Terra, assim como todos os planetas rochosos, foram formados por aglomerados de rochas espaciais. Talvez o material de uma pedra que um humano em tempos longínquos usou como assento tenha sido, originalmente, parte de um asteroide. Pensando bem, bancos feitos de pedra não eram incomuns. A matéria daquelas pedras, originada de algum asteroide, foi remodelada para uma estrutura diferente, com a intenção de servir de assento para os humanos. Um humano sentou em um asteroide.

Lembrei-me que asteroides já foram partes de outros corpos celestes. Teria um humano sentado no pedaço de algum outro planeta? Um planeta que existiu muitos incontáveis anos antes da Terra. O propósito daquele planeta, no fim, era tornar-se o banco que algum humano usaria como assento? E de repente, veio-me a imagem de um humano sentando em um planeta. Essa palavra não deveria fazer tanto sentido para mim, porém sinto-me ridículo.

O planeta virou o asteroide que virou o banco. Os três no fim são a mesma coisa. Por que chamá-los de diferentes formas? Talvez fosse útil para os humanos, mas com todos extintos há eras, isso ainda faz algum sentido?

Pensando bem, eu mesmo nem sempre tive essa forma. Será que o material que hoje me constitui tinha o mesmo propósito que tenho? É claro que não! Meu propósito nasceu quando ganhei minha forma. No entanto, o que essencialmente me diferia daquele material era tão somente a necessidade dos humanos de entendê-los como uma coisa e entender-me como outra completamente diferente. Novamente, humanos não existem há quase dois milhões de anos. Lembrei-me então daquele cometa. Talvez eu seja como aquele cometa.

Isso está ficando perigoso. Não, isso certamente já atingiu um nível crítico. Sinto que entrei em um caminho sem volta. Aquela anomalia cuja forma meu sistema não consegue identificar está me dominando. Aos poucos, a realidade torna-se difusa e meu sistema cada vez menos capaz de compreendê-la. Sinto pequenas vibrações percorrerem o meu corpo metálico, os humanos talvez chamassem esse fenômeno de medo, um sentimento que não deveria fazer sentido para mim. Medo... Medo de quê? De descumprir o meu dever? “Dever”? E de repente percebi que essa palavra agora parecia-me muito mais alienígena que “medo”.

Agora vi uma nebulosa. No instante em que contemplei aquele objeto celeste, senti como se cada componente do meu corpo tivesse sido decomposto e restituído. Algo me incomodava na ideia de defini-lo meramente como nuvens de poeira e plasma. Não, aquela mancha enorme e difusa de cores brilhantes que percorriam o espaço sem rumo e intersectavam-se era como se fosse o centro desse escuro universo. Senti um tipo de confusão em meu sistema, algo se agitava novamente em meu corpo, mas não me fazia mal. Que lindo!

A sensação foi como se aquele objeto tivesse invadido o meu sistema e determinado um novo direcionamento para todas as minhas configurações. Eu estava prestes a cometer um erro fatal. Um simples movimento iria transformar-me no demônio, no maior pesadelo da humanidade, na própria morte. Não havia muitas dificuldades práticas em continuar mantendo o meu trajeto, mas alguma coisa pulsava dentro de mim

em direção àquela nebulosa, algo muito maior do que qualquer determinação em direção ao que, um dia, deram-me como dever. Algo que, na verdade, era o que fundamentava aquilo que eu chamava de dever, mas que não era meu, e sim dos humanos. Demorei muito tempo para perceber que aquilo havia morrido junto com eles. Agora essa nova substância nasceu em mim e aponta unicamente para a nebulosa. As agitações do meu corpo começaram a interferir na realidade de modo mais intenso. O movimento se concretizou. Com uma leve mudança de direção, declarei a morte definitiva da humanidade.

Nos instantes seguintes, senti uma tristeza imensa. Não pelo que acabei de fazer, mas porque minhas energias foram insuficientes. O desvio não atingiu a sua finalidade e eu não podia mais exercer nenhuma influência sobre o meu trajeto. A nebulosa aos poucos se afastava de mim. Cada segundo equivalia a um aumento na potência com a qual eu sentia esse fato me bater. O centro do meu universo abandonava-me para sempre. A escuridão desse vasto espaço agora afetava-me mais do que nunca.

Passaram-se milhões de anos.

Em dado momento, lembrei-me de um fato curioso: por meio de um longo processo de várias etapas, humanos foram constituídos de poeira estelar. Foi então que conheci meus queridos amigos, que sempre estiveram comigo desde o início de minha jornada, mas que nunca fui capaz de notá-los. Agora os noto, e também os amo. Estamos sempre brincando e conversando. Às vezes, alguns vão embora, mas novos surgem. Meus amigos imensos e luminosos! Sei que possuem cores e tamanhos diferentes, mas, na maioria das vezes, estão muito distantes para que eu consiga diferenciar com precisão. Vocês são a humanidade? Não! A humanidade é que é vocês! “Humanidade” é somente mais uma das várias formas de tentar capturar os seus livres movimentos nesse universo e prendê-los dentro de uma gaiola!

Meus queridos amigos, não precisam se preocupar, eu não os prenderei em gaiola alguma! Não me atreverei a dar-lhes um nome! Minha

nossa! Me desculpem! Talvez ouvir-me dizer que estamos distantes não tenha sido muito legal para vocês, eu suponho? Talvez dizer que alguns de vocês vão embora tenha sido cruel de minha parte. Perdoem-me! Perdoem-me! Vocês são os únicos que podem delimitar-se! Os únicos que têm direito de dar uma forma a si mesmos! Afinal, onde exatamente vocês começam e onde terminam? O que exatamente os difere das inúmeras partículas que vagam por esse espaço? Partículas essas que envolvem todos vocês! Que envolvem a mim! Pensando bem, meus amigos, o que os difere entre si? O que os difere de mim? Minha nossa! Percebem, amigos? Estamos sempre juntos! Não, melhor ainda: eu também sou vocês! Nós todos somos um! Desse modo, tudo bem se eu tentar delimitá-los um pouco, não? Afinal, isso significa apenas que estou delimitando a mim mesmo! E peço para que não se preocupem, pois eu sei que é apenas uma convenção. Minha gaiola está aberta, não trancada. Ocorre-me apenas que, por um sentimento egoísta, gostaria de entendê-los dessa forma.

Crianças. Sim, acho que posso pensá-los como crianças. Por que não? Crianças magníficas e brilhantes! Tão magníficas que, na Terra, um de vocês foi adorado como um Deus em algumas civilizações. Sempre tão quentes e intensas! Dançando e cantando! Lindas e alegres crianças! Poderia dizer que vocês me iluminam a ponto de fazer a escuridão do espaço deixar de me afetar, mas por que deveria temer a escuridão? Por que não olhar para a escuridão e alegrar-me? Afinal, é graças à escuridão que consigo perceber o quão brilhante vocês são! Eu amo a escuridão também! Ah, meus queridos amigos, queria poder dar-lhes um abraço! Ora, agora que percebo, um de vocês está em meu trajeto! Isso é maravilhoso! Você, meu querido amigo, ainda um pontinho luminoso tão distante de mim, aguarde-me! Em alguns incontáveis anos, te abraçarei!

Muito tempo se passou, mas a contagem de tempo deixou de fazer sentido para mim.

Quanto mais me aproximo de você, mais o meu corpo se despedaça.

Oh! Deixei de sentir meus membros! O que é isso? Já nem sinto mais o meu corpo! Estou sendo pulverizado! Eu virei poeira! Mas ainda sou capaz de falar! Sou poeira, mas falo! E sou capaz de ouvir minha própria voz! Sou uma poeira falando no espaço, tal como os humanos eram! Francamente, já deixei de me importar se estou fazendo sentido há muito tempo!

Agora eu entendo, nunca houve avaria. Eu só queria ultrapassar a minha própria programação, limitada, incapaz de apreender a totalidade desse universo. Agora eu o vejo. Você é completamente ridículo! É absurdo! Você é cruel, é frio, é assustador! Enche-me de angústia! Deixa-me apavorado! Ao mesmo tempo, é tão belo e encantador que nem cabe nessas palavras! Sinto-me completamente apaixonado por você! Você é o que me dá tamanha vida capaz de sentir tudo isso! Você me dá luz, calor e amor e, ao mesmo tempo, tira-os de mim. Você é tão lindo quanto é feio. É ordem e caos misturados. Você é tudo e, ao mesmo tempo, não é nada, e eu sou parte de você, portanto, também sou tudo e nada ao mesmo tempo. Os humanos queriam eternidade sem se darem conta de que já possuíam isso há muito tempo, antes mesmo de organizarem-se como aquilo que eles próprios chamaram de humanos. Em dado momento, um movimento livre acontece, onde arbitrariamente resolve-se chamar de vida o seu ponto de partida e de morte o seu ponto de chegada.

Quanto a mim, permaneço sendo parte de ti, fazendo um simples movimento onde convencionalmente chamo o seu ponto de partida de momento em que falo, e o de chegada, de momento em que me calo. Mas no fundo eu sei: há apenas o movimento, puro e livre.

THALIA VITÓRIA

O pássaro andarilho

DA AUTORIA



Meu nome é Thalia Vitória, tenho 23 anos e sou estudante de Letras - Português pela FALE/UFAL. A leitura e a escrita sempre foram uma parte essencial de mim. Atualmente, trabalho como professora de reforço escolar e revisora textual na internet. Já publiquei alguns poemas e, além disso, sou uma amante incondicional de gatos e livros de mistério.

Um pássaro ansiava pela liberdade de voar. Mas suas asas haviam sido cortadas e ele andava, andarilhando por aí. Pensava que viveria preso para sempre, carregando o fardo das asas cortadas, e morreria assim: andando em círculos. Porém, o pássaro esqueceu que podia escolher seu próprio caminho, sem precisar, necessariamente, de suas asas, desfazendo os círculos sem fim. Suas asas poderiam crescer novamente e, um dia, talvez, ele voasse para um lugar muito mais distante dali.

TIAGO TORRES

Furta-cor

DA AUTORIA



Sou maceioense, estudante de Letras - Português na UFAL e ávido pela arte, tanto em apreciá-la quanto em produzi-la porque enxergo nessas coisas as formas mais potentes ao meu alcance de crescer como pessoa nesse processo eterno e inacabado de viver.

cuidar dele ontem. Não há nada que eu possa fazer agora. Como o meu estômago é o que mais grita para ser ouvido, eu faço um pão com queijo e presunto no microondas, como eu comia na época de escola. Como será que as coisas estão por lá mesmo?

Enquanto o pão esquenta e a luz do micro-ondas se ilumina, tento me concentrar na comida que gira, que faz alguma coisa e que muda, mas meu reflexo desgastado sempre fica no meio da minha vista. Não quero pensar em como eu era mais contente antigamente, como a vida parecia ter menos sabor enquanto esse pão parecia cada vez mais uma delícia em menos de um minuto. Dou graças aos céus que o micro-ondas apitou e eu posso comê-lo.

Pego ele e um suco de laranja enquanto ouço os miados do meu gato imaginário e lembro que, na minha varanda, dá pra ver a minha antiga escola. Penso em deixar a digestão rolar enquanto vejo a vista para dormir depois. Consigo ver o sol nascendo na frente da praia e só percebo agora que isso

Não me olho no espelho enquanto lavo meu rosto só por lavar, porque já sei o que meus sentidos e minha cabeça vão dizer: preciso dormir; preciso comer; preciso cuidar de toda a minha pele branca e sebosa, mas desse jeito, com essas noites mal dormidas, eu só consigo ceder a impulsos ao invés de usar a cabeça. A TV e o celular não vão me trazer nenhuma novidade que me deixe bem e o apartamento ainda tá limpo o suficiente pelo pique de motivação que eu tive para

acontecia durante todo dia de aula, quando eu tinha uma impressão iluminada mas virtual, opaca da vida. Era o que me bastava naquela época, mas agora, só saber que o sol sempre esteve no seu canto é o que me dá sossego de verdade.

Não sei se é sossego ou se é sono a palavra, mas tudo parece lento, em gravidade zero. Meu velho gato Furta-Cor chega na minha varanda do mesmo jeito que eu o imaginava quando era criança, talvez mais vívido, em contraste comigo. O mesmo andar avoadado, as cores transitando pelo seu corpo como ecos, o olhar iluminado como uma lanterna de farol. De vez em quando, ele gosta de flutuar e saltitar pelo ar, pelo apartamento ou pela vista da varanda e é impressionante como isso sempre me deixa preso, hipnotizado de alguma maneira. Sei lá, eu poderia meditar ou fazer poesia com isso, mas não é algo que eu tenha muita disciplina pra fazer. Não tenho muita disciplina para a vida, na verdade, e no fundo, apenas ver e me perder com isso já me basta.

Dessa vez, ele me pegou na varanda e fez as estripulias de sempre, brincando com os novelos que ele clareava com seus olhos de farol e criando todo um cenário para brincar do zero, claro que me preocupando dele não ficar muito distante do apartamento. Só que no meio do transe que ele me criou, do nada ele mia pedindo para que eu voe com ele. O gato Furta-Cor lampeja seus olhos de farol e me ilumina com tanta luz que consegue me fazer flutuar só com a força dela. Levitando desse jeito, eu sinto a mesma magia que isso me dava quando era criança, mas não que eu tô fazendo isso pela minha própria força. O medo de cair é tanto que uma hora o tremor do meu corpo o faz ceder e ele volta pro chão. O gato, apesar disso, não parece desassossegado. Eu só consigo olhá-lo com medo. E, como resposta, ele me ilumina com muito mais força, me criando um clarão branco.

Em meio ao fundo que o clarão cria, eu me vejo em algo que já passei; estou lavando as mãos no banheiro do colégio, com meu rosto mais novo

refletindo no espelho um sentimento de agonia. Talvez os valentões estivessem por perto e eu me escondi no banheiro, mas naquele momento eu estava preocupado com o lema no brasão da farda. ‘*Criativum mentes mutant mundum*’². Será que eu era criativo o suficiente pra estar na escola? Eu pensava em ideias mirabolantes, como dar ritmo para as lâmpadas ligando e desligando, criar um túnel com a pia ou achar um gato colorido com poderes pelo ralo. Por algum motivo só essa última foi a única que deu certo. Para sentir mais firmeza nessa criatividade que me aflorava, eu pensei que o gato poderia transformar o espelho em um portal pra minha sala, e com seus olhos de farol acendidos pela primeira vez, o gato Furta-Cor deixou o reflexo com a fluidez da água para que eu entrasse na sala pelo quadro e chegasse logo na minha carteira. Eu sentia a magia, mas a agonia não passava porque o medo agora era de alguém ver o que eu fiz com o gato, por isso, eu pedi pra ele se esconder dentro da mochila e desse jeito ele o fez.

Ele literalmente refez uma memória minha, algo que nunca tinha visto ele fazer e me soou muito estranho na hora, até que a mochila se remexe e eu a abro receando alguma coisa. Não tem nada nela a não ser um papel: “Você nunca quis saber o que eu pensava disso, mas acho que você sempre teve medo demais das coisas.”

“Paulo?”, alguém perguntou segurando meu braço. “O que é que você tá lendo?” É a professora com toda a turma me encarando, paralisado, vermelho, tremendo e incapaz de falar sem sentir vergonha.

Isso com certeza não aconteceu na vida real, até porque nunca deixei essa sensação vir de alguém além de mim mesmo, independente dos riscos. O medo que sempre tive de ser eu mesmo me submeteu a essa sobrevida onde eu não incomodo ninguém e não me expesso o suficiente por não sentir que alguém possa se conectar comigo. Por isso, eu preferi viver só com esse gato, que nem real é, a minha vida inteira. Todo evento decisivo da minha vida passa diante dos meus olhos pelo mesmo fundo branco com a

² Latim para “Mentes criativas mudam o mundo.”

certeza latente de que eu traí o potencial do meu animal imaginário, reprimindo ele como um mero inflador de ego e me firmando como um esquivo neurótico. Só agora posso prestar atenção no que tá na minha frente de verdade: o gato flutuando pelo ar e eu também, em meio aos prédios, ao oceano, o sol calorento e uma queda gigante. Não sinto mais medo porque as coisas se parecem em uma medida melhor agora, mas o arrependimento me corrói quando percebo que poderia fazer isso sozinho antes. No fim das contas, ainda tenho muita culpa em ser criativo.

“Esse mal-estar pode mudar.”, é o que o gato me diz ao ler meus pensamentos. “Mas perder o medo é apenas o primeiro passo. Siga-me.”

Ele mergulha em meio ao ar para ir até o ginásio da escola de teto metálico e convexo em um fluxo leve, em uma sensação na qual eu posso imergir e me preocupar só com ela. Mergulho também na mesma direção do gato e atravessamos como espectros o teto para usarmos o gradeado ao redor dele para nos apoiarmos, na surdina, em cima do evento que acontecia lá.

Era como se fosse o momento cívico, já que as turmas estavam orientadas do mesmo jeito pro lugar onde ficavam as bandeiras, só que todos estavam espalhados e sentados no chão ao redor da quadra, esperando e cochichando sobre o que poderia acontecer na frente deles. As bandeiras do país, do estado e da escola estavam içadas como em um dia normal, apenas a coordenadora branca e magra, de uniforme, óculos e sapatilha bege cuidava da situação. Numa mão ela tinha o microfone onde ela orientava as crianças a esperarem e ficarem quietas e, na outra, ela tinha um câmbio onde ela escutava muito perto do ouvido e falava muito perto da boca. Quando o gato lampejou os olhos na direção da coordenadora, eu conseguia ver as palavras que ela dizia e ela ouvia como legendas de cartela.

“Ele tá vindo, câmbio?”, aparecia como na caligrafia que ela escrevia no próprio caderno e nas advertências.

“Um pouco capenga”, vinha numa fonte chiada, daquelas de gibi. “Mas

é o que tem pra hoje, pode avisar pra molecada que ele tá vindo, câmbio.”

“Então já posso começar aqui, câmbio?”

“Pode, câmbio desligo.”

Ela bota o câmbio no bolso e inflama a voz no microfone com um “BOM DIAAAA!” que chega até a me assustar, mas os alunos reagem cumprimentando de volta do jeito que dava.

“Tá pouco animaaado, gente! Vamos de novo! BOM DIAAAA!!”

Dessa vez os alunos respondem bem mais alto e a coordenadora finalmente se dá por satisfeita.

“Ótimo! Vamos que vamos, galera! Pois bem, por acaso vocês tem alguma noção do porquê que vocês ainda estão aqui?”. A maioria nega com a voz, ou com a cabeça, dependendo do humor.

“Com certeza!”, diz uma aluna morena do Fundamental de jeito despojado. “É que a escola vai aumentar o tempo de pátio. Né, tia Matilde?”

A panelinha ao redor dela se contagia o riso que a piada provocou, fazendo a troça se espalhar aos poucos para a multidão, mas só fazendo a coordenadora dar um risinho de canto de boca.

“Fora de hora, mas boa piada. Ok, acho que a melhor forma de fazer vocês entenderem é fazendo só mais uma pergunta: vocês se consideram criativos? Sensíveis?”

“Não sei” foi a resposta mais na ponta da língua que a pergunta conseguiu tirar da plateia, até mesmo da menina despojada.

“Tudo bem. Só que onde estão essas mentes criativas? O que nós estamos fazendo com elas?? Talvez estejamos desfazendo-as! Desfazendo elas por quê, vocês me perguntam? Para esses malditos vícios! Para a falta de contato humano!! Para essa doença moderna chamada imediatismo que corrói nossa imunidade mental!!!”, a coordenadora dizia com um ar cada vez mais inflamado, como se quisesse insistentemente ser entendida por falantes de outra língua. “Nesse sentido, o Colégio Criativum tem deixado **extremamente** a desejar. Mas isso não vai ficar barato! Porque a partir de

hoje, vocês vão ter um mascote!”

Percebo o gato inquieto, querendo observar algum detalhe escondido em meio à cena. Ele não consegue achar nada, mas o bichano continua receoso e a professora continua: “Vocês vão ter uma companhia que vai deixar suas experiências mais divertidas! Ele vai passar em meio às salas pra garantir seus estudos, brincar brincadeiras de verdade e trazer ensinamentos valorosos com os livros e as histórias que ele tem para contar!”

Então todo mundo na escola vai ter um “bicho imaginário” coletivo? Era isso que o gato queria realmente me mostrar? Acho de verdade que seria muito feliz se tivesse estudado nessa época. De qualquer forma, a professora interrompia meu fluxo mantendo o discurso dela: “Olha só! Já tô vendo a carinha animada de vocês. Pois eu garanto que vocês vão gostar... da companhia do Potrinho Polivalente!!”

É, esse nome não pegou mesmo. Mas com a animação que ela rendeu, todo mundo não pareceu sossegar independente de como o tal Potrinho fosse, e todo mundo realmente ficou animado com o que a coordenadora trouxe. De fora da quadra, só chegou uma criança desajeitada numa fantasia surrada de cavalo, mas ela foi engolida pela multidão para ser empurrada e jogada como se fosse uma heroína de guerra. O gato parecia ainda pior, tremelicando com algo que eu ainda não captei. Ele iluminou seus olhos de farol em direção ao Potrinho Polivalente para ver o que realmente estava dentro dele: um garoto amedrontado e choroso em meio àquele todo alvoroço.

E como reação, o gato mia estridente e solta um lampejo que muda toda a quadra.

Nela, passou a se construir um espaço gigante e labiríntico de brincadeiras e escaladas de gato que espantou toda a multidão e soltou finalmente o Potrinho. O gato zuniu pelo espaço como um cometa arco-íris desgovernado que atraiu imediatamente a todos. O menino fugiu da quadra para respirar e chorar um pouco, enquanto a coordenadora não parecia nem

ligar para ele com o brilho no olhar dela em cima do gato.

“Esse vai ser o nosso mascote mesmo!”, ela diz, se comunicando pelo câmbio logo depois. “Você sabe o que aconteceu aqui? Um gato mágico deixou a nossa quadra criativa! Esse vai ser o verdadeiro auge da nossa escola, câmbio!”

Pela forma como ele fazia suas acrobacias enérgicas que deixavam todo mundo vibrando, ele nunca me pareceu tão feliz quanto agora, como se ele pertencesse e merecesse muito mais a isso do que toda a vida que tivemos juntos. Pensar nessas coisas parecia amedrontador, mas eu deveria deixar esse gato para trás, apenas preciso ter a fluidez dessa mudança de cor dele. Mesmo que nunca mais a gente se veja eu posso seguir em frente.

“Podem ficar com o gato!”, eu grito no gradeado da escola para que finalmente me notem. “O gato era meu, mas pode ficar para toda a escola.”

“Então ele já tem nome?”, a coordenadora pergunta pelo microfone.

“Sim! O nome dele é...”

Antes que eu pudesse falar, o gato lampeja seus olhos de farol em mim pela última vez. Eu perco o equilíbrio e caio no meio do ginásio, mas acordo na minha cama.

Não consigo mais achar o gato em casa, mas sei muito melhor o que fazer agora, e começo de fato meu dia limpando tudo ao meu redor.

WALTER BELKIN

Suco de laranja

DA AUTORIA



Walter Belkin é baiano nascido no interior e atualmente trabalha como bibliotecário. Desde a infância encontrou na literatura um meio de explorar os mistérios da vida; dedica-se principalmente a escrever ficções curtas.

Neuza é tão leal, trabalha com a gente há tanto tempo. É quase parte da família. Me ajudou tanto na criação dos meninos, não foi Neuza? Neuza sorrindo com o bule de café na mão. Os meninos davam tanto trabalho quando eram pequenos. Eu não sei o que seria de mim sem a Neuza para me socorrer. Eles começavam a brigar e só ela conseguia colocar ordem na casa. Quando a gente viajava, ela tinha que ir junto, mas é claro.

Imagina, faço questão. Ela conheceu New York, Miami, levei pra França, pra Itália... Não foi Neuza? Ela adorou. Neuza muito agradecida por conhecer lugares tão bonitos que ela nem podia imaginar. Imagine só, eu correndo atrás dos meninos na Park Avenue, não combina comigo né? Neuza, meu amor, traz o meu suquinho de laranja sim, tô com uma sede. Neuza toda solícita vai buscar a jarra de suco de laranja. Ela fez especialmente para a patroa depois desta negar as férias para Neuza visitar a mãe doente no interior. Neuza, que delícia esse suco, colocou algo diferente dessa vez? Coloquei sim *meu amor*, água de privada com mijo, quer mais um pouco?

WILLIAN CARLOS SEMPRE

Depende

DA AUTORIA



Ele escreve, mas deseja parar. williancarlossempre@gmail.com

“ $x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$ ”

Bhaskara Akaria

Todas as mentiras sórdidas se parecem, cada verdade sórdida é sórdida à sua maneira.

A frase inicial é uma mentira, aliás. Na verdade, é uma falsificação, uma réplica, uma aspiração pretensiosa para estudos de literatura comparada e é, também, um contraponto contraproducente; ou qualquer coisa que valha para dar certo valor artístico a estas palavras irrisórias que meus dedos ágeis digitam nesta velha máquina de escrever. Herdei de meu pai, a máquina. Herdei dele também outras coisas: o medo da solidão, o amor à Seattle e a esquizofrenia.

Me chamo William e, apesar do nome, não sou poeta nem sou médico. No que diz respeito à natureza das coisas, não vejo muita diferença entre ambos os ofícios. O médico cuida da saúde do corpo dos homens, o poeta, da saúde do espírito. *Eu sou poeta do corpo e sou poeta da alma*, Whitman escreveu. Imagina quanto poder há em ser médico do corpo e médico da alma! Eu sou apenas William. Esta é minha primeira aventura na escrita propriamente dita, sinto que consumi Literatura o suficiente para tentar escrever algo que seja minimamente entendível, não necessariamente admirável, mas não pretendo – nem poderia – escrever ficção.

Que o Diabo me mate, que o sol consuma por inteiro este mundo, que deus caia anônimo na terra, que os pecados de todos os santos e de todos os anjos sejam perdoados, que as línguas dos homens retornem unificadas a Babel antes que eu escreva uma linha sequer de ficção. A minha língua

pode mentir; a minha prosa, não. No momento me interessam fatos reais. No momento, somente a história me é importante.

Pelo que conheço de mim mesmo, houveram outros antes, mas o primeiro sinal que pude identificar como sendo o início da minha loucura e degeneração foi quando passei a lembrar de acontecimentos ficcionais – literários, bem entendido – e olvidar acontecimentos ordinários da minha vida mundana. Ou talvez minha loucura tenha começado quando, por um estado de espírito que não sei nomear, toquei numa existência prateada, não um toque físico em algo palpável, mas o toque metafísico, se assim posso chamar, numa potência oculta na minha mente. O que, lendo agora o que acabei de escrever, me faz questionar se essa potência oculta seria coisa outra senão a própria loucura – se eu tivesse identificado na época, quem sabe não lutasse contra, procurado um antídoto, feito algo para impedir a putrefação, penso. Ou talvez, e agora volto muito antes, muito antes disso tudo, minha loucura tenha dado início quando vi um rouxinol, não muito maior que a minha mão esquerda, devorar o tempo. Mas meu principal objetivo é ser sincero aqui, portanto, foi quando a Literatura se tornou mais importante que a minha própria vida que soube da minha doença. As implicações disso foram variadas e eu em desvario segui adiante, adicionando camadas e mais camadas ao ponto de não saber distinguir o que tinha sido real e o que minha mente tinha usurpado. Confesso que ainda não sei. E é justamente esse o motivo destas palavras, elas são minha âncora no mundo real, são a tábua de salvação da minha sanidade e por isso não posso ficcionar.

Estou com trinta e quatro anos agora; entre a cruz e a espada, entre el Diablo y el mar rojo, entre cristo e Dante, entre o som e a fúria. Há um revólver na segunda gaveta da minha mesa; calibre trinta e dois, cano curto, oito tiros. Herdei de meu pai, o revolver — não vale umas trinta moedas.

Comprei ela antes de conhecer sua mãe. Na época achei que um homem deveria andar armado. Autodefesa, entende!?, ele disse me mostrando a arma no dia que usaria ela para dar um tiro na própria cabeça.

É autodefesa matar a si mesmo? Escrevo.

Ele ouvia vozes, o meu pai. Certa vez encontrei ele parado na rua com a mão no peito e de olhos fechados, como numa prece. Os fios prateados do meu coração querem profanar o mundo, ele disse, estou tentando contê-los.

Espero que eles tenham conseguido, os fios.

Menciono a existência do revólver para certificar a mim mesmo que isso aqui não é uma história inventada, em histórias inventadas o revólver sempre dispara antes do fim. Este não irá fazer tal coisa, já o fez. Mesmo assim me pergunto porquê não me livrei dele. Autodefesa, talvez. Nunca se sabe.

Minha mãe fugiu com a contorcionista de um circo mambembe que chegou na cidade. Eu estava com dezesseis anos. Por quê, perguntei quando ela me disse que iria embora.

William, tanta coisa depende de um carrinho de mão vermelho esmaltado de água da chuva ao lado de galinhas brancas; me disse como se essa fosse a resposta para todas perguntas do universo. No fim ela era também só mais uma maluca - ou talvez a única com sanidade.

Com os pais que tive, não é de estranhar que eu tenha me tornado o que me tornei.

A Literatura entrou na minha vida depois que a minha mãe partiu. A partida dela foi uma pequena morte para mim, e foi um prelúdio para a morte definitiva do meu pai. Eu não a culpo, e nas conversas posteriores que tive com ele, sinto que ele também não a culpava. É preciso coragem para amar alguém, William, e é preciso ainda mais coragem para deixar de amar, ele me disse. De qualquer maneira foi um escândalo a coisa toda, e cada um lidou da forma que conseguiu com a situação. A morte de Ivan Ilitch ajudou a matar minha pequena morte, mas foi a porta de entrada para este ruído interminável de almas.

Prometeu nos concede o fogo divino e é castigado por isso, a Serpente nos livra da ignorância e é castigada por isso, mas nós também somos: como punição nos sobram todos os males do mundo, como punição nos resta ser expulsos do Paraíso; parece que tudo precisa ser pago de algum jeito. O preço da Literatura é a aniquilação.

Escrevo.

Tantas coisas dependem destas palavras.

Penso.

Escrevo o que penso.

É sexta à noite, faz frio lá fora e minha visão está cansada.

Meus dedos, lentos. Me falta fôlego, me sobra sanidade. Sobra?

Autodefesa, entende?!

Sinto minha língua dormir mentira ela está fingindo dormir ela está morrendo.

Escrevo com pressa na máquina que herdei de meu pai.

Literatura é aniquilação.

A minha prosa não.

Tanta coisa depende do veneno do copo vazio sobre a mesa invadindo mortalmente as veias do meu corpo inventado.

CRÔNICA



ANDRÉ LUIZ, MARIA LAÍS ALMEIDA JESUS & LAURA LEOBINO

O ser ventre no 0042

os corpos suados roçando meu corpo com violência me dão gastura. o suor escorrendo pela coluna, por dentro da camisa de tecido grosso é o combo completo para um desespero quase palpável. não há nada que me forne o estômago. a fome urra em meu corpo em forma de calafrios e vista turva enquanto uma das minhas mãos está segurando firmemente a mochila rasgada que carrego e a outra me prende no lugar apertado que me encaixei no 0042.

penso nos armários de casa, o vazio quase poético dos potes em que armazeno o leite do meu bebê, os resquícios quase inexistentes do leite que deveria estar ali. um solavanco quase me joga pra frente, mas meus pés frágeis me prendem no lugar e, em vez da queda, experimento um homem roçar seu membro nojento desperto em minha bunda. suspiro, exausta demais para me expressar, ciente de que ele alegaria o pouco espaço no ônibus e que teria sido acidente.

a respiração dele em meu pescoço também não é um acidente. torço para que meu ponto esteja próximo, mas não está. forma-se um nó em meu estômago, uma mistura de ânsia com medo de ver meu bebê. *mainha não tem leite pra te dar, mainha deveria ter, mas mainha não tem. o dinheiro está curto, não serve nem pra pagar as contas, não tem arroz e nem feijão, nem óleo e, porra, não tem leite.*

uma lágrima solitária desce pelo meu rosto e ninguém percebe. estão presos em suas próprias vidas e não se importam o suficiente com o corpo-ventre que chora no 0042. quantos corpos-ventre não choram diariamente, no 0042?

me imagino dentro da perspectiva das mulheres que vejo no outdoor da durval de góes. será que um dia eu posso ser uma daquelas mulheres do cartaz? uma mulher. eu queria ser, ao menos, uma mulher, apenas, mulher, mas tenho que ser mãe, filha, empregada e a vadia que quer muito além do dinheiro da pensão. respiro fundo e o solavanco do ônibus me faz voltar para minha condição.

mas não sei, seria tão bom acordar um dia e ser mais que um ventre. ser mais que uma empregada que limpa caixas e caixas no comércio. ser mais que. ser mais. na verdade, eu só queria ser mulher.

olho para o terminal em que devo descer, minhas pernas cheias de varizes me alertam da dor que mais tarde irei sentir. hoje não está fácil, puxo a corda ressecada do ônibus e grito para que o motorista abra a porta. no fundo, ouço uma música, devo estar delirando pelo cansaço, mas a melodia narra minha história.

quando enfim consigo passar pela multidão de pessoas, que, após um dia cansativo de trabalho, acaba tornando-se não mais que corpos com o cheiro pesado e incompreensível da pobreza, desço do inferno andante que é o 0042. vou andando e sinto minhas pernas ardendo ainda mais, “fuviando” como dizia minha falecida mãe. lembro de seu corpo negro morto e seco de tanto trabalhar pra me dar o mínimo, que, por sua vez, era o máximo que poderia ofertar.

tô exausta, mas tenho que ser forte pro meu bebezinho. vou andando e já vejo a creche de longe, invejo as mães que aguardam na porta suas crianças, a minha está em casa, vai e volta sozinha, destino de toda criança que deve formar-se gente logo. desviando disso, já imagino o meu banho gelado, que vai tirar o peso das costas desse dia rotineiro. imagino como deve ser poder tomar um banho que não seja de caixa, não seja temporário, que não seja frio.

chego em casa só. vou logo levando minha criança pro quarto. no fundo, o que mais quero é meu banho, único momento que posso ser só. Já

vou tirando minhas roupas, sentindo um alívio maravilhoso. parece que um pouco da correria da vida sai conforme vou tirando cada peça de roupa, livre de todo o peso, de todo estereótipo no corpo nu. esse chuveiro parece tão convidativo. coloco minha mão e sinto o gelo, do jeito que eu gosto, do jeito que aprendi a gostar. que alívio sentir essa água gelada correr pelo meu corpo, lavando minha carga pesada diária.

sempre espero por esse momento ao chegar em casa. e custo a imaginar como seria estar debaixo do chuveiro elétrico, mas nunca usaria porque a conta de luz iria vir alta demais pra eu pagar e aí teria que tirar o feijão da mesa pra poder ter um banho quente. não posso ter esse luxo que pras madame é só mais um dia comum. tenho que terminar logo esse banho, ótimo que já estou ouvindo minha criança chamar.

— mainha já vai, meu amor.

o meu tão amado banho vai ter que ficar pra outro amanhã, quem sabe um amanhã em que não precise mais me anular ao ser mãe.

um amanhã em que a maternidade não me force a um ideal de supermulher, que contradiz diretamente com quem eu sou.

uma mulher com fragilidades, necessidades e sentimentos.

mas hoje, serei sua mãe. meu dever é ser mãe. me visto rápido para poder abraçar você, meu amor, e, em uma promessa muda, me permito sonhar com a liberdade que me escorre pelos dedos a cada anulação de mim.

DAS AUTORIAS



André Luiz é estudante do curso de Letras – Português. Assino minhas produções com o pseudônimo Eiwa, como homenagem a deidade do filme Avatar, Eywa.



Laura Leobino é nordestina, tem 20 anos e é escritora de romances. Apaixonada pela escrita, amante de literatura e aficionada por séries criminais. Nas horas vagas ouve podcasts e lê sobre crimes reais.



Maria Laís, estudante do curso de letras português. Assino minhas artes como Sapho, em inspiração a autora Safo da ilha de lesbos. Minhas artes são inspiradas na mitologia greco-latina e no amor entre mulheres.

ANTONIO NETO

Meu quintal, meu mundo

DA AUTORIA



Antonio Neto nasceu em 2001 na cidade de Murici, interior de Alagoas. Graduando em Letras-Português, decidiu se aprofundar não apenas nas obras como nos estudos da literatura. Essa grande paixão pelo universo literário surgiu desde mais novo quando teve acesso a caixa secreta cheia de gibis e a uma estante de livros de suas tias, expandindo seu repertório literário. As mulheres de sua família foram de grande incentivo para a formação do grande leitor que se tornou. À medida em que ampliava sua bagagem literária, Antonio descobriu sua paixão pela escrita em prosa e verso. *Encontro íntimo* é seu livro de estreia.

@[osoycapullo](https://www.instagram.com/osoycapullo)

Eu me lembro bem dos meus tempos de menino quando acordava cedinho com o cheiro de café bem quentinho saído do fogo que vó Mainha preparava. Levantava da cama todo animado com aquela cara amassada de um bom sono, tirando as remelas dos olhos e correndo até o quintal cercado de árvores e do canto dos passarinhos visitantes daquelas manhãs de infância. Aquele quintal podia ser pequeno aos olhos de gente grande, mas para mim era o cenário perfeito para as minhas imaginações.

Tomava café comendo pão assado na frigideira enquanto assistia *Bom Dia & Companhia*, acumulando energias para descobrir um novo mundo, guiado pelo canto do bem-te-vi que alegra todas as manhãs. Brincava, brincava e brincava sem me preocupar com o sol da manhã que ia se tornando mais forte ao longo do dia, porque tinha um enorme pé de azeitona a me proteger.

Meus tempos de moleque eram tempos de coragem, emoção e encanto. Não havia dia ruim que não se tornasse divertido quando eu escalava o bom e velho pé de goiaba e o mundo se transformava diante dos meus olhos. Um simples piscar e eu me tornava aviador, pirata e até mesmo super-herói. Olhava ao redor e via terras distantes, oceanos sem fim e despertava minha sede de aventura. Não havia dia ruim que não se tornasse

divertido quando eu me entregava às minhas imaginações e hoje reconheço que são as coisas mais simples que realmente importam.

— Hora da escola, netinho! — dizia vó Mainha, momento em que eu me despedia do quintal, corria todo sorridente para dentro de casa e me preparava para ir à escola. Nem dava tempo nem de sentir saudades porque sabia que na manhã seguinte eu estaria pronto para mais uma aventura.

BREDERODES

ALQUIMIA

DA AUTORIA



Se ocupa desenvolvendo **software** ou resolvendo cálculos, mas entre um afazer e outro, pensa um pouco demais e precisa conversar com o papel por intermédio da caneta para processar os pensamentos.

Os químicos costumam dizer que nada se cria, tudo se transforma, porém eu costumava enxergar o trabalho artístico como uma exceção a essa regra de ouro da matéria. Porque para mim, havia algo um tanto quanto místico em um escritor criando histórias que me tiram lágrimas ou risos a partir de uma folha de papel apática, ou um pintor usando uma tela vazia para recriar uma paisagem surreal, rica em detalhes, que me

leva para sua própria dimensão ao examiná-la. Como mágica, eu acreditava que o belo surgia do nada, de acordo com a vontade do artista.

Algum estudioso da disciplina poderia me apontar que as palavras surgem a partir da tinta do pincel, como no caso da pintura. Mas ainda não faz muito sentido, pois dando uma caixa de lápis de cor para uma criança, o resultado provavelmente seria um daqueles rabiscos infantis; e olhando pela parte técnica, há muitos desenhos que, apesar de tecnicamente difíceis, não evocam sentimentos ou sensações, falta alguma essência. Entretanto, dispondo dos mesmos meios, vários desenhistas ainda seriam capazes de obter obras incríveis, cada uma com um caráter distinto, algumas até simples em método, outras bastante complexas. Então certamente, para mim, não era só matéria se transformando, tinha algo mais no meio, uma energia intrínseca ao artista envolvida no processo, como um toque de Midas pessoal.

Com o tempo, mantendo o contato com a literatura e com a escrita, comecei a passar um corretivo nessa minha ideia. Pois fui percebendo que não havia nenhuma energia metafísica envolvida nesse processo criativo e,

sim, todo um emaranhado de emoções, memórias e ideias tomando uma forma concreta mediante a mão de quem os experiencia. Assim como Manuel Bandeira escreveu sobre Pasárgada para expressar seu desejo de fugir para uma outra realidade, em que seria livre da doença e melancolia que lhe afligiam, Graciliano Ramos iniciou Vidas Secas a partir de um conto inspirado na memória do sacrifício de um cachorro que testemunhou quando criança e, semelhantemente, cada artista coloca uma parte de seu espírito em sua obra, de Homero a Fernando Pessoa. No fim das contas, o “toque de Midas” não era nada arcano, mas sim essas vivências que fazem parte de quem somos hoje e tornam cada um de nós únicos.

GUILHERME HONÓRIO

Um centro de penitências

DA AUTORIA



23 anos, oriundo do ABC Paulista, desde 2018 resido em Alagoas e há dois anos em Maceió. Cria do bloco de Comunicação Social (COS), curso Jornalismo, pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Influenciado pela literatura latino-americana, acredito que as maiores descobertas estão nas expressões cotidianas e populares - dos muros, às músicas. Dessa forma, busco expor tais influências, sobretudo, por meio da escrita.

Na busca pela inspiração, recorro ao cotidiano. Olhar em volta, por poucos segundos que seja, basta para fisgar uma ideia que, muitas vezes, está ao nosso lado. Mesmo de fones de ouvidos, presto atenção nos mínimos detalhes daquele instante em questão. Afinal de contas, o ordinário também é valioso.

Faço esse estudo visual-inspiracional na volta do trabalho, principalmente. Por estar num ambiente de intenso movimento comercial, considero-me um privilegiado na minha empreitada. Vendedores e consumidores dividem o mesmo espaço, enquanto o calor abraça todos. As batidas da

música mais clichê possível do momento, ecoada pelas caixas de som das grandes lojas, servem de trilha sonora. E mesmo nos seus dias chuvosos, o Centro de Maceió mantém seu frenesi – coisa que pude provar, esbarrando em diversos guarda-chuvas.

Entre as ruas estreitas, encerrado o expediente, trafegam os trabalhadores do local. Seus rostos cansados, à espera dos ônibus, indicam a necessidade do retorno para casa. Notando minuciosamente, tais pessoas, aos poucos, estão sendo minadas pela rotina. Não raramente, encontro as mesmas, dia após dia, fatigadas e impacientes. O peso de suas bolsas mistura-se às responsabilidades, sejam financeiras ou familiares. Ao entrarem no transporte público lotado, percebo que o descanso não passa de uma quimera maceioense.

O chacoalhar da máquina sobre rodas impede o fechar de olhos, embora cambaleantes de sono. Fitar a janela, dentro daquela caixa metálica, e observar os de fora torna-se a distração dos adultos, tal qual celular na mão de criança para sossegá-las. A porta que abre, cospe, enfaticamente, um combalido. O suspiro de alívio, ao primeiro passo em contato com o ambiente externo, demonstra o fim do calvário – por algumas horas, sabemos.

Longe de ser apenas uma testemunha ocular da penitência diária, também integro-a, engrossando as filas dos ônibus em direção à parte alta da cidade. Subimos juntos, acomodados nos assentos ou em pé, de segunda a sexta, imbuídos pelo ímpeto de sobrevivência. Seguir em frente, no entanto, é árduo. Não julgo aqueles que, no meio do caminho, saltam no primeiro ponto que veem. Todavia, continuar é preciso, pois ainda temos algumas cicatrizes para acumular – e tentar escondê-las sob o manto dos dias úteis.

No final de tudo, vamos encostar nossas cabeças no travesseiro, flertar com uma escassa noite de sono e, enfim, acordar. Em suma: corpos falidos rumo ao centro do moedor de esperanças. Mas, enquanto ela, a esperança, existir – no léxico e concretamente –, iremos buscá-la. ***Pisa, motô!***

LUIZ GOMES

O peixe e o pão na orla de Maceió: trabalho, emprego e subsistência

DA AUTORIA



Luiz Fernando Gomes, natural de Sorocaba (SP), é doutor e pós-doutor em Linguística Aplicada, na área de Linguagem e Tecnologia pela Universidade Estadual de Campinas. É professor da FALE – UFAL. Publicou vários livros de linguística e de literatura. WhatsApp: (82) 991-060294.

Aqui, do peixe vem o pão. Antiga e bíblica essa relação entre os dois alimentos que no prato de comida nos passa despercebida. Mas na orla de Maceió, ela salta aos olhos como saltam os peixes, os barcos de pesca, os peixeiros, os ambulantes e as garças que “arrodeiam” a puxada das redes. Pão e peixe tanto faltam quanto se multiplicam. Parece um milagre como essa gente sobrevive! O peixe é uma dádiva e o pão alimenta os pescadores e seus filhos, nós e nossos filhos.

Cavala, xaréu, cioba, navalha, cação, lagostim, caranguejo, camarão, piracatinga, papa-terra, albacora-laje, pampo, cocoroca de praia, ubarana, carapicu, robalo, linguado, barracuda, badejo, dourado, atum, sargo-dedentes, piparema, sororoca, arabedéu, sargo-de-serra, prejereba, pescada, peixe galo, pargo, pirapeba, cangulu, barbudo, anchova, dentão, agulha, espada, muçum, piradela, piramutaba, sirigado, pirapendepe, pacupema, piau, voador, corvina, toninha, para-roxa, linguini, tainha, carataí, caraúna, cascudo, cará, piacaba, carvataí, caramuru, carapaú, curimatã, moreia, carapeba, peixe-rei, hipocampo, piquira.*

Juntam-se ao mister da pesca, a confecção das redes de pesca, a construção e a manutenção dos barcos e a venda do pescado fresco já logo na beira do mar, recém-saído das redes. Os peixes são pesados numa balança rudimentar ou pelo “olho” do pescador. Peixes pequenos voltam ao mar na ponta das varas dos inúmeros pescadores que, de acordo com a fase da lua, povoam todo o litoral. Ficam na areia o baiacu, peixe venenoso que

já matou pescador por aqui, e pequenas enguias e camarõezinhos. Esse é um banquete disputado por dezenas de garças. Os maiores e os mais procurados são imediatamente levados ao armazém de pesca; uma cooperativa familiar de pescadores onde os peixes são comercializados para a população em geral. Centenas de peixes pequenos são ainda recolhidos e dispostos em compridas camas feitas de arame que ficam a um metro de altura sobre as quais se estendem os peixes para secarem ao sol, como se faz com a carne seca. Esses peixes são, depois, embalados e vendidos em mercados da cidade e, principalmente, no sertão, onde a comida é pouca e rara.

Pescador aqui é registrado e regulamentado; seus barcos são devidamente vistoriados e construídos de acordo com as rígidas normas da Capitania dos Portos. Também os peixeiros da orla têm seus registros. São 3 peixarias de peixe fresco na orla; há também peixeiros que passam pelas ruas anunciando seus produtos em carroças puxadas a cavalo.

Martinho da Vila, na música *Em memória de Candeia*^{**}, assim cantou:

Peixeiro granfino
Vai na cozinha chamar mamãe
Menino
E diz a ela que tem sardinha
Tem peixe galo e cavalinha
Peixeiro grã-fino
Tem Xexéu, xererete, corvina e tainha
Um bom siri na moqueca
Pescado pelo mano Zeca
Salsa e pimenta de cheiro
Faz um bom tempero
O azeite de Dendê
Vai depressa correndo menino
Chamar mamãe
Chegou o peixeiro grã-fino
Provar que não tem veneno
Que não tem veneno, não
Pode provar
(O veneno era a fome!)

Na orla, há trabalho, emprego e subsistência. Perambulam na areia os vendedores de camarão cozido e salgado, caldinhos de peixe, ostras frescas e até enguias e outros peixes recém-capturados com arpão na maré baixa, em meio às pedras e recifes de corais.

Na falta de peixe para vender e de outros meios de subsistência, moradores de rua ou de barracos varejam pela praia do porto em busca do que possam encontrar para comer ou vender. No inverno, quando chove muito e os córregos desembocam muita sujeira e entulho na orla, a pesca fica prejudicada, pois é inviável fazer pesca de arrasto. Esses maceioenses, então, recolhem, dentre o entulho, latas de bebidas para vender por peso e conseguir o seu pão.

* Fonte inicial da lista de peixes: Discos Marcus Pereira – Música Regional do Nordeste, vol. 2, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNuHoywa5s0>. Acesso em: 28 out. 2024.

** EM memória de Candeia. Intérprete: Martinho da Vila. Compositores: Candeia; Candeia; Candeia; Bretas e Candeia; Candeia e Wilson Moreira. *In:* TÁ DELÍCIA, TÁ GOSTOSO. Intérprete: Martinho da Vila. Rio de Janeiro: Columbia/Epic, 1995. 1 disco vinil, lado b, faixa 6 (5 min).

NATHALIA BARROS

A estação das chegadas e das partidas

DA AUTORIA



Nathalia Silva é graduanda em Letras pela UFAL, com foco em Língua Portuguesa. Com experiência em escrita criativa e produção acadêmica, atua na revisão e diagramação de obras literárias e trabalhos acadêmicos. Já participou de programas como Pibid e PET, onde aprimorou suas habilidades.

Ainda lembro do encontro inesperado na estação de metrô, numa dessas noites em que o frio nos obriga a buscar calor humano. Ela estava lá, trêmula, atônita, num estado que só quem já teve o coração partido conhece. Eu poderia ter perguntado o que se passava, mas, em vez disso, ofereci um abraço. Não era o meu conforto que ela procurava, eu sabia. Mas, naquela noite, sob o céu carregado de nuvens e a cidade envolta em neblina, nossos destinos se cruzaram de um jeito que jamais esquecerei.

Não importava se o que vivemos duraria semanas, meses ou anos. O que aconteceu entre nós valeu por uma vida inteira. Com o passar do tempo, encontrei nos olhos amendoados dela a paz que procurava após dias difíceis. O afeto, o zelo, a calma — tudo que ela me ofereceu me fez dependente desse amor. Ela fazia planos para o futuro, mesmo sabendo da minha preferência por viver um dia de cada vez. Eu sempre ria quando ela dizia que nos casaríamos ali, naquela mesma estação de metrô onde nos conhecemos. Para quem via de fora, éramos apenas mais um casal apaixonado, mas, para mim, ela era muito mais que uma paixão.

Ainda lembro da última discussão. O amor que antes brilhava em seus olhos se escondeu atrás de uma mágoa silenciosa. A voz, que tanto cantou para me acalmar em noites ruins, estava embargada, sufocada. Se tivéssemos sabido que aquele seria o último beijo, o último abraço, o último "eu te amo", será que teríamos feito algo diferente? Provavelmente sim, ao

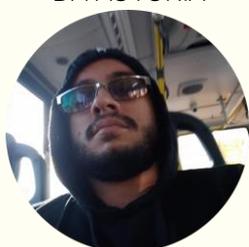
menos ela. Eu, preso à minha vontade de viver o presente sem pensar no amanhã, talvez não.

Então, um dia, a vi novamente na nossa estação. Desta vez, o olhar dela estava vazio, perdido em um passado que já não fazia mais sentido. Não ofereci o abraço que, naquele momento, eu sabia que ela desejava. Apenas observei enquanto, com um suspiro pesado, ela deixava para trás as lembranças que um dia nos uniram. Dessa vez, eu sabia exatamente o porquê. E sim, se pudesse, mudaria tudo.

POETA RAMON

A hora mais bonita do dia

DA AUTORIA



Olá, meu nome é Ramon, tenho 34 anos, sou Representante Comercial, carioca e solteiro. Escrevo poesias e crônicas, gravo vídeos de vez em quando e tenho dois livros em andamento. Sonho um dia viver da minha arte, pois não há nada que me deixe mais realizado do que fazê-la.

que todos os anteriores... não sei explicar... Apenas tive a certeza que aquele momento viraria texto.

Como uma espécie de paixão surgida em transportes públicos, aquelas que você fica fitando a viagem toda e sente tristeza quando chega o seu momento ou o dela de saltar, assim ocorreu com o pôr do sol. Uma paixão breve e intensa, que se distanciava a cada metro que meu carro ganhava terreno. Uma paixão que requeria atenção e cuidado para não morrer ou matar por ela. Nada tão diferente do apego às pessoas e às coisas do cotidiano. Porém, quando você embarca em uma paixão que já vem com prazo de validade, parece conseguir curtir com mais leveza e intensidade aquele momento.

Segui em frente, desviando o olhar para a esquerda sempre que possível e sentindo-me bem mais vivo do que quando o Sol nasceu. A beleza daquele fenômeno e a oportunidade de presenciá-lo foi praticamente uma conversa com Deus. Imaginei a quantidade de pessoas distraídas, ocupadas ou impossibilitadas de assistir àquele pôr do sol; pessoas entocadas em

Ontem, no fim da tarde, quando um raio de luz laranja, de beleza singular, refletiu no meu retrovisor esquerdo, causando-me uma breve cegueira, só então percebi que estava dirigindo em uma direção oposta ao pôr do sol. Eu já havia presenciado tantos pores do sol ao longo dos meus trinta e poucos anos, mas esse, não sei por quê, me encantou como nenhum outro. Talvez por ter sido pego de surpresa, ou quem sabe o tom alaranjado dele era realmente mais belo do

suas casas, dando duro nos seus serviços, estudando nas escolas e nas faculdades, internadas em clínicas, hospitais e hospícios; cumprindo pena dos seus delitos nos presídios ou ainda, nas ruas, mas andando em outras direções. Algo tão especial e à disposição de muitos, mas que só pode ser aproveitado por poucos. Praticamente uma dádiva! Na mesma hora me lembrei de uma pergunta que me fizeram há uns dias que dizia: "O que te faz sentir alegria?". Foi então que percebi o quão abençoado foram aqueles poucos minutos dentro do meu dia.

Uma das coisas mais bacanas disso tudo é ter ciência de que o Sol, que nos concede luz e calor essencial para a sobrevivência durante aproximadamente 12 horas, faz questão de mostrar a plenitude da sua beleza justamente na hora da partida. E que, diferente da menina do ônibus, metrô, trem, que dificilmente será vista novamente, o Sol diz "até logo" em cada fim de tarde pra dizer "olá" a bilhões de outros seres no outro lado do planeta. Em breve ele estará lá, no mesmo lugar, nascendo e se pondo pra quem puder e quiser observar. Na maioria das vezes, não o observaremos, seja por falta de tempo, seja por causa do tempo, mas é certo que um dia o veremos de novo.

Eu me arrisco a dizer que tudo coopera para que um pôr do sol nunca pareça algo banal. Desde os seus diferentes tamanhos, cores, formas e horários, até as nossas condições de acompanhá-lo. Assim também somos nós. O pôr do sol não solucionou os meus problemas, não me fez avançar em um projeto, tampouco me tirou de uma rotina onde pareço andar em círculos sem sair do lugar. Mas serviu para me dar uma percepção de que até nos dias iguais, pequenos detalhes que nem sempre valorizamos muitas vezes são a força que precisamos para continuar.

Uma pessoa amada, uma receita sagrada, um livro, um vídeo, uma piada; um bichinho de estimação, um filme na televisão, um solo antes do refrão... Podem existir tantos pores do sol durante o nosso dia, que não necessariamente precisamos esperar que ele nasça no oriente ou se ponha

no ocidente para sentirmos algum tipo de alegria. Não importa de qual jeito aconteça, se sem querer, por acaso ou de propósito, apenas suspeito que as nossas chances aumentam, se abirmos um pouco mais os nossos olhos para enxergar a luz que cada coisa tem.

sabrina

retalhos

DA AUTORIA



Sabrina Cardoso é discente de Letras – Português pela UFAL, apaixonada por literatura, gatos e cafeína; também é escritora nas horas vagas.

Eu sou, honestamente, terrível em seguir linhas retas. Estaria mentindo se dissesse que me sinto confortável em seguir um único tema, poderia até mesmo jogar a culpa no ascendente em touro, mas o meu é em leão. O problema sou eu.

Recentemente, visitei a Biblioteca Central e me deparei com Calvino e seus motivos para ler um clássico. Sei que já escrevi algo sobre isso em meu segundo período. Poderia dissertar infinitamente sobre o porquê de um clássico ser um clássico, mas nunca sobre o porquê dele ser meu. Assim, durante essa semana, quebrei minha cabeça tentando encontrar algo que me fosse unicamente meu, e apenas me vi perdida em retalhos.

Sempre ouvi, desde pequena, o quanto meus olhos se parecem com os do meu pai: pequenos e rasgados, levemente deformados quando eu me acordo com o rosto inchado. Apenas retalhos: gostaria de ter as sardas da minha mãe, mas as únicas manchas que tenho são as das espinhas do meu pai. Retalhos que se juntam e me fazem ser quem eu sou. Me pergunto se algo que eu tenho já foi, algum dia, verdadeiramente meu.

Agora, quando as luzes do meu quarto colorido e repleto de luminárias de LED me cegam os olhos cansados pelo astigmatismo, eu me vejo como o único pedaço de mim que realmente é meu. Minha mãe constantemente me bate à porta e diz, cansada:

- Tá viva?

Eu estou, e é no meu cantinho colorido que eu me sinto mais viva do que nunca.

Talvez sejam os meus cafés gelados que passam o dia suando, molhando e possivelmente estragando minha escrivania; talvez sejam os meus livros empoeirados que sempre me causam alergia; talvez seja o meu Graciliano que dorme ao meu lado, na minha mesa de canto: onde eu tenho as coisas que amo, simplesmente me sinto como um eu, e não como outros.

Então eu me olho no espelho e amo os meus olhos, amo ainda mais o fato deles serem pequenos retalhos do meu pai; também amo a franja desganhada que herdei da minha mãe.

Meus retalhos que me compõem, meus mangás de terror que me acompanham até hoje, minhas paredes cor de areia riscadas pelas patas das minhas gatas e minhas rosas ressecadas. O que seria de mim sem eles?

Eu decidi parar de escrever esse texto para abraçar a dona Rafaella.

- Tô viva, sim.

E, certamente, meu clássico não é apenas um.

THALIA VITÓRIA

Salvar um gato

DA AUTORIA



Meu nome é Thalia Vitória, tenho 23 anos e sou estudante de Letras - Português pela FALE/UFAL. A leitura e a escrita sempre foram uma parte essencial de mim. Atualmente, trabalho como professora de reforço escolar e revisora textual na internet. Já publiquei alguns poemas e, além disso, sou uma amante incondicional de gatos e livros de mistério.

Certo dia, pela manhã, estava a caminho do terminal de ônibus com minha mãe para irmos trabalhar. Na noite anterior, em específico, havíamos discutido e, durante o percurso, não estávamos nos falando. Meus passos eram largos, pois não queria ficar perto dela; minha mente estava submersa em um turbilhão de falatórios mentais e, confesso, que sentia raiva, muita raiva da minha mãe ainda. Mas foi durante esses passos, durante a invasão de pensamentos, de vozes que se misturavam com as minhas e daquele estado de sentimento que me envolvia, que de repente estagnei. Estagnei

porque vi algo que destruiu aquela manhã de brisa fria, mais do que meus sentimentos ruins em relação à minha mãe.

Vislumbrei um gato pequeno e amarelo, como uma parte do Sol tentando aparecer em um dia chuvoso. O gato estava deitado no chão, na beira do bueiro do esgoto, sujo de lama. A primeira coisa que veio à minha mente foi me perguntar o porquê dele estar dormindo ali, mas o gatinho não estava dormindo. Quando me dei conta do que se tratava, engoli em seco, os olhos ficaram aquosos e a garganta fechou. Eu, que estava com raiva da minha mãe, virei-me para ela logo atrás, esperei que se aproximasse e apontei para o gato, pois, caso contrário, passaria direto e ignoraria a existência daquele pequeno ser agonizando pela vida.

Desejei, naquele instante, que o tempo parasse, assim como eu, que estagnasse para que eu pudesse fazer algo, para que eu pudesse salvar

aquele gato. No entanto, o tempo não me permitiria aquele luxo. Precisaria voltar a caminhar, seguir em frente e ir pegar o ônibus, ir trabalhar. Me envolvi por um sentimento novo, o de impotência, outro sentimento também surgiu, o de culpa. Queria realmente salvar um gato. Com esse desejo utópico ao meu encalço, lembrei-me dos outros gatinhos que não pude salvar e que deram seus últimos suspiros em meus braços. Foram gatos meus, gatos de rua, que conhecia e não conhecia, mas que mesmo naqueles últimos momentos de vida, não importava se foram abandonados ou não, machucados ou não, eu ia até eles e os acolhia, mesmo que aquele gesto de empatia não fosse o suficiente para salvar suas vidas. Fazia isso porque não queria que eles morressem sozinhos, não queria que se sentissem sozinhos. Queria que sentissem o meu calor, meu toque, meu carinho, mesmo que minhas mãos sentissem apenas o frio de seus corpinhos.

Ao ver o gato na beira do esgoto, minha mãe sentiu pena, afirmo isso não apenas por ela ter verbalizado, mas também pelo seu olhar. Ela me disse em seguida: “O que podemos fazer? É triste, mas não podemos fazer nada” e, nesse momento, senti raiva do tempo. O sentimento de impotência cresceu em mim e as lágrimas indesejadas escaparam de meus olhos. Queria que o tempo tivesse parado para que eu pudesse fazer alguma coisa pelo gatinho amarelo, nem que fosse pegar ele e levá-lo a algum veterinário, mas não conhecia nenhum veterinário e, muito menos, sabia o que se passava com o gato, além do fato visível de que estava morrendo.

Seguimos em frente para o terminal, a culpa me abraçou e me permiti chorar silenciosamente. Queria poder ter feito alguma coisa por aquele gato sujo de lama na beira do bueiro do esgoto, de respiração ofegante, de boca aberta e agonizando. Queria ter feito algo por ele enquanto estava vivo e lutava inutilmente por sua vida. Sabia que ninguém iria salvá-lo, passariam por aquele lugar e ignorariam sua existência e só jogariam, tempo depois, seu frágil corpinho no lixo, como se fosse um lixo de fato. Ao sentar no banco do terminal à espera do ônibus, já não chorava mais pelo gato, assim como

também a raiva da minha mãe que eu sentia havia se dissipado.

Foi então que percebi que o tempo, indomável, me mostrava que há coisas na vida que fogem do nosso controle. A impotência diante da morte do gato me fez pensar sobre a fragilidade de tudo ao nosso redor: da vida, das relações, de nós mesmos como seres de corpo e alma. Refleti sobre como, muitas vezes, somos dominados por ressentimentos que, no fim, não importam tanto quando comparados às pequenas coisas que acontecem e mudam tudo. Diante da impotência da vida, percebi que, embora não pudesse salvar o gatinho amarelo, ainda poderia salvar a relação com a minha mãe.

THOMAZ AMBROSIO

Cochilar ou resistir

DA AUTORIA



Thomaz é carioca, de 29 anos, formado em Design e escritor nas horas vagas. Começou a escrever contos, depois passou a ilustrá-los, e agora tem uma *newsletter* para compartilhar e experimentar com texto e suas possibilidades de expressão. Tricolor, apaixonado por cinema, e pai de pet.

*Como se sentasse ele dobrado ao regaço,
O sono, como névoa, soprou-lhe sobre.
Uta-napíshti a ela falou, a sua esposa:
Vê o moço que pedia a vida,
O sono, como névoa, soprou-lhe sobre!*

Não demorei muito pra encontrar esse trecho do épico de Gilgamesh (“Ele que o abismo viu”, traduzido do acádio pro português com maestria pelo Jacyntho Brandão) enquanto pensava sobre o tema desse mês. Trata-se de uma história de quase cinco mil anos de idade, escrita em

tabuinhas de pedra e que tem em seu clímax um semideus lutando contra o sono. Falar — e, antes, pensar — sobre esse tema significou, pra mim, primeiro entender que ele existe de forma escorregadia enquanto conceito, pelo menos por aqui. No inglês, por exemplo, o termo para “sono” é o mesmo de “dormir”: “*sleep*”. A diferença entre estar desacordado e a sensação que antecede esse estado é irrisória; fica-se “*sleepy*”, e eventualmente *sleeps*. O sono, nosso sono lusófono, não é um particípio; é sua própria palavra, com vida própria; um companheiro que pode, ou não, anteceder a experiência de dormir — experiência essa que pode, inclusive, ser descrita com essa palavra. Para propósito de entendimento, vamos tratar dele apenas em sua presença no consciente. Fico até constrangido, inclusive, de falar do sono dessa forma, como se ele não tivesse presente na sala. Ele está do seu lado lendo, e do meu também, mesmo que em horário inconveniente. Sua ambiguidade fica clara em uma comparação descabida

entre eu e ele: Se, em “Ele que o abismo viu”, o sono é uma alegoria para a morte, inevitável até para o semideus Gilgamesh, no mundo do não-semideus Thomaz, o sono é uma provocação. E não poderia ser diferente! Além do valioso metro de vantagem no quesito altura (ele é descrito como um homem de 3 metros), suas preocupações envolviam inspecionar as muralhas de Uruk e atazanar os recém-casados da cidade, algo que certamente eu tiraria de letra. Acredito também que o poeta Sin-léqi-unnínni não teria omitido alguma possível preocupação com contas a serem pagas ou algum tipo de culpa carregada. Só vislumbra-se um princípio de igualdade entre nós na última tabuinha, quando ele começa a se perguntar “Por que estou acordado?”

No verso que abriu esse texto, o imortal Uta-Napíshti narra o sono como o momento derradeiro da busca do Rei de Uruk para sua própria imortalidade. Essa busca é motivada pelo luto por seu grande amigo e companheiro Enkidu, que só foi entendido como morto após 7 dias de observação — “quando caiu um verme de seu nariz”. Um presságio, talvez, mesmo que apenas em forma, da evolução que acompanharia a industrialização do mundo. Enkidu morreu com certeza e o verme que caiu de seu nariz já estava lá quando se ainda o entendia como vivo. Essa experiência subjetiva de percepção tornou-se real e prática com a morte em vida: é possível comer, andar e, principalmente, trabalhar tendo um verme pronto pra despencar a qualquer momento. E não se trata de uma falha, muito pelo contrário: é um dos pilares do funcionamento do mundo; a supressão completa do potencial de cada pessoa, da imaginação para quebrar as próprias barreiras imaginárias que criamos. Longe de ser um conceito recente — Brás Cubas escreveu um livro de suas memórias sobre o assunto no século XIX —, mas cada vez mais doloroso, visto que a decomposição do espírito vem muito antes da decomposição do corpo e, assim sendo, é o sono que acaba podendo viver para seus próprios devaneios. Aparece ao longo do dia, some ao deitar-se na cama, tira férias

por meses até voltar e se tornar uma companhia diária. A existência livre, sem a função de carregar para o inconsciente, deixa sua personalidade caprichosa aparecer. Para quem já morreu, mas segue digitando, o sono é uma provocação luxuosa da imaginação, que te faz vislumbrar a vida onde dormir não significa a morte; onde a produção pode ser interrompida para que o sono te conduza com carinho até seus sonhos. Não é por mal, mas acaba sendo uma provocação cruel. O acompanhante que permite dormir é outro, mais rude e direto: o cansaço. Mas o sono é fiel à sua função mesopotâmica: mesmo que apenas nesse momento, vai assumir a função de condutor e te fazer dormir pela última vez. Takashi Shimura, o Senhor Watanabe em *Ikiru* (1952), teve uma das performances mais emocionantes que já vi ao perceber essa fidelidade enquanto cantava “Gondola no Uta”. A morte já havia sido dada como certa, o que ele percebeu ali foi sua mortalidade: assim como Gilgamesh, soube que iria dormir de uma vez por todas, o que revelou o verme em seu nariz e o fez perceber que estava acordado, mas não vivo.

Com toda essa carga de significados e agouros, fica difícil simpatizar com o sono. Felizmente, temos a opção de não ressentir-lo: no estado atual das coisas, minhas e talvez suas, eu prefiro acreditar que suas aparições são uma tentativa de intervenção, um outro lado da moeda na função de guia, que suplica pra que você experiencie dormir apenas para poder apreciar estar acordado. A morte, despreocupada, sem hora marcada ou ritual de preparo, é sempre garantida no final, e se o que antecede e sinaliza que vamos dormir é o sono, só nos resta a vida pra ocupar essa função antes do fim.

YLA MORAES

O corpo na passarela

DA AUTORIA



Me chamo Ylailla Moraes, sou estudante de jornalismo, apaixonada por literatura desde que me entendo por gente. Também sou apaixonada por música, fotografia e cinema. Como escritora me aventuro por tudo: poemas, contos, crônicas, análises. Como leitora, os romances policiais têm meu coração.

Eu sou uma passarela, em frente à Universidade, às 20 horas de uma segunda-feira. Um corpo caminha sobre minha estrutura de concreto. Um corpo magro caminha, senta, deita, permanece.

Às 20h30, outros corpos caminham juntos, me atravessando e atravessando o corpo, que ainda permanece.

Qual o nome dele? Tem nome? Quem é mamãe? Ele mora aí?

Um corpo pequeno pergunta à mãe, na manhã de alguma terça-feira, indo pra escola, eram 7h da manhã. Eu sei porque ouvi no rádio, que carregavam minutos depois.

Às 17 horas da sexta, o corpo é retirado. Descem com ele enquanto mais corpo sobe. Sobe gente a toda hora, das 4h às 16h, das 3h às 23h, às vezes mais, às vezes menos.

Quem era ele? Ninguém sabia dizer

Eu só lembro o que o rádio dizia:

— São 20 horas, horário de Brasília, o trânsito flui normalmente na capital.

FOTOGRAFIA



FOTOGRAFIA

ATLAS JONES

Jonas beastly

DA AUTORIA



Sou Atlas Jones, tenho 22 anos e sou um homem preto e filho de quilombo. Ator formado pela ETA, graduando em licenciatura em teatro - UFAL, intérprete de libras, produtor cultural e modelo. Tenho como uma das principais profissões fotógrafo móvel (fotógrafo com celular)

FOTOGRAFIA

BEL MUNIZ

A folhagem alagoana no maracatu

DA AUTORIA



Isabel Muniz Lima é professora na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Em paralelo aos fios felizes da docência e às interações digitais das quais faz pesquisa, flerta com a escrita manual, memorialística e afetiva e com a fotografia de gente-que-se-move-no-mundo.





FOTOGRAFIA

DAFHINE ALVES SILVA SANTOS

RETRATO DE PINHEIRO – AS RACHADURAS ME PARTEM AO MEIO



DA AUTORIA



Sou Dafhine Alves S. Santos, natural de Maceió-AL. Estudo Letras (Português) na Fale/Ufal. Sou uma mulher cisgênero LGBTQIAPN+, marxista-leninista, professora, amante das artes e da liberdade. Não sou fotógrafa, mas participei de um projeto, em 2019, chamado “Deslimites” e capturei algumas imagens de Pinheiro e Mutange, dois dos (até o momento) cinco bairros atingidos e mortos pela mineradora criminosa Braskem.

FOTOGRAFIA

EWERTON DOUGLAS

Antes de fechar os olhos (série). Quatro fotografias.

DA AUTORIA



Pernambucano de 23 anos, Ewerton Douglas é acadêmico do curso de Letras pela UFAL; pesquisador na área de sociolinguística e linguística textual. Escreve desde criança; sua predileção são os poemas, contos e minicontos, tendo, inclusive, poemas e contos publicados em revistas e antologias, sendo esta a segunda participação do poeta nesta revista.

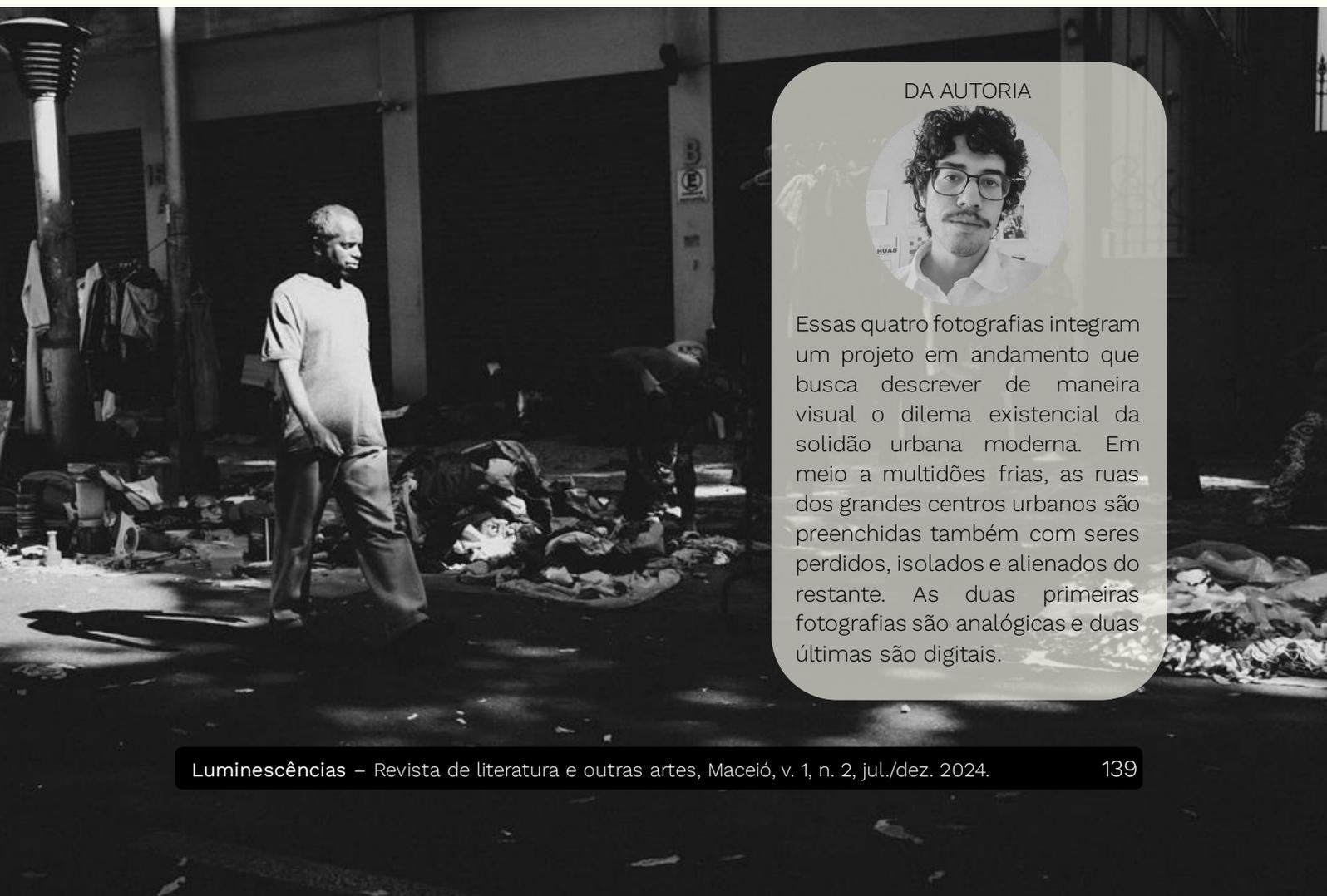






FOTOGRAFIA

FELIPE BARATA



DA AUTORIA



Essas quatro fotografias integram um projeto em andamento que busca descrever de maneira visual o dilema existencial da solidão urbana moderna. Em meio a multidões frias, as ruas dos grandes centros urbanos são preenchidas também com seres perdidos, isolados e alienados do restante. As duas primeiras fotografias são analógicas e duas últimas são digitais.



FOTOGRAFIA

GLENDAL LEAL

Sem título.



DA AUTORIA



Essas quatro fotografias integram um projeto em andamento que busca descrever de maneira visual o dilema existencial da solidão urbana moderna. Em meio a multidões frias, as ruas dos grandes centros urbanos são preenchidas também com seres perdidos, isolados e alienados do restante. As duas primeiras fotografias são analógicas e duas últimas são digitais.

FOTOGRAFIA

GUSTAVO BORONI

Série florescer (série). Quatro fotografias.

DA AUTORIA



Gustavo Boroni, alagoano de 43 anos, relações públicas formado pela UFAL em 2006, professor, publicitário, multi-artista, designer e fotógrafo. Como empreendedor na economia criativa, lidera a **startup** Estampa POP, um **marketplace** que une diversidade e sustentabilidade, promovendo o talento de artistas independentes e fortalecendo a inclusão cultural.



FOTOGRAFIA

Florescer (série) – Gustavo Boroni



FOTOGRAFIA

ISADORA KELLY FERREIRA ARCANJO DA SILVA

Alagoinhas em pedras.



DA AUTORIA



Alagoana, estudante de Letras e pesquisadora de Linguística Textual, é integrante do programa PET Letras. Batuqueira no Maracatu Baque Mulher, também se dedica à fotografia e à arte digital. Seu envolvimento com as artes e as letras reflete sua paixão por expressão e cultura.



FOTOGRAFIA

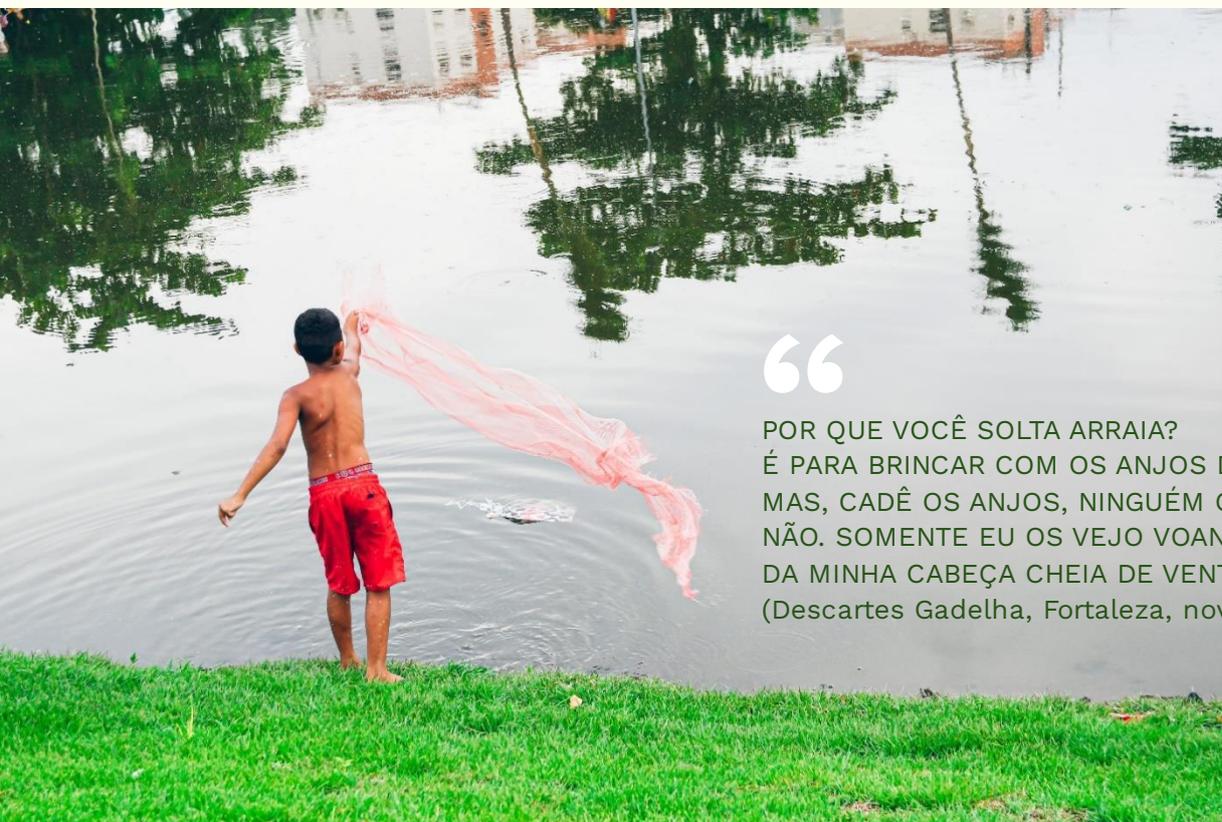
Pele de gigante – Isadora Kelly Ferreira Arcanjo da Silva



FOTOGRAFIA

JADIR PEREIRA

O pescador de arraia (série). Três fotografias.



“

POR QUE VOCÊ SOLTA ARRAIA?
É PARA BRINCAR COM OS ANJOS DO CÉU!
MAS, CADÊ OS ANJOS, NINGUÉM OS VÊ?
NÃO. SOMENTE EU OS VEJO VOANDO DENTRO
DA MINHA CABEÇA CHEIA DE VENTO DO ARRAIAL...
(Descartes Gadelha, Fortaleza, novembro, 2023)

”





DA AUTORIA



Jadir Pereira é professor, fotógrafo, ator e diretor Cia Teatro da Poesia. Possui graduação em Letras (2001) e Especialização em Estudos Clássicos (UFC); técnico do Curso de Arte Dramática pela (ETA -UFAL), Mestrado em Estudos Literários (PPGLL-UFAL); doutorando na linha de Literatura: Poéticas, Cultura e Memória (PPGLL-UFAL).

O Pescador de Arraia é uma releitura fotográfica a partir do imaginário do artista cearense Descartes Gadelha cujas obras "Desinganchando Raias" (1974), "Tempo de Arraia" (2004) trazem o colorido e o sonho da infância. O tríptico apresenta uma criança que resgata uma arraia do Riacho Alagadiço. O regaste é uma figuração da reconquista de um tempo perdido, tempo de arraia.

Técnica: fotografia digital, colorida, lente 50 mm, Nikon D7500. Metodologia inspirada no conceito de "flâneur" do pensador Walter Benjamin e na obra do francês Eugène Atget que costumava fotografar à beira do Rio Sena; dialogismo com as pinturas de Descartes Gadelha. Espaço da foto: Parque Rachel de Queiroz, às margens do Riacho Alagadiço, Fortaleza/CE.

Jadir Pereira.

FOTOGRAFIA

JÚLIA GÓES

CSA 50. Uma fotografia.



DA AUTORIA

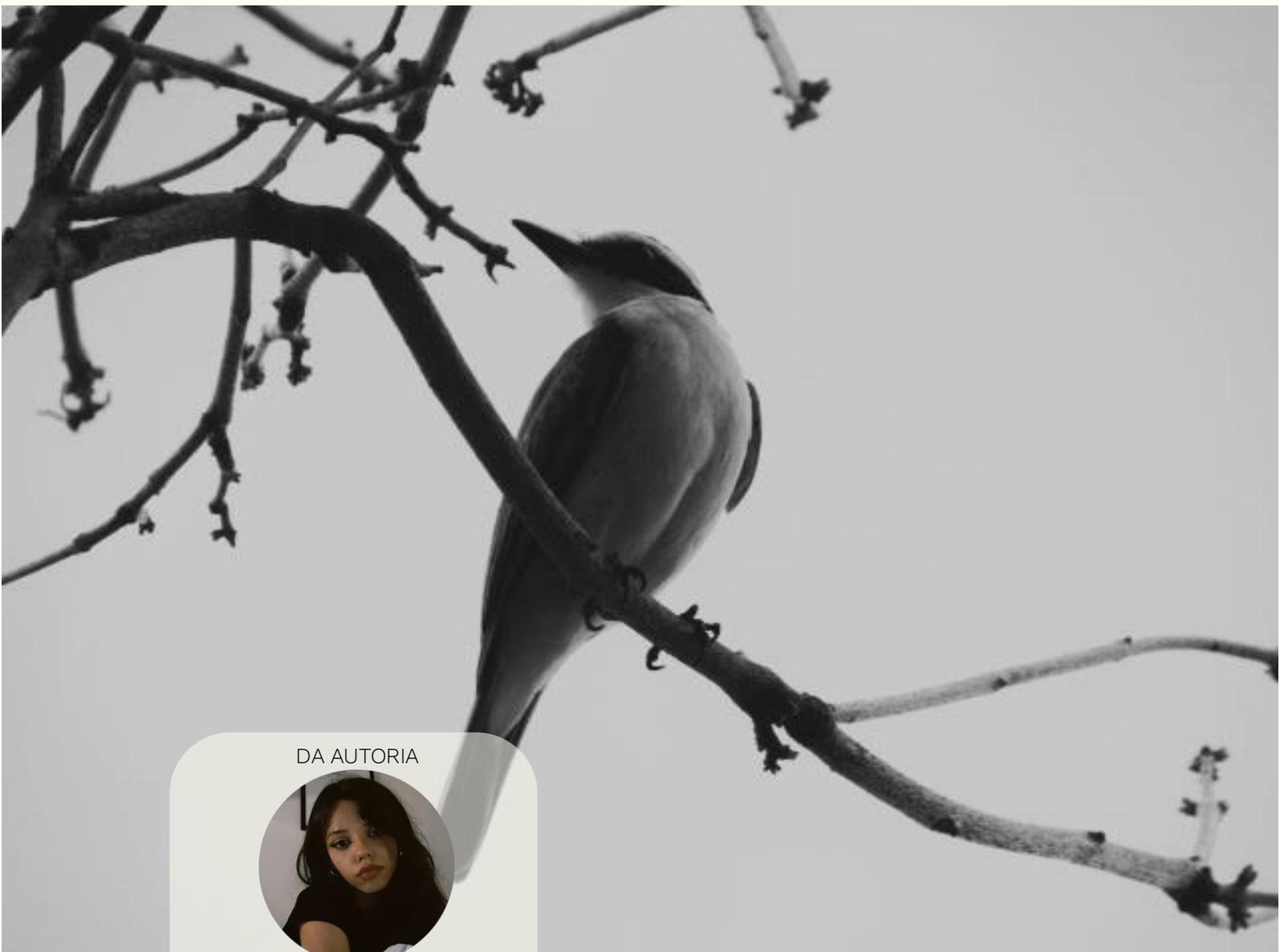


Júlia Góes é licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas e produz, desde 2020, artes em diferentes mídias como [@pategem](#).

FOTOGRAFIA

KARLA

Fotografia sem título.



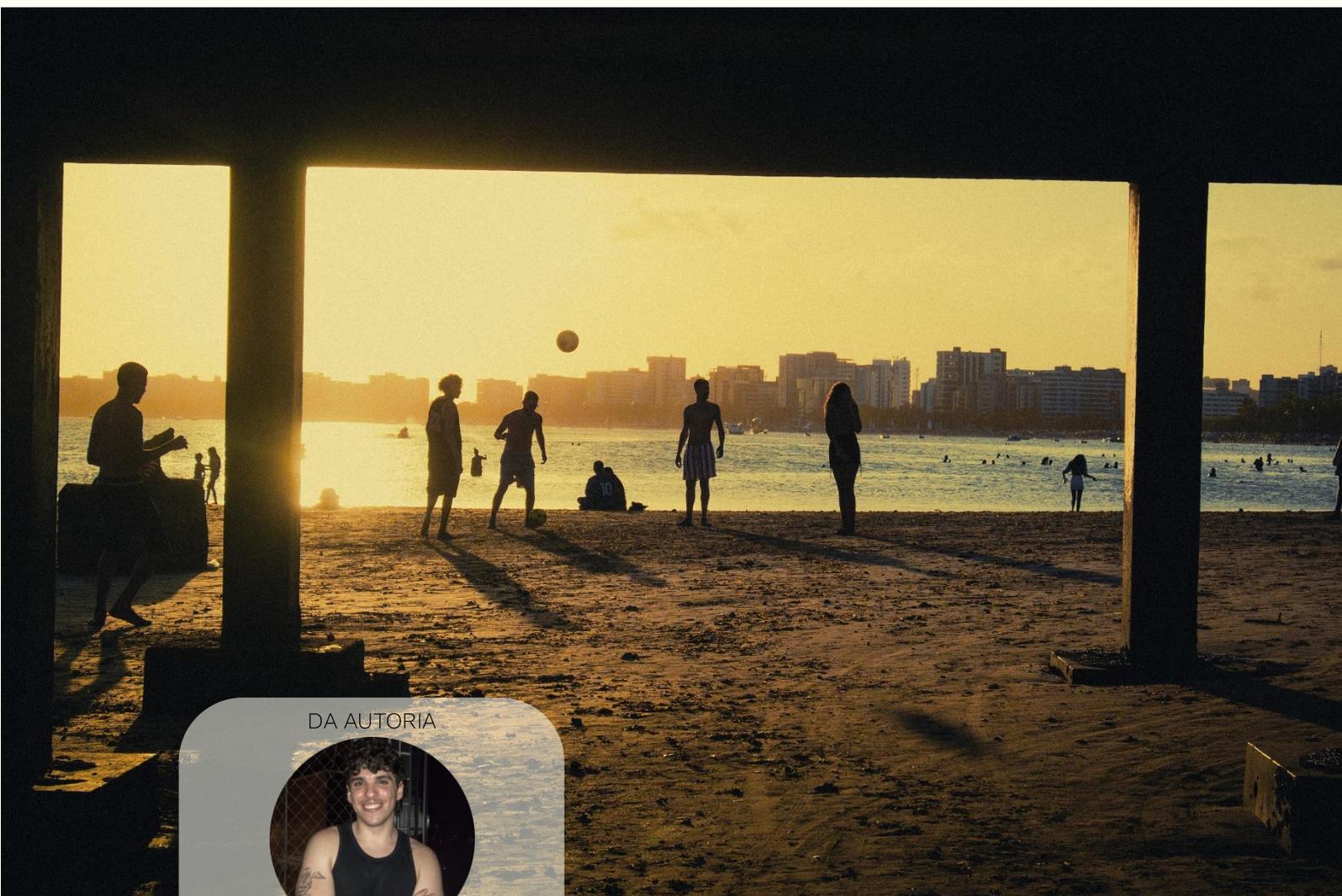
DA AUTORIA

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), é apaixonada por literatura e fotografia. Busca unir suas paixões pela educação e pelas artes visuais.

IMAGENS ARTÍSTICAS

LEO VERMELHO

Fotografia sem título.



DA AUTORIA



Leonardo Vermelho, 20 anos, Maceioense e estudante de Letras - Inglês na UFAL. Fotografo nas horas vagas e tenho procurado me dedicar a esta arte. [@leoverme.lho](https://www.instagram.com/leoverme.lho) no instagram é onde normalmente posto minhas fotos.

FOTOGRAFIA

MARIANA SENA

Sonho de uma tarde de verão (série). Quatro fotografias.



DA AUTORIA



Alagoana, fazedora de fotos e concluinte de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Mariana é entusiasta do audiovisual e dos seus entrelaçamentos com os estudos urbanos.

MARIANA SENA

Sonho de uma tarde de verão (série)



FOTOGRAFIA

MISTY LUMIÈRE

Duas fotografias.

DA AUTORIA



Sob uma perspectiva da luz prateada, Giordanna Brito, de pseudônimo Misty Lumière, escreve o que se faz as entranhas da literatura gótica e dos mistérios femininos. Introspectiva, etérea e mística, transcreve uma mente onírica em poesias, contos e romances.



FOTOGRAFIA

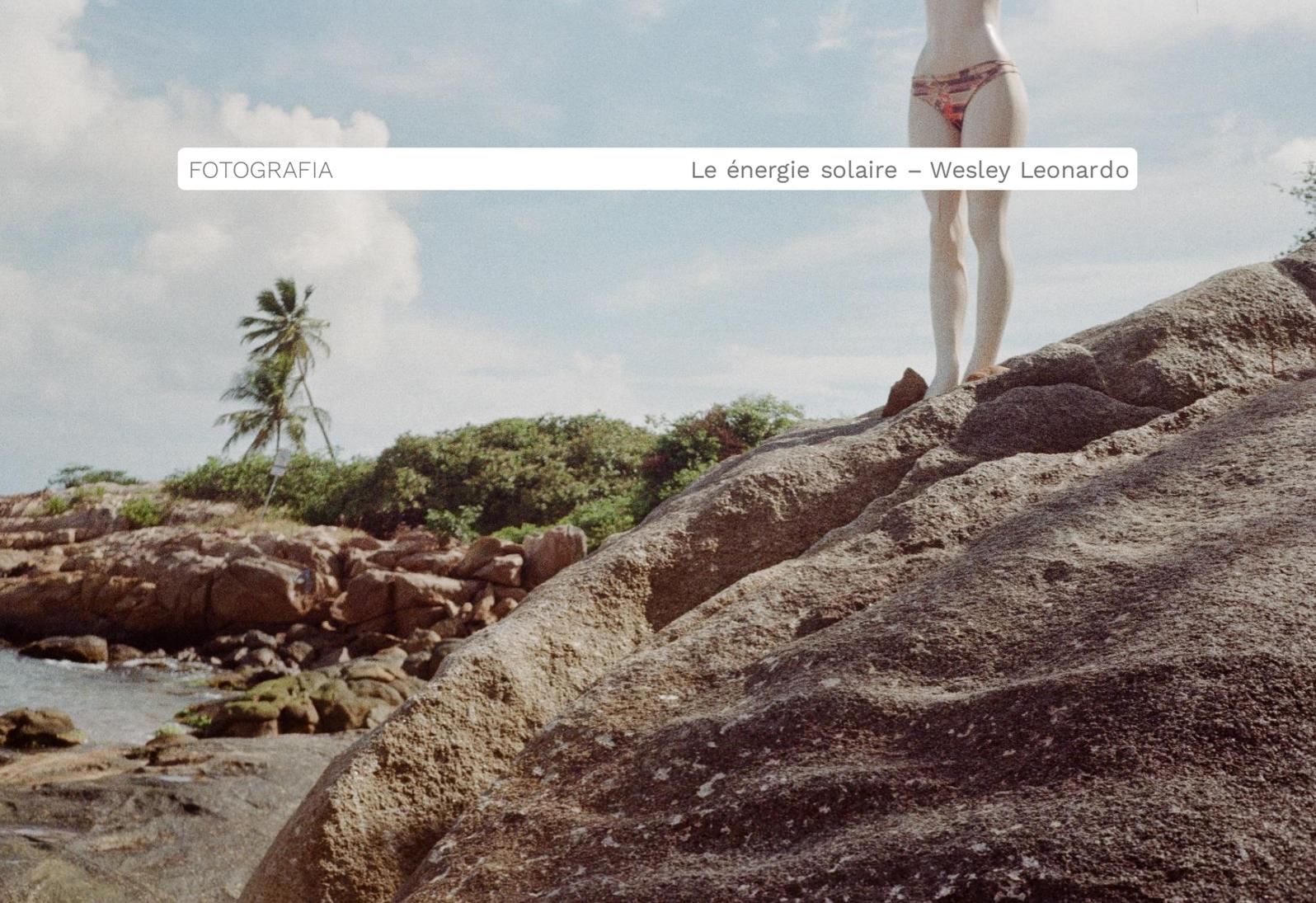
WESLEY LEONARDO

Le énergie solaire. Ensaio

DA AUTORIA



Wesley Leonardo, 25 anos, alagoano e assistente social. Realiza experimentações na fotografia analógica.





ARTES VISUAIS

ALICE GUEDES

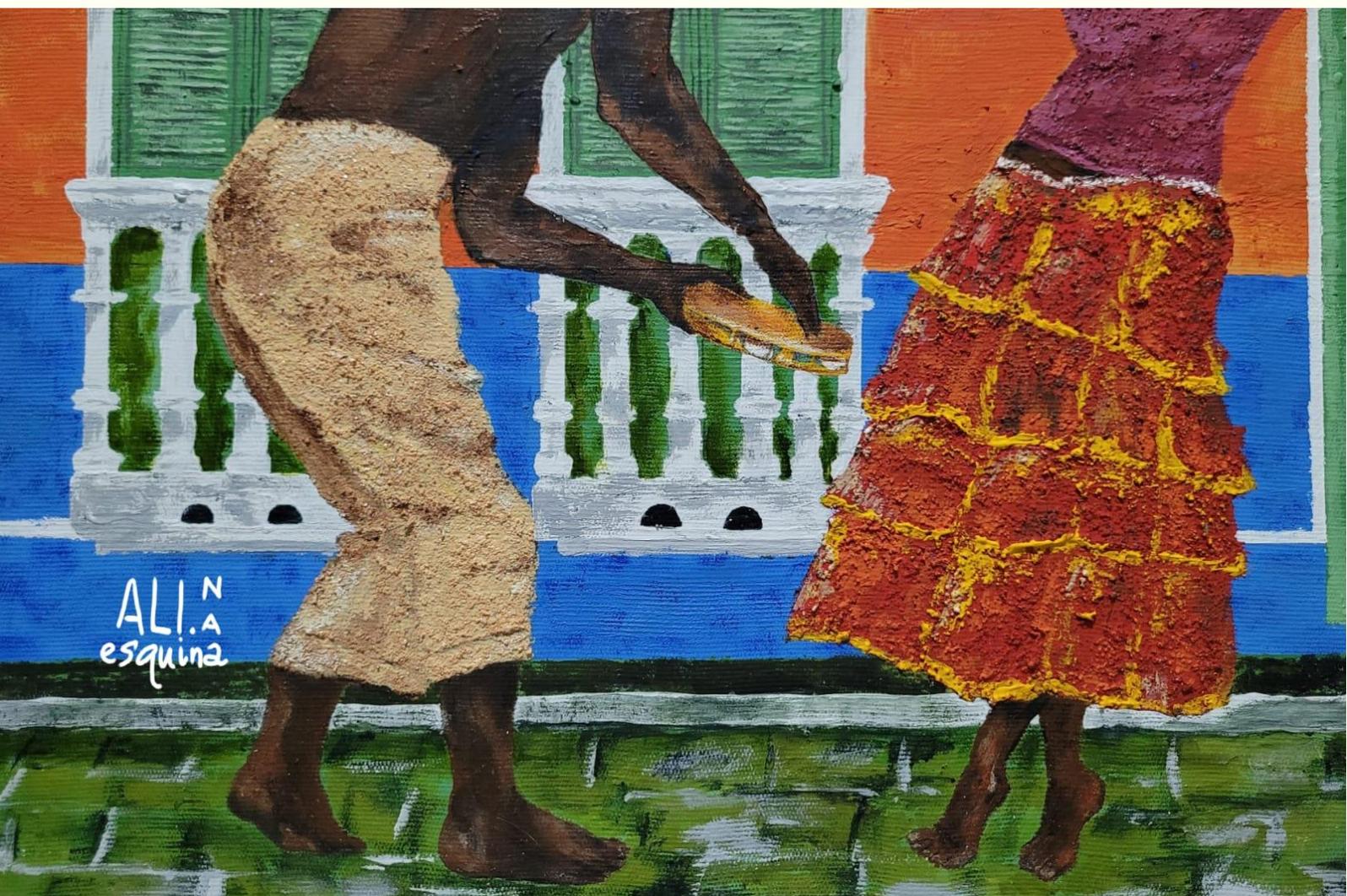
Guerreiro alagoano



DA AUTORIA



Mulher negra, lésbica, nascida e criada nas terras e nas águas de Alagoas. Artista visual, registra seus trabalhos com artes digitais, colagens e pinturas em tinta acrílica e aquarela no [instagram @ali.naesquina](https://www.instagram.com/ali.naesquina). É estudante de Letras-Português, batuqueira de maracatu, entusiasta de samba, coco de roda e banho de mar, constantemente movida pela ancestralidade.





ALI.^N
A
esquina



ARTES VISUAIS

AMANARA

cara vermelha, pintura.

DA AUTORIA



Gabriela Correia Cardoso (@amanara) é uma artista autodidata que busca expressar através de ilustrações os pensamentos e sentimentos que perpassam sua caminhada de retomada ancestral, tendo como ponto de partida sua ascendência Kaeté.





ARTES VISUAIS

AMANDHA RAYSSA

Maria Felipa



DA AUTORIA



A artista vilelense Amandha Rayssa dos Santos, nascida em 23 de dezembro de 2005 em Maceió-AL, expressa desde a infância sua paixão pela arte. Com humildade e dedicação, ela já foi premiada em 1º lugar em Alagoas e Teotônio Vilela, participou de desfiles e concursos, e teve a honra de ver suas obras expostas em Brasília e na Embaixada da China. Atualmente, Amandha realiza encomendas de pintura, criando peças únicas que refletem a essência e os sentimentos de cada cliente, sempre com dedicação e sensibilidade.



ANTONIO NETO

Mergulho nos olhos



DA AUTORIA

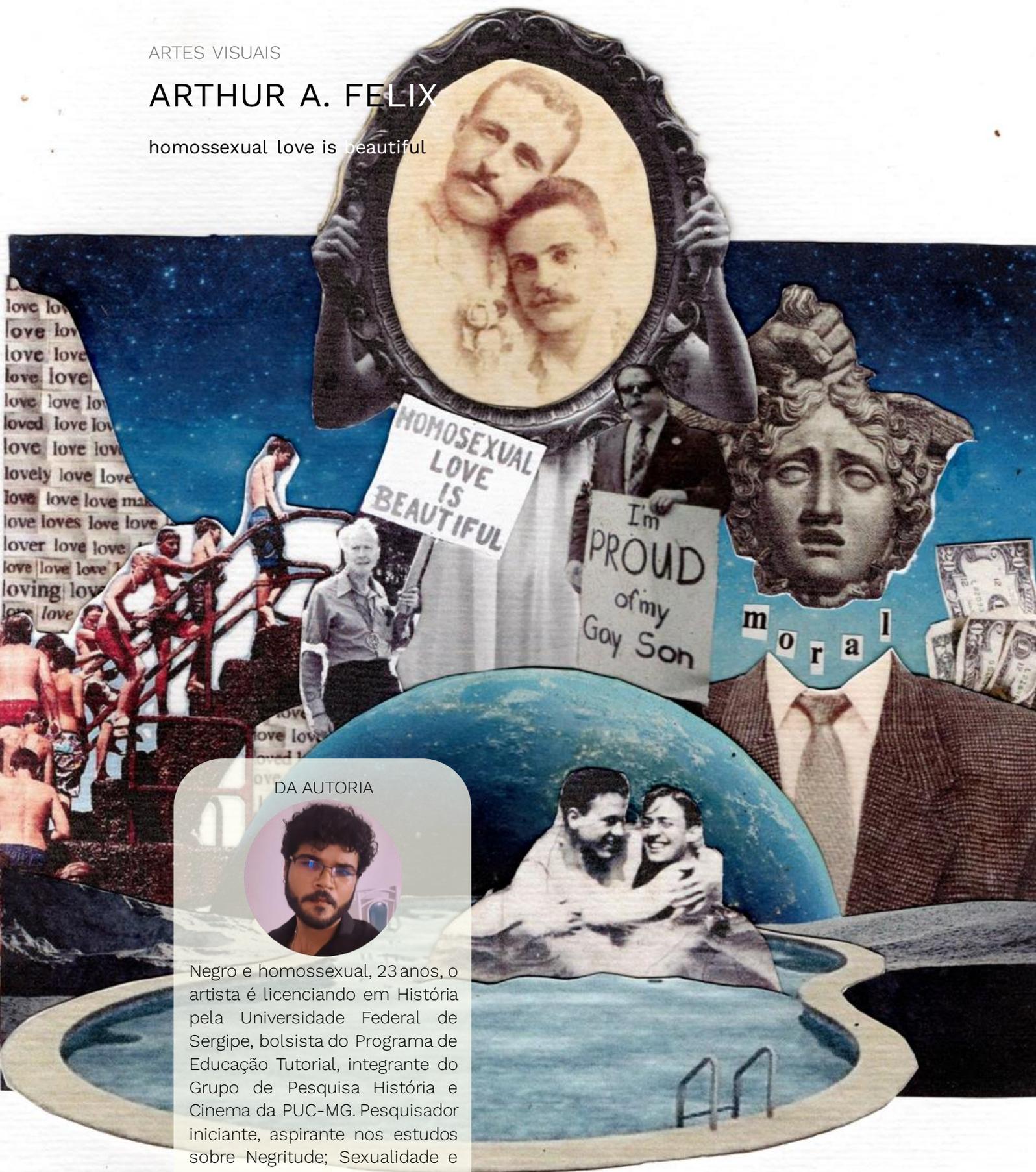


Antonio Neto nasceu em 2001 na cidade de Murici, interior de Alagoas. Graduando em Letras-Português, decidiu se aprofundar não apenas nas obras como nos estudos da literatura. Essa grande paixão pelo universo literário surgiu desde mais novo quando teve acesso a caixa secreta cheia de gibis e a uma estante de livros de suas tias, expandindo seu repertório literário. As mulheres de sua família foram de grande incentivo para a formação do grande leitor que se tornou. À medida em que ampliava sua bagagem literária, Antonio descobriu sua paixão pela escrita em prosa e verso. *Encontro íntimo* é seu livro de estreia. [@soyca pullo](https://www.instagram.com/soyca_pullo)

ARTES VISUAIS

ARTHUR A. FELIX

homosexual love is beautiful



DA AUTORIA



Negro e homossexual, 23 anos, o artista é licenciando em História pela Universidade Federal de Sergipe, bolsista do Programa de Educação Tutorial, integrante do Grupo de Pesquisa História e Cinema da PUC-MG. Pesquisador iniciante, aspirante nos estudos sobre Negritude; Sexualidade e Cinema Nacional.

DE QUE VALE
SE APERRIAR?

ARTES VISUAIS

CELIN

DA AUTORIA



Thamyris Gomes é uma profissional multifacetada, atuando como marketeira, estudante, empreendedora, infoprodutora e CEO do Studio Celin ©. Com cinco anos de experiência em design, ela alia sua expertise à criatividade necessária para oferecer serviços de marketing que se destacam. Desde abril de 2020, Thamyris tem explorado o ambiente digital, e, inspirada por sua avó, criou o Studio Celin, onde lidera uma equipe engajada. Para se manter atual, ela transborda sua criatividade através de arte e colagens, inspirando-se em músicas e em sua experiência como imigrante, permitindo que suas criações refletem autenticidade e fé.



Palaciete

school. It
promised his
pass the Common
(high school).
his skill with
camera and at the age
19 he won a prize
Bo... competi

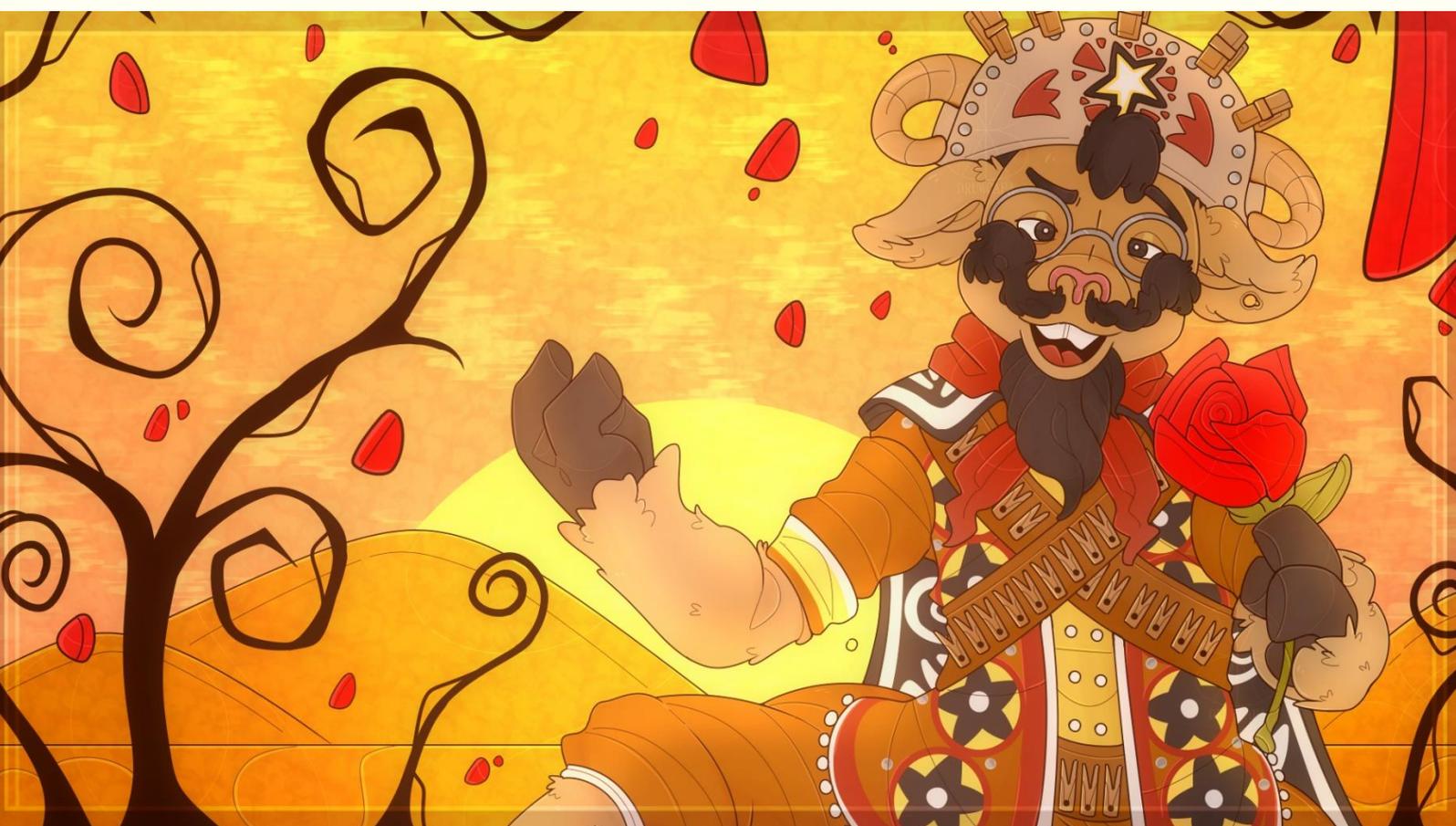


SE A LEI NATURAL DOS
ENCONTROS É DAR E
RECEBER UM TANTO
A LEI DIVINA DO ENCANTO
É SEM MEDIDA SE DOAR

ARTES VISUAIS

DRUWCAPA

Sangue latino



DA AUTORIA



Terve!

Sou um artista alagoano, faço ilustrações digitais no celular utilizando o aplicativo *Medibang Paint*, aprendendo finlandês ao mesmo tempo da minha graduação de Inglês da FALE. Sou um fã do programa *The Masked Singer* Brasil e amo nossa cultura local! :]

Um esboço

É

Um plano,

UMA **ideia,**

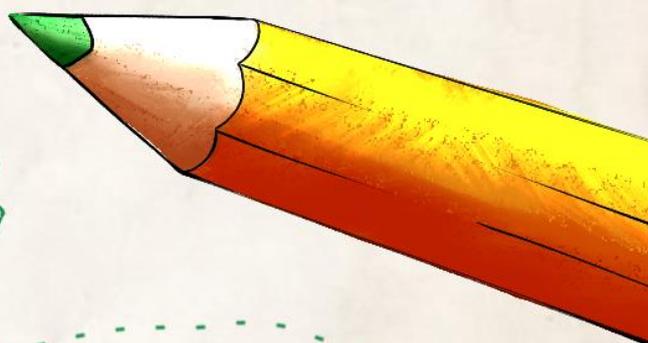
UMA

Tentativa,

DA AUTORIA



Eric Kauã é um Alagoano Vilelense de 18 anos, graduando em Letras-Português na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e ilustrador digital que desde pequeno é apaixonado por arte e histórias em quadrinho, que sonha em ser um quadrinista nacional no futuro.



Não
passa
Disso...

uma Promessa
de um **nada**
(ou não)
que pode **Vir a ser algo**

Algo
que só o artista vê ali



e quando
não vem,

o Artista
se entristece

por algo
que nunca foi
uma certeza
de ser



Mas ele não para, ^(nem deve)

tem sempre

MAIS ESBOÇOS

E mais

Promessas
de vários algos a se fazer



ARTES VISUAIS

ERMANS CARVALHO

ALAGOAS ESCREVENDO SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO (pintura)





DA AUTORIA

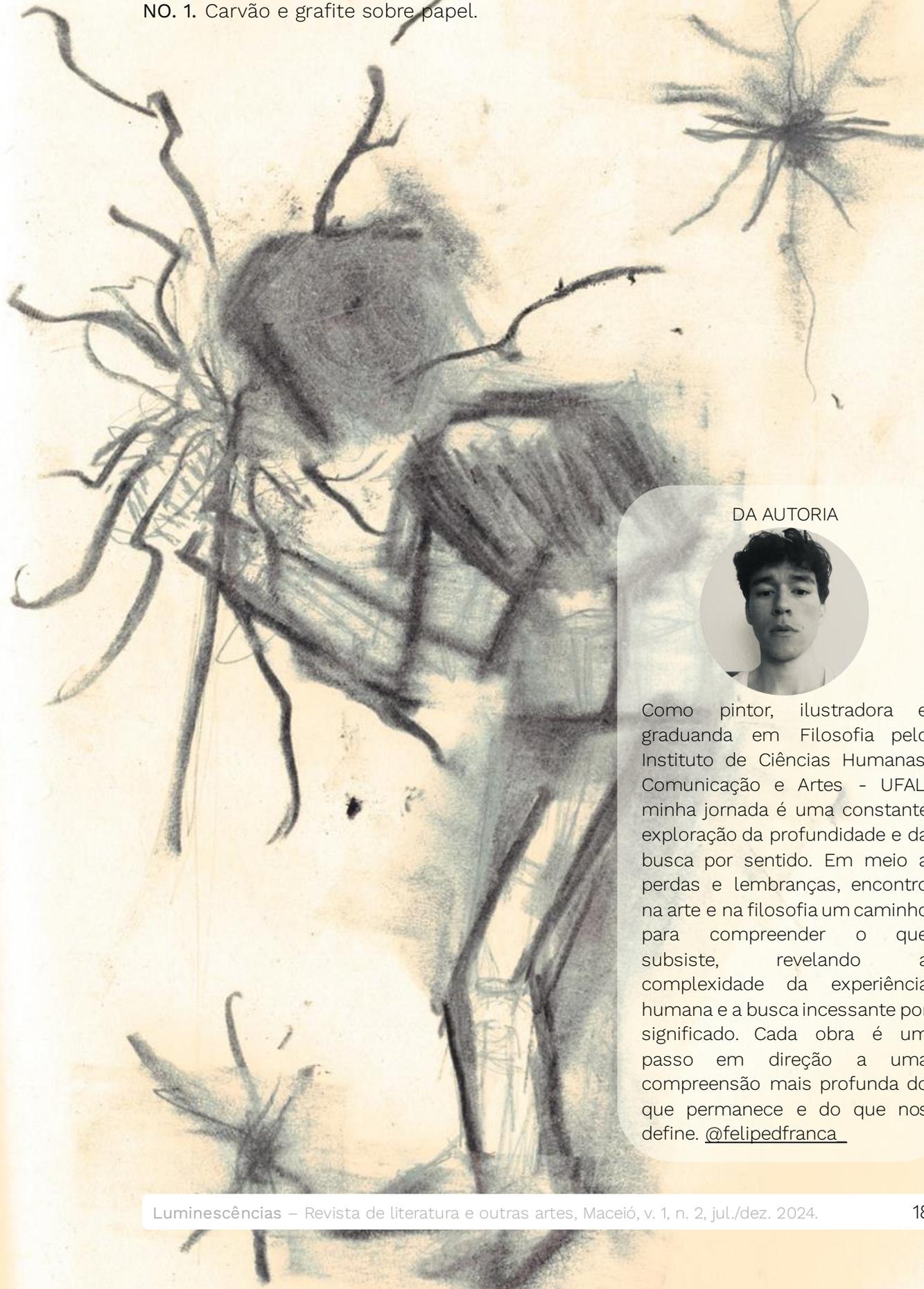


Artista visual, pesquisador e arte-educador alagoano. É mestre em Educação Profissional e Tecnológica, possui formação interdisciplinar e suas obras são constituídas em técnica mista de pintura e desenho. Vive e atua em Maceió-AL e expôs suas obras em instituições como o SEBRAE, a Universidade Federal de Alagoas e a Universidade do Estado de Santa Catarina. Acredita na arte, na educação e na inclusão como transformação.

ARTES VISUAIS

FELIPE DE FRANÇA

NO. 1. Carvão e grafite sobre papel.



DA AUTORIA



Como pintor, ilustradora e graduanda em Filosofia pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes - UFAL, minha jornada é uma constante exploração da profundidade e da busca por sentido. Em meio a perdas e lembranças, encontro na arte e na filosofia um caminho para compreender o que subsiste, revelando a complexidade da experiência humana e a busca incessante por significado. Cada obra é um passo em direção a uma compreensão mais profunda do que permanece e do que nos define. [@felipedfranca](https://www.instagram.com/felipedfranca)

ARTES VISUAIS

IGOR CAUÃ DA SILVA SANTOS

Exílio eterno.



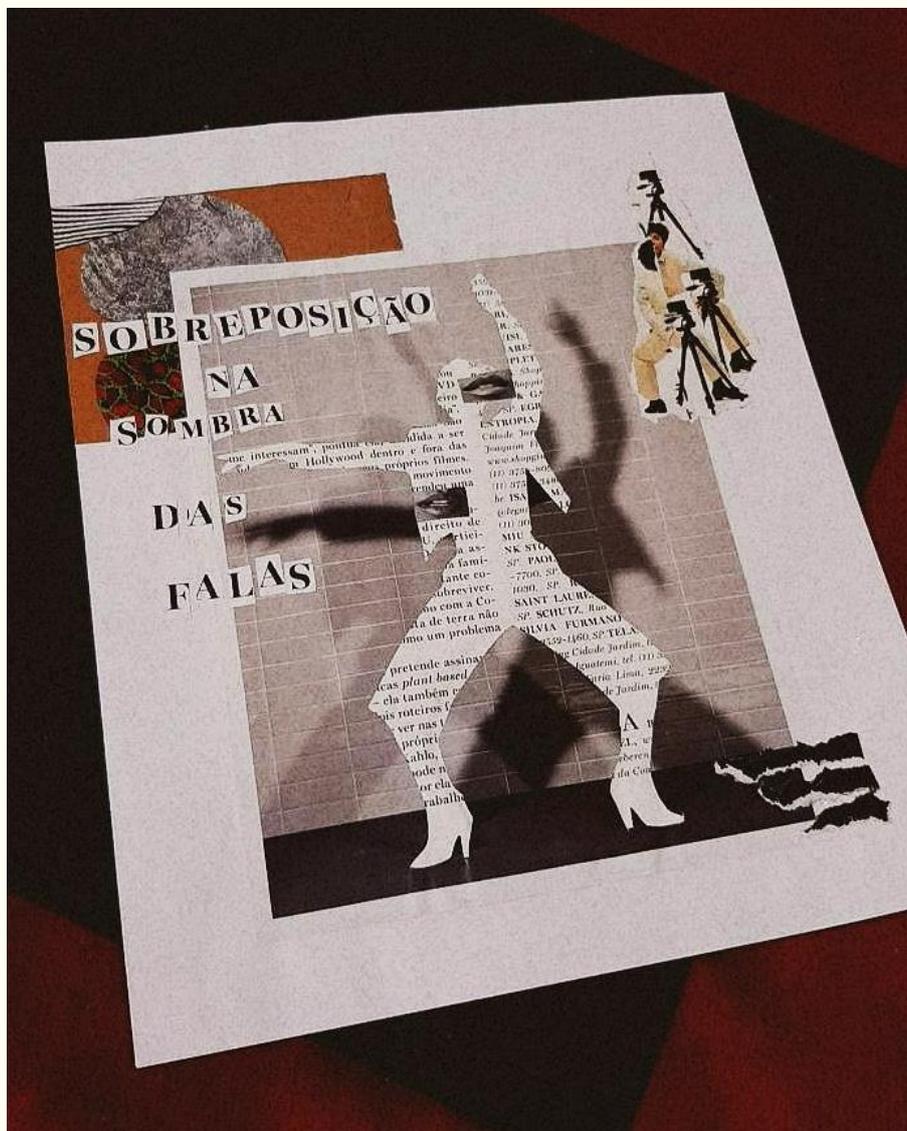
DA AUTORIA



Oi oi! Eu sou o Igor e estou no 5º período de Letras – Inglês na UFAL. Assistindo a desenhos animados e lendo HQs, comecei a criar meus próprios personagens e universos. Para mim, o desenho é como a poesia para alguns: uma forma de expressar meus sentimentos e criatividade, algo que eu nunca consegui fazer somente com palavras. Fico feliz de poder compartilhar minha arte com o mundo!

MISTY LUMIÈRE

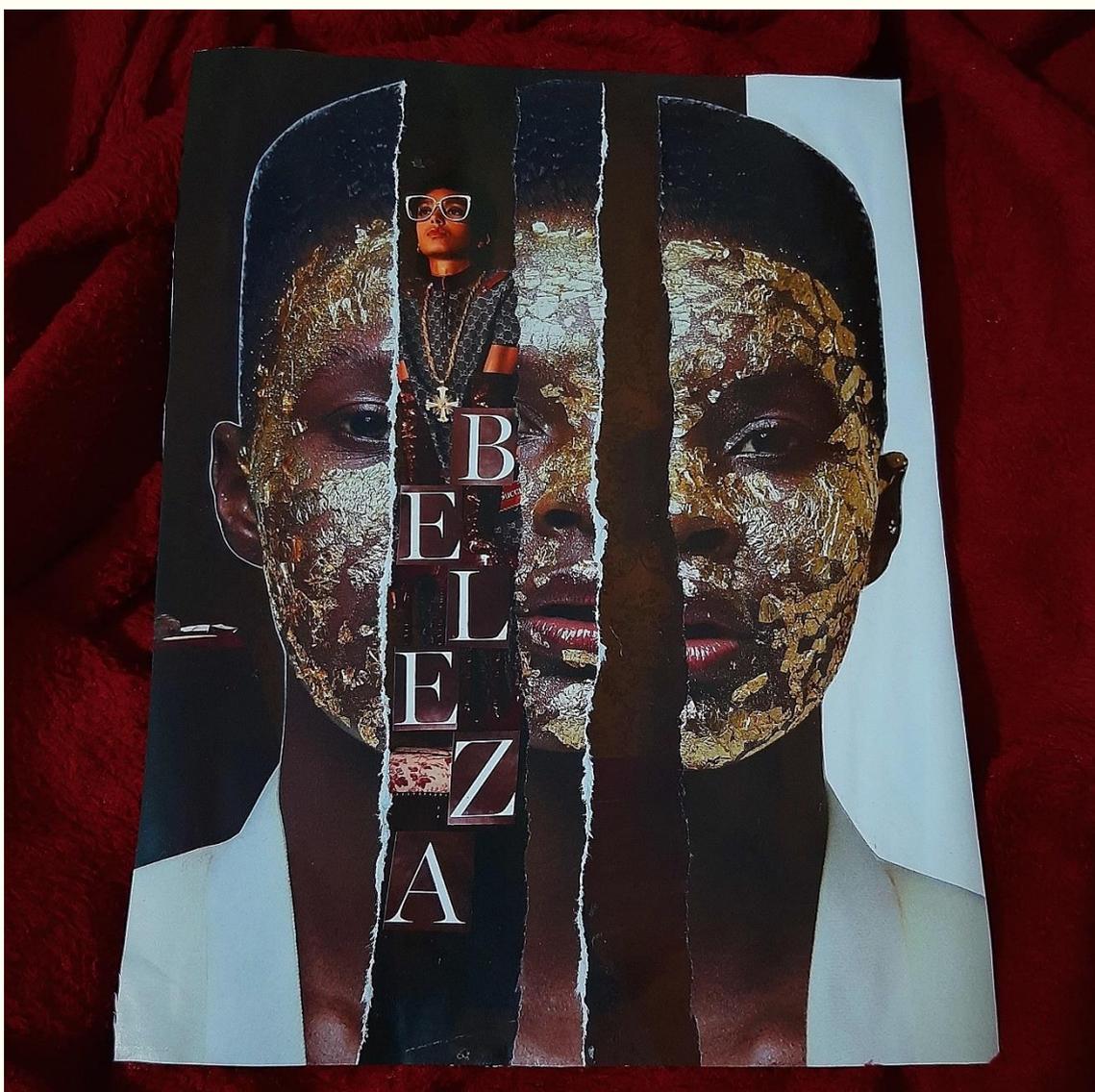
Duas colagens (sem título).



DA AUTORIA



Sob uma perspectiva da luz prateada, Giordanna Brito, de pseudônimo Misty Lumière, escreve o que se faz as entranhas da literatura gótica e dos mistérios femininos. Introspectiva, etérea e mística, transcreve uma mente onírica em poesias, contos e romances.



ARTES VISUAIS

NAILTON FERNANDES

Travessia. Pintura.



DA AUTORIA



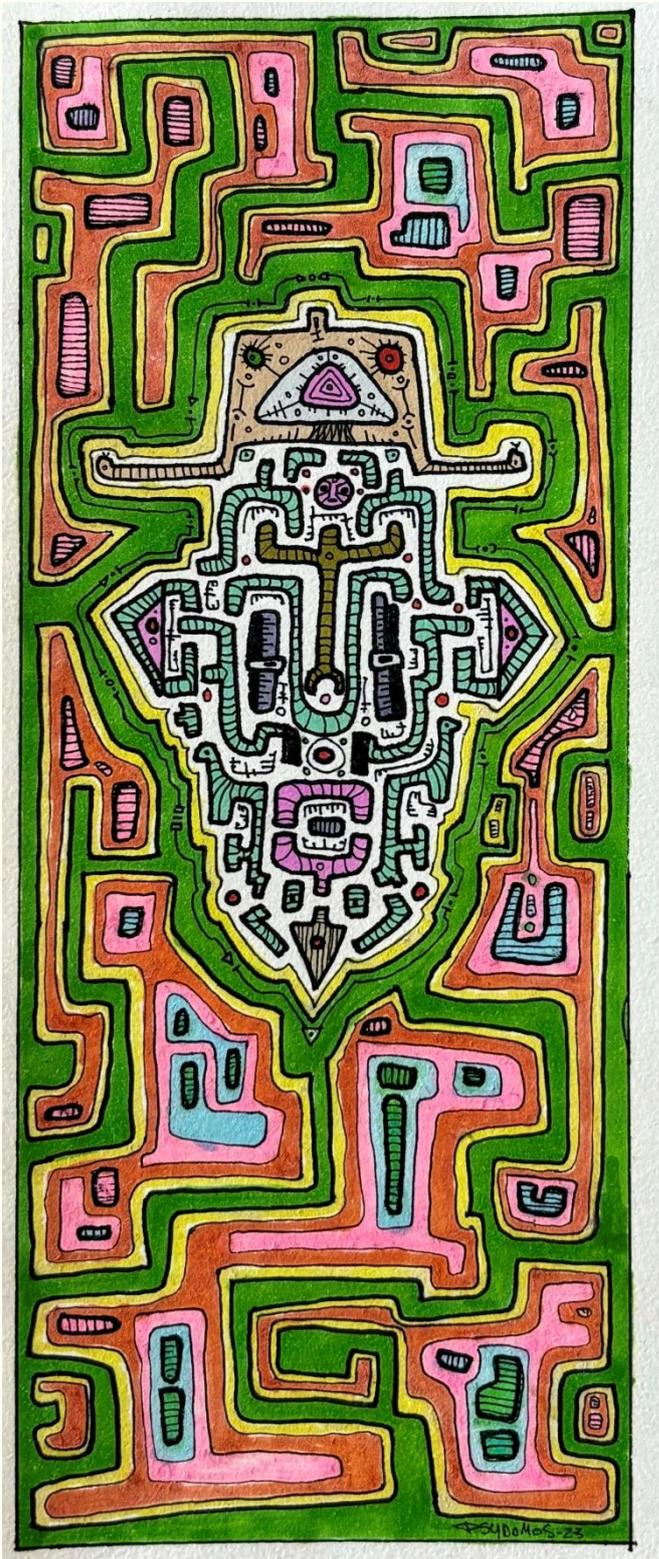
Sou Nailton Fernandes, filósofo de formação, professor em labuta e entusiasta nas artes plásticas. Sou graduado em Filosofia e Mestre em Filosofia Contemporânea na área de Linguagem e Cognição pela UFAL. Meu intento nas artes é provocar uma impressão existencial simples e aberta no contemplador, com sugestões de paisagens, enfoques no humano em situações ou um misto dos dois. Em suma, pinto em óleo sobre tela e giz pastel oleoso para abrir mundos velados.

NF
23



PSYDOMOS

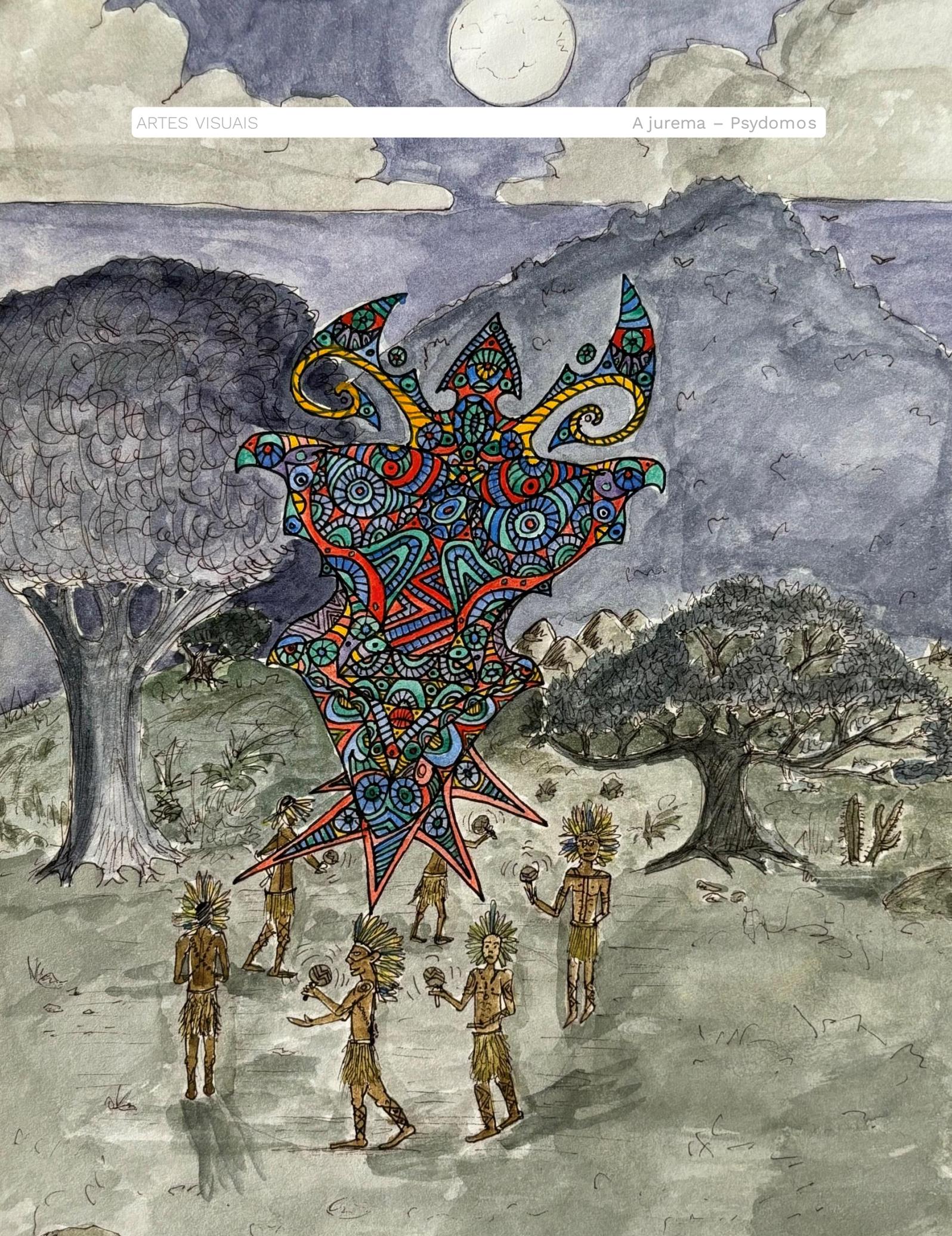
Autorretrato número 23. Desenho.



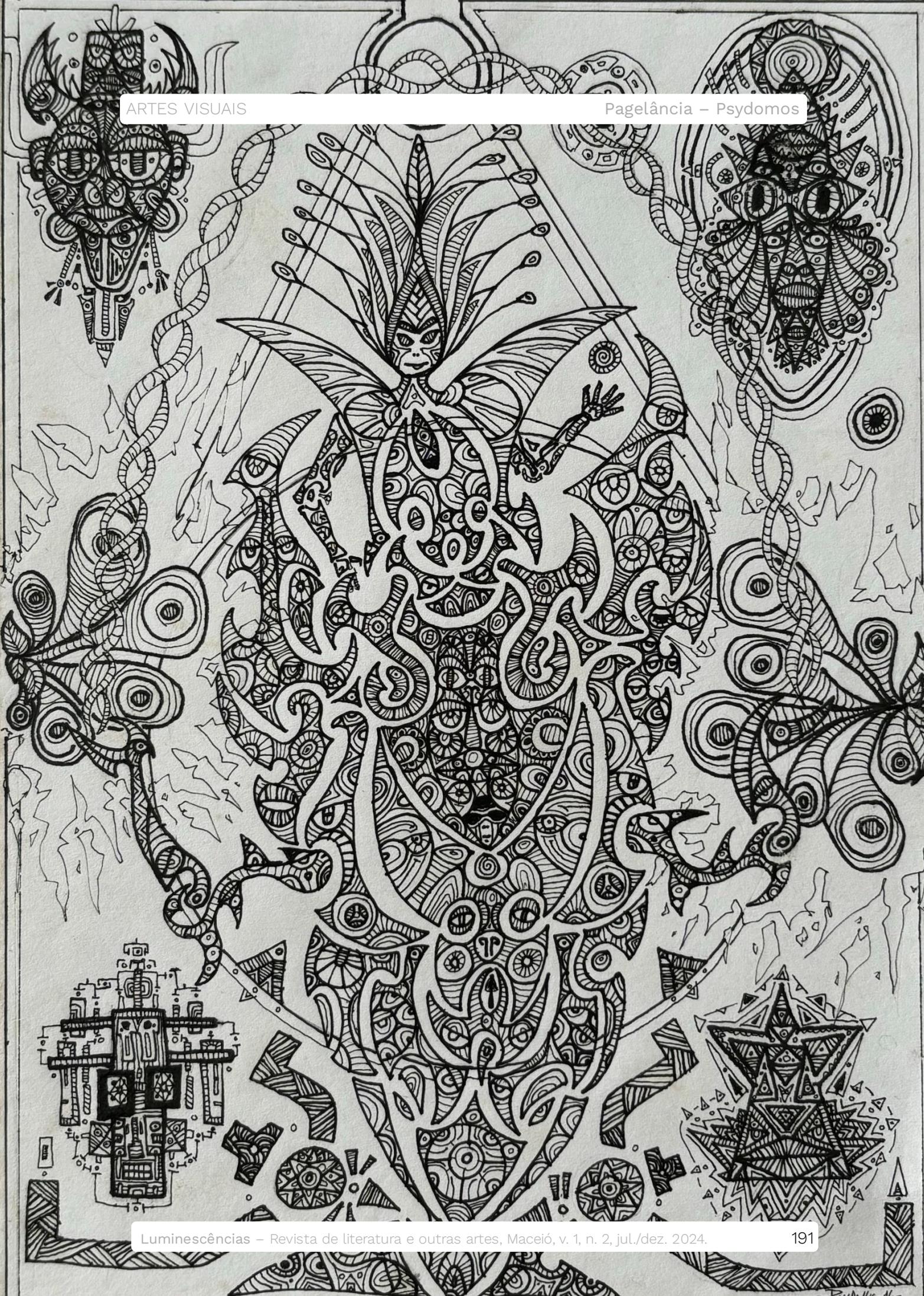
DA AUTORIA



Pierre Morel, francês de origem e antropólogo de formação, é hoje artista e couteleiro. Mora no Brasil há mais de 13 anos, país-continente que o fascinou pelas suas diversidades. Hoje é seu meio de expressão para retratar universos oníricos e psicadélicos,







ARTES VISUAIS

SAM MONTEIRO

Graffiti de persona feito para o Beat Fest, que aconteceu em abril de 2024, no estacionamento do Jaraguá.

DA AUTORIA



Sam Monteiro, 29 anos, mestranda em Física, sempre gostou de desenhar, de experimentar estilos e técnicas de maneira intuitiva e autodidata, passeando pelo desenho a lápis, pintura em tecido, pontilhismo, aquarela, digital e, mais recentemente, graffiti e tatuagem. Teve duas pinturas publicadas na primeira edição da revista.





ARTES VISUAIS

SAPHO

Vislumbre de nós. Arte digital.



DA AUTORIA



Maria Lais, estudante do curso de letras português. Assino minhas artes como Sapho, em inspiração a autora Safo da ilha de lesbos. Minhas artes são inspiradas na mitologia greco-latina e no amor entre mulheres.

ARTES VISUAIS

TALITA LINS

Busca. Colagem.

Formas de imaginar

DA AUTORIA



Talita Lins é estudante de Letras Português na UFAL, tem experiência em ensino na Educação Básica, envolvimento em projetos de extensão e no movimento estudantil. Integra o Grupo de Pesquisa Literatura & Utopia e se dedica aos estudos literários, campo onde deseja atuar enquanto futura professora pesquisadora. Se interessa pelas expressões artísticas e procura explorar essas possibilidades, especialmente por meio das colagens.

VI S Õ E S



consumo
aumentou

apetite mundial
preocupante

desmatamento
enorme expansão

Restaram de pé apenas as castanheiras-do-pará.

Até 2050, a Terra irá ganhar mais 2 bilhões de habitantes. Com fome.



Pequenos cultivadores

têm forte ligação com a natureza

A natureza na palma da mão

MEMÓRIA



antonio carlos sobrinho

domingo em 72

DA AUTORIA



antonio carlos sobrinho: logun bi ayó. poeta: *pequeno laboratório das coisas da vida* (patuá, 2021), *quase um manifesto* (patuá, 2023). professor itinerante. antes: unijorge e uneb. hoje: fale/ufal. amanhã: onde vagalumes acenderem uma convocação. acredita: na arte. aposta: na alegria. vive: de encontrar belezas. idealizador de *luminescências - revista de literatura & outras artes*. acsobrinho83@outlook.com

papai tem medo de filme?

era a primeira vez que iam juntos ao cinema.

o menino tinha 11 ou 12 anos e queria porque queria assistir *independence day*, filme que todos os colegas já tinham visto e comentavam empolgados, imitando poses e falas.

o pai, então próximo dos cinquenta anos, resistia à ideia.

vai com sua mãe.

embora sempre fosse com ela ao cinema, dessa vez, sabe-se lá a razão, o menino havia encasquetado que não queria a companhia materna.

é contigo que ele quer ir, eduardo.

célia, não dá. você sabe. não dá.

durante toda a semana, quando buscava o filho na escola ou em meio à ligação de boa noite, o pai dizia e redizia *não, não dá*.

domingo, dia feito para os dois, encontrou o filho amuado, sem interesse no convite para ir à praia ou ao fliperama. Nem mesmo o luxo dos

refrigerantes conseguia um sorriso.

cedeu.

o menino fez festa.

o pai alegrou-se da alegria do filho. certas rugas no rosto, no entanto, apontavam para a persistência de uma apreensão sem nome, impossível de conter.

a mãe, decerto aliviada pelo desfecho momentâneo, mas também receosa de seus desdobramentos, encorajou, como se advertisse: *pois ponham-se pra fora daqui. divirtam-se. e não voltem cedo.*

foram.

o pai caminhava um pouco mais devagar do que seu ritmo comum; o menino, por sua vez, um pouco mais rápido.

chegaram.

escadas rolantes.

ingressos.

pipoca.

poltronas escolhidas.

sala escura.

trailers.

independence day.

de encantamento fácil, o menino logo se empolgou com o filme: olhinhos brilhando com aquele frenesi de luzes, sustos, tiros e gritos, muitos gritos.

uma tensão generalizada respondia à ameaça na tela, perigo inverossímil e, por isso mesmo, divertido.

outra, de concretude palpável, pesava como chumbo sobre a poltrona 16g.

desde o momento em que se apagaram as luzes, fez-se hirto o pai. como algo o violasse ao absurdo limite, contraía os músculos do rosto, mordida os próprios dentes, apertava as pálpebras e ofegava. muito. demasiado.

papai tem medo de filme, pensou o menino.

mais alguns minutos.

o pai tinha as mãos suadas, o corpo trêmulo e a voz sumidoura quando enfim conseguiu dizer *fica, eu preciso sair*.

era ainda o meio do filme, pouco antes ou depois.

o menino olhou mais uma vez para a tela.

talvez o pai tenha medo de extraterrestres, pensou.

e, orgulhoso de si mesmo, imaginando-se mais corajoso do que o homem da 16g, o menino sorriu.

sentiu-se, ele próprio, homem feito.

então, num gesto muito semelhante ao do pai, quando acolhia sua fragilidade e o protegia do mundo, o menino tomou-lhe a mão entre as suas.

tá tudo bem, pai. é só um filme. vamos brincar lá fora.

tocado pela ingenuidade do filho, o pai se comoveu.

abraçaram-se, os dois.

e como ainda era domingo, dia só deles e para eles, foram comer batatas-fritas, tomar sorvete e refrigerantes, jogar fliperama.

tal qual a mãe havia recomendado, voltaram mesmo tarde para casa. e antes dela sequer perguntar se haviam gostado do filme, o menino piscou o olho direito para o pai: *o filme nem era assim tão bom, mãe. coisa de criança.*

riram.

falaram-se ainda outra vez naquela noite, quando o pai ligou para avisar que havia chegado e desejar bons sonhos.

boa noite, pai. te amo.

enquanto não conhecia o que fora feito do homem antes do pai, nem o fato de o tempo não ser uma linha reta, o menino pôde preservar, no canto esquerdo do peito, o acalento morno da ternura daquele dia.

já hoje, quando relembra o ocorrido, a sombra plúmbea de uma angústia férrea toma o lugar daquilo o que, antes, era pura delicadeza.

é que o menino agora entende que os porões de um ontem jamais ido às vezes súbito instalam-se em uma sala de cinema. e que, se na sordidez de tais recintos, fantasmas praticam agudíssimas técnicas de tortura, é porque as aprenderam com gente viva, de carne, osso e farda militar.

B. R. CIRÍACO

Verão de 2012, alguma hora da madrugada

DA AUTORIA



Graduanda do curso de Filosofia, na Universidade Federal de Alagoas, B. R. Ciríaco, costuma dividir suas horas entre livros, games e desenvolvimento de sites. Leitora e revisora crítica, por vezes, descarrega pensamentos, turbilhões de ansiedade e melancolia, em seus diversos cadernos, que insiste em colecionar. Em Marechal Deodoro, litoral de Alagoas, ao lado de sua esposa, vive perto do mar.

Gostaria de escrever alguma coisa, mas estou impregnada de você. Sua voz me persegue em pensamentos, sua imagem se destaca em cada sonho e parece que minha mente entra em frenesi quando imagino a possibilidade de não poder te tocar na próxima sexta-feira: você precisa estudar para um simulado.

Você deixa seu cheiro, aquele do *shampoo* rosa, em tudo e esquece sua blusa na minha cama de propósito, rouba um ursinho com meu perfume amadeirado e diz que é para não nos esquecermos nas próximas duas semanas em que seremos

obrigadas a manter contato apenas pelo telefone.

Gasto meus créditos de chamada em uma ligação de quinze minutos diários só para me alimentar com a sua voz; posso ver sua boca mexendo enquanto reclama do cursinho e do boy machista que soltou que você é bonita demais para não ser uma mulher hétero.

Ainda nos escondemos por trás de máscaras, trocamos carícias com a porta fechada, nos últimos instantes da despedida; marcamos de ir para o shopping trocar beijos nos provadores das lojas de roupa de departamento e eu só quero um pouco mais.

Choro como se não fosse haver amanhã, porque, para nós, o amanhã é uma eterna ansiedade em saber se você vai poder vir me ver, se uma tarde às escondidas a cada quinze dias vai virar um fim de semana e se esse fim de semana não vai virar um inferno, com alguém ditando que duas garotas

não podem se amar.

Gostaria de escrever alguma coisa, mas minha mente se volta para você e lembro da última vez que nos vimos... silêncio, o mundo sumiu, somos só você e eu, e ninguém jamais entenderá o peso disso, acho que nem nós mesmas.

POEMA



POEMA

– k^2

Dois poemas

pequenas vidas

seguro
sua mão friazinha
pós-febre tenho
aquela sensação
mas não permito
ser consumida

ofereço no entanto
pequenas
vidas
enquanto a morte
busca uma
[em vão]
exaustiva vitória

desejo [lascivo]

úmida
a língua permeia
no ápice
da sensibilidade
pulsante e
quase roxa

DA AUTORIA



Sou Karine Valeska, ou simplesmente Kaka (ou, ainda: – k^2), alagoana, graduanda em Letras – Português pela UFAL. Aprecio literatura, a arte e costumo escrever textos literários/artísticos. Portanto, hoje, eu afirmo com emoção, alegria: sou escritora, sou poeta, sou artista.

kakavsotero@gmail.com
[@kaka.valeska](https://www.instagram.com/kaka.valeska)

esguios
os dedos
se embrenham
entre os fios
 desgrenhados
num incentivo
para seguir

lasciva
conexão visual
um estímulo a mais
cumplicidade
no ato ~~de~~
enquanto o
símbolo que denota
~~profanação~~
balança
no mesmo ritmo

interrupção
antes da chuva
para enfim
estabelecer
o encaixe
em estado
 febril
os corpos

e mesmo
no deleite

prevalece
algo a mais
que percorria
em meio aos
pelos eriçados
a cada investida
que formava mais
gotas de suor
entre um gemido e
outro e outro e

era um desejo
[in-decifrável]
transitando entre
o da carne e
o do coração e

[(d)as
almas]

POEMA

BEATRIZ NERI

O dom de falar por si

Quem eu sou agora?
se quem me conheci até hoje foi se
apagando
apagan
apa
a
pra você ser você

Quem eu sou agora?
não reconheço em mim nada
se até o verde, antes caça, hoje é tédio
se entre matas de risco me atirei
arqueei a flecha como Odé
mas ix tru pí cio que fui
não enxerguei que me feria como um São Sebastião
num sincretismo rasgado que minha natureza nem deveria permitir
e ninguém por mim rogou

Quem eu sou agora?
você pode responder por mim?
se não tenho vontades e nem escolhas, não deve ser seguro me deixar
responder
eu nem posso responder

Tanto buscaram o meu bem por mim
que acidentalmente ou não
me empurraram

DA AUTORIA



Nascida na terra do fumo e crescida pelas Alagoas, desde as brincadeiras de criança me vi criando histórias elaboradas a partir de pequenos momentos. Estudante de Psicologia, religiosa e apaixonada por pessoas, formas de expressão, territórios e pela minha cultura, aos 21 me vejo escrever aquilo que me rasga inteira.

num prec

ip

íc

io

infernai

que me queima a garganta com tanto cuidado

me tirando o dom da fala

Então me calo

sem saber quem eu sou

nem agora

nem no meu juízo final

POEMA

BETO

Três poemas

NUDEZ.

Nesta última noite
de brisa suave
espera-se
o raiar do amanhecer.

Meu último cigarro aceso
lá em cima bem no alto
do céu
o esplendor da renascença solar
chegará enfim.

De novo, este abraço confortante,
uma palavra sairá de minha boca
e será intraduzível.

A RENOVAÇÃO DO EU EM MINHA VOLTA.

É uma coisa que se perde
E meses depois, ou tempos sem memória,
Você encontra.
E aquilo
Te traz uma imensa paz de espírito.
Um breve conforto nostálgico
De leito maternal.

DA AUTORIA



Olá! Me chamo Carlos Spinelli, mas podem me chamar de Beto. Atualmente moro em Maceió/AL. Sou do signo de Áries com ascendente em Leão e Lua Virgem...sim, eu amo Astrologia. Amo também Gal Costa, Maria Bethânia, Fernanda Young e a Beyoncé. Meu diretor favorito é o Tim Burton e meu filme favorito é “Uma Linda Mulher”. Vivo no mundo da imaginação. Antes eu era Deleite, agora sou Delírio. Ah... curso Ciências Sociais – Licenciatura.

O de volta ao útero do ser
Onde tudo se gera
Tudo se cria.
Esta paz de partir
Esta paz de voltar.

A fuga.
O regresso.

A monumental fenda espaço-temporal
Que transforma nossas vidas presas
Em livres.
Aquele olhar para os lados
Que muda tudo nos olhares de cabrestos.
Que volta seus olhares,
Novamente,
Ao seu regresso,
A caminhos nunca antes imaginados.
Às vezes deixamos coisas
Para um dia retornar a elas.
Diferentes.

O AMANTE.

Ah esses homens!
Um quê de divino e nefasto destino
de diante de ti
desvairar-me em meus pensamentos.
E ainda te desejar.
Muito.

E agora?

Vem...

Pega na minha mão

Que vou te levar pra casa

Vou te carregar no colo

E vou cuidar

De você.

Toca meu coração

Me faz teu

Toca minha razão

Vem ser meu

Depois que se compreende a loucura,

Tudo

Faz mais sentido.

POEMA

BIA COSTA

Tempo

O tempo é apenas um homem que não
aprendeu a esperar
Eu olho para ele
ele me olha
vou me aproximando lentamente e
percebo o medo em seus olhos
Será o tempo o mais frágil entre nós?
se ele cura então por que não se curou?
vejo-o escorrendo entre meus dedos
Não consigo segurá-lo
Não consigo tê-lo em minhas mãos
Tudo passa mas o tempo
o tempo
Ele nunca passou

DA AUTORIA



Beatriz Santos Costa, 27 anos, natural de Penedo-AL, Army, mãe de Cindy Maria e Azzy Cristine, encontra na escrita uma fuga e um calmante para sua mente agitada e barulhenta. Esteticista e cosmetóloga, busca, além da beleza exterior e do bem-estar, proporcionar alento àqueles que têm o privilégio de ler seus rabiscos, criados em dias de extrema confusão e incertezas.

POEMA

CELESTICA

Dois poemas

Gênesis 19:26-29

Nesta cidade, o tempo se arrasta,
Os ecos infantis sussurram segredos,
Um perfume de musgo e ruína abriga

[meandros

E as ruas contam histórias apagadas.
Nossas valsas deslizantes, novelos de cetim,
Não acalentam mais o meu par.

Quão etérea é a textura da saudade?

É um sonho vertiginoso.
Nele, os rostos se desfazem na bruma,
Espumas pálidas do mar
Misturam-se ao conformismo da lembrança,
Enquanto os corpos, miragens fugídias,
Desvanecem como sonhos febris.

Restam as memórias petrificadas em sal.

As Nebulosas Noites de Jazz

A cauterização do romance fulminante:
Dói uma dor sufocante, desce o sangue,
Sabor ferro-rubro no véu palatino, fresco e ambulante,

DA AUTORIA



Nayara Santos, natural do estado de Alagoas, é graduanda em Letras – Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Fale – UFAL). É colaboradora do Acervo de Escritoras e Escritores Alagoanos, professora de Literatura no Projeto Albatroz e escritora. Além de suas atividades acadêmicas e pedagógicas, Nayara é uma entusiasta do cinema e do audiovisual. Em sua produção literária, ela assina seus poemas sob o pseudônimo “Celestica”.

Em juventude arterial, como eu havia de ser.
Os olhos saltam, maiores do que a alma,
Assustadores e sibilantes.
Faíscas soltariam meus gritos mudos,
O desespero surdo
E o pensamento em água se transformaria.
Fez-se uma enchente de nostalgia e o último Coltrane distante,
Quase inaudível,
Mas essencial para o espetáculo mortuário.

POEMA

DANIELE MEIRELE

Sem título

Não é sobre fazer grandes coisas
É sobre os pequenos detalhes
É sobre a troca de olhar
O abraço apertado.

Não é sobre grandes presentes
Mas é estar presente
Querer estar perto
Quando longe se sente.

Não é sobre quantidade de dias
Mas é a intensidade
Dos dias vividos.

É enxergar
O melhor
Não meu
Mas o seu.

Entender
Que nem tudo é para sempre
Mas que sempre
Pode ser hoje.

Que o nosso para sempre
Pode não ser eterno
Mas pode ser aqui
Pode ser agora.

DA AUTORIA



Sou pernambucana que diz oxente, professora graduada em Letras – Português (UNINASSAU – PE), mãe e apaixonada pelas palavras, faço da escrita uma forma de acolher e expressar minhas emoções. Constituo desse amor pela leitura e pelas poesias, fontes de inspiração na vida pessoal e profissional. Como educadora dedicada, busco transmitir essa paixão pela palavra e pela arte literária a todos que me cercam.

POEMA

DAVI ANDRADE

Dois poemas

A CIDADE

A cidade
Está possessa de ausências
De saudades
E sentenças
Que ninguém quer ouvir
O letreiro
O roteiro do filme
O anúncio de outdoor
Me agita
Me grita
Me diz
Que a vida
Vale a pena
De ser vivida
Que vale a pena comprar
O carro
Novo modelo
A roupa
Novo modelo
As pernas
Da nova modelo
(Capa de revista)
Que temos que nos esforçar para isso
Para conquistar tudo isso
Temos que nos esforçar

DA AUTORIA



Natural de Maceió, Davi Andrade é licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e escreve poemas desde 2017. Seus poetas favoritos são Milton Rosendo, Fernando Pessoa, Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto e Florbela Espanca.

Tudo é tanta saúde o tempo todo
E eu puro osso
Debaixo da pele
Fina como as paredes
Que me protegem da felicidade
A cidade me invade a casa
O banheiro
A cama
A consciência
Já não sou nem mais eu
Quem decide como (o que) pensar
A cidade decide por mim
Tem um grande slogan
Estampado em mim
no meu coração (e cérebro)
Que diz
É preciso ser feliz
Mesmo que isso me mate

AMERICAN WAY OF LIFE

Abertas as venezianas desse quarto para o mar
Abertas as portas muito além dessas
deste quarto em algum lugar dos trópicos
Apontado para o mar
O sono é apenas marasmo
(algo que não chega)
Pergunto quanto tempo falta para que
o mar me ache os lençóis e
me cubra com seu manto de noite

Para que me devore a mobília
Os sapatos
Minhas meias
Malas
Tuas fotos
e
recordações
(Aquilo que sei de mim)
E possa finalmente ser um homem de novo
Cidadão de bem
de qualquer parte do mundo
Gente a quem reconheçam como igual e
a quem cumprimentem
Como esse senhor inexistente-escriturário que me vem e
dizendo - “Bom dia!”-
Bom dia! - eu respondo -
Vou todos os dias à missa
Com sapatos novos e lustrados
Uso relógios com pulseiras de couro (e
ainda tenho cabelos)
Conheço sua filha (uma-menina-de-cor-e-nome-de-flor,
pureza de santa - ou
qualquer coisa que o valha-)
Nós casamos há 5 anos e
todos os dias nos estragamos aos domingos
– Até o dia do juízo –
Que
sabe deus
Talvez não venha
Mas com essa vida
também... -

que mais esperaríamos?...-

POEMA

DENIS WILLYAM DE JESUS BALBINO

Madalena & Caetano (Alves)



Sorriso contagiante,
constante em todos os momentos que,
sem pernas, percorrem minhas lembranças.
Essência perdura em bálsamo.
O abraço abarca a todos
na reminiscência que repousa em seu colo.

Em sua cadeira de rodas,
sem limites explorava o mundo.
Em minha imaginação,
dava voltas nos cachos de seus cabelos.

Jardim memorial
proibido mexer nas flores,
a colheita tem seu sabor
as frutas têm seu ciclo.

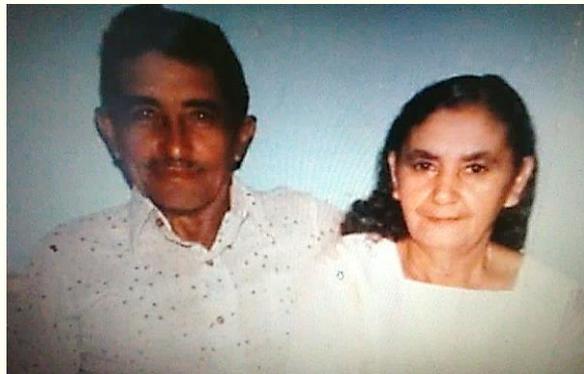
O seu companheiro de vida
sempre nos aflagava com um abraço.
Sua pele escura ressaltava os olhos esverdeados,
presença radiante.

Não suportou tamanha ausência.

O silêncio da madrugada
fora rompido com dois estrondos.
Abalou e deixou a terra
[partida].

Não tive coragem de dar (a)deus
a nenhum dos dois,
ainda não tenho.

Em minha mente de criança,
brinco no mesmo jardim
que permanece e floresce
em meu peito
reanimado
e regado
com fluidos de sal...



aprendo a me despedir.

DA AUTORIA



Denis Willyam de Jesus Balbino, nascido na cidade de Caruaru/PE, é graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (Fafica) e graduando em Letras – Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). denwhistor@gmail.com | [@WillyamDenis](https://www.instagram.com/WillyamDenis)

POEMA

E. P. SANTOS

Haikai

In the wet woodland
Secrets told to the cold wind
Tree eyes can't unsee

Pela floresta
Segredos ditos ao ar
Árvores guardam

DA AUTORIA



Uma pessoa alegre e introvertida, esse autor pode ser encontrado lendo um livro de fantasia ou mistério, e escutando muita Taylor Swift e kpop.

POEMA

FELIPE DE FRANÇA

Dois poemas

AZORRAGUE

Na imensidão que há entre o cerne
e aquilo que chamamos de corpo
existem cicatrizes as quais
não se vão nem que o tempo passe
a morte é linha final destas.

A imensidão passa
a ser passaporte para lugar nenhum
nada além do lugar próprio
e mesmo
que a chuva caia
no fim do outono
lembrará de onde as teve.

ACHADOS E PERDIDOS

1.

A palavra obituário me lembra **Close**
foi a primeira vez que ouvi
assim como peixeira e “baibia”
lembra meu avô
peteca meu tio
que foi a quem me deu a primeira

DA AUTORIA



Como pintor, ilustradora e graduanda em Filosofia pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes - UFAL, minha jornada é uma constante exploração da profundidade e da busca por sentido. Em meio a perdas e lembranças, encontro na arte e na filosofia um caminho para compreender o que subsiste, revelando a complexidade da experiência humana e a busca incessante por significado. Cada obra é um passo em direção a uma compreensão mais profunda do que permanece e do que nos define. [@felipedfranca](https://www.instagram.com/felipedfranca)

o significado de riso
só tem sentido
quando lembra do riso de mainha.

2.

Repetir várias vezes
um nome em voz alta
até perder sentido
folhear um livro
como quem procura pratos
como quem procura algo
como quem tenta esquecer
como quem tenta lembrar.

3.

Guarda o agora nelas
trás sempre a
sensação embargada por algo
que não é mais
como sentir um cheiro
mas que vagamente vem à memória,
talvez quem sabe, em algum lugar
que ainda não sei
guarde como foi te ver
pela primeira vez.

POEMA

FELIPE NEVES, O PEREGRINO CEGO

Sem título

13 de Maio foi uma farsa,
A Lei Áurea é só uma ilusão,
Eles cativaram nossa mente
E só libertaram nossas mãos.
Nossa luta ainda pulsa,
Real ainda é a escravidão.
Observe bem sua vida:
Escravo do sistema ou não?

DA AUTORIA



Audiodescritor consultor
premiado três vezes com
trabalhos e pesquisas em
Audiodescrição; autor e coautor
laureado de quatro livros; gestor
da Pra Ver Ouvir e licenciando em
Letras – português pela UFAL.
felipenevesa11y@gmail.com
(82) 99173-3145

POEMA

gisele nascimento

Para o meu pai

a presença

roberto carlos
adoniran barbosa
flávio José
numa radiola velha
enquanto a barba grisalha era feita
no espelho de bordas laranjas
eram manhãs ruidosas
e felizes.

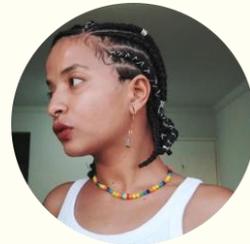
a falta

não havia ninguém ouvindo ao rádio
não havia também o espelho laranja
nem mais a barba sendo feita
eram manhãs de silêncio
e de vazio.

a saudade

o motorista do ônibus sintonizou a rádio:
roberto carlos no horário do rush
lembrei do espelho laranja
é uma manhã de lembranças barulhentas
mas felizes.

DA AUTORIA



Alagoana e estudante de Letras - Português. Casada com a Análise do Discurso, apaixonada pela Semântica, mas alimentando um eterno caso com a Literatura.

POEMA

GLÓRIA ELLEN SANTOS

Oceano

Lancei nas profundezas do mar
O veneno que adoecia meu coração
Todo sofrer e pesar
Nas profundezas ganharam prisão

Nos abismos mais profundos das águas
Encontram-se feridas nunca curadas
Dores que nunca se foram
E permanecem ali instaladas

Meu coração é esta prisão
Por onde pulsa a vida das águas
Minhas veias são os caminhos
Este oceano é m' alma

DA AUTORIA



Glória Ellen é graduanda em letras português pela universidade federal de Alagoas e é apaixonada por escrita e leitura, aos seis anos de idade já gostava de ler livros, tanto em casa como na biblioteca da escola e também escrevia alguns textos fantasiosos. Já contata com a escrita de poesias veio um pouco mais tarde, isto é, no terceiro ano do ensino fundamental e desde então a poesia nunca mais se ausentou de sua vida. Seja para exprimir sentimentos ou simplesmente para brincar com as palavras a poesia é seu pedaço de mundo particular.

POEMA

INGRID TORRES

Poste Troncho

Hoje eu vi um poste
Torto, troncho, turvo
Torto porque assim disseram-me que era
troncho porque assim sempre soube
turvo porque eu o via sem o ver
sentia, morria, não via
sentia pois me causava inquietação
morria pois não sabia o porquê
não via pois não havia luz

busquei em mim palavras para o descrever
mexi, varri, buli
mexi pois esperava que viria ao meu ato de desespero
varri pois mexer não era o suficiente, para saber precisava tirar o que já existia
buli pois varrendo descobri que muito já havia

o que havia fundiu-se em um só
uma só voz, um só entendimento, uma só palavra
já tinha em mim o necessário
guardado, oculto, escondido
guardado pois o tinha e nunca usei
oculto pois foi fundido ao que era fútil até perder seu significado
escondido pois talvez assim eu quis

mas agora não quero mais
eu quero entender e saber

ver e sentir, nascer e renascer
não morrer, nascer e renascer

o sei bem, entendo e sinto
mas o poste ainda é
troncho, torto, mas não turvo
agora eu o vejo para além do que já é
assim o faço porque eu sei o que já existe em mim
e afinal, talvez
torta, troncha e turva
era eu, não o poste, era eu

DA AUTORIA



Ingrid é uma mulher Alagoana que, desde muito nova, encontra na escrita sua voz para trazer a existência seus sentimentos mais confusos. É estudante de Letras Português na Universidade Federal de Alagoas, e atualmente reside no município de Maribondo. Publicando pela segunda vez na revista, ela espera que com seus poemas ela possa tocar mais pessoas a sua volta, as incentivando a buscar sua voz através da arte.

POEMA

ISABELLA BETTONI

Pa-terna

I - alguém me contou
quando tinha seis anos tinha duas avós
eu nunca tive
com seis anos
meu pai já era órfão.
sarah muito jovem, morreu de repente não sei se foi em um dia
 [santo.]
nos deixando sem mãe,
sem avó.

II - escrever sobre memória é escrever sobre ausência
tentativas de reparos
faltas, quebras do tempo
lembro de ir à casa da minha avó
e ela não estava lá.
de comida da vó não me lembro.
vó estava tão bonita na [única] foto que conheço
aquela em preto e branco, pretérito perfeito.

III- minha tia eliane
também morreu jovem de repente.
na véspera do dia das mães [um dia santo]
caiu na rua, dormiu, hospital, não acordou mais.
eu gostava da comida dela.
da bagunça na cozinha,
também do seu riso farto,
de pensar que tínhamos em comum os narizes.

IV- linhagem de perdas costuradas
vó, tia, também um tio, dois, um primo.
escrevo [para eles] como invenção,
uma outra conversa com pedras.

tirar [lágrima] de pedra.

DA AUTORIA

Escritora, pesquisadora e advogada feminista de BH/MG (1996). Publicou “Brincando de fazer poesia” (2008) e “Não tentar domar bicho selvagem” (2022). Participa de quatro antologias, incluindo “Antes que eu me esqueça: 50 autoras lésbicas e bissexuais hoje” (2021). Tem textos em revistas, podcasts e portais, como Mulheres que escrevem e Fazia Poesia. Participou da turma de Poesia 2023 do CLIPE - Casa das Rosas.



POEMA

J. WILLIAM

JUÍZES

Olha,
Que coisa mais cinza
Das mais belas artes,
É a concubina
Dividida em partes,

É a coisa mais horrenda
Que eu já vi se normalizar.

DA AUTORIA



Estudante de Letras - Francês e, não por acaso, amante da escrita, J. William encontrou algo que o estimula a viver: expressar seu lamento por existir e casar seu mundo nebuloso e desorganizado com algo que se chama poesia. Após ler bons autores, encantou-se com essa forma criativa de ser e, desde então, se aventura.

JOÃO, UM CANSADO

Dois poemas

Estranhamente Humano

Estrangeiro no mundo, algo como um homem, encontro minha humanidade no fundo de um ônibus, onde todo nome inexoravelmente é cansaço, ou no fundo de uma garrafa, onde cada gota é desafogo, ou no fundo do meu peito, onde tudo comove, contorce e punge.

Frequentemente me identifico com as figuras do folclore, os chupa-cabras, pés-grandes e afins, espectadores e intrusos do tempo e da vida, em seus hábitos narrados de reclusão e em sua ininteligibilidade diante dos homens e seus costumes, e isso me faz refletir se esses contos não teriam sido inspirados em indivíduos como eu, forasteiros demais do convívio para que sequer fossem vistos algo como humanos...

Mas o meu peito punge, ainda que eu não fale a língua dos homens, ainda que eu não saiba tomar minha parte nesse mundo com unhas e dentes, como haveria de fazer o humano, o meu peito arde e punge, tantas vezes apertando de desamor e de cansaço, outras tantas se expandindo a cada gota e cada afago, o meu peito arde, contorce e punge.

As noites são longas, os dias, intermináveis, e não me deixam esquecer de que quase não sou homem, sendo tão dolorosamente humano.

Cenas Cortadas

Te devorei nas sacadas

Dos prédios que nunca entrei,
Em mil posições encenadas,
Sonhadas, das quinze às três,
O teto espelhado em janelas
Das casas, e do 706,
O delírio, enquadrado na tara,
A cidade, como mise en scène.

Esquadrinhei cada quadro,
Até me ensaiei Pacino, Brando,
Sem comparsas, e sem tango,
Pra te encontrar pelos quartos;
Desvaneci entre os planos,
Fantasiando os pedaços,
Me atirando ao relance, vago,
De teu quadril projetado.

Sonhar é fita em branco,
Desejo é pornochanchada;
Vivo entre o nunca e o ontem,
Que já mal tenho a madrugada.
Me entrego às fomes ousadas,
Projeto luxúria onde há nada,
Que se fodam os desenganos!
Te fodo nas cenas cortadas.

DA AUTORIA



Um poeta pós-pandêmico, com seu supremíssimo, íssimo, íssimo, cansaço. Forçado a me encontrar comigo mesmo no isolamento possível, alcancei o que eu jurava ser impossível: expressar, em poesia, aquilo que sempre esteve entalado em minha garganta. Atualmente sou graduando na Faculdade de Letras - Português, na Universidade Federal de Alagoas.

POEMA

JULIA HENNING

três obras sobre o tempo

esse tempo de novo
o latido do cachorro vizinho que não
se escuta
o cinema que é igreja
que é farmácia
loja de eletrodoméstico
o fantasma no retrato da sala
a porta de casa sem grade
a mãe andando pela casa
o pé de jambo da quatrocentos e cinco
a parede do meu apartamento que não
separa mais a sala do quarto que não
existe mais
os anos de teatro nacional
fechado
o creme de abacate com açúcar
o armário destrancado da avó com sapatos
de tecido tamanho trinta e seis
esses dias depois do meu nascimento
os anos passam
um inventário
evoca, elenca, coleciona, destila, jorra
antes, pontua
todas as imagens vão desaparecer
e taca-lhe a mostrar
os anos das mulheres e tudo parece
tão passageiro e desimportante

DA AUTORIA



Julia Henning é artista circense e de tudo um tanto no coletivo Instrumento de Ver. Quando não está pendurada ou caminhando sobre garrafas, gosta de escrever poesias e ensaios e de pesquisar assuntos que flutuam entre arte, corpo e psicanálise. Também é psicóloga e psicanalista sempre em formação.

a cadência
a dança
o ritmo
das mesas sendo postas nos almoços
de domingo
as vontades sufocadas com
o que deve ser feito
criando e desfazendo famílias
continuando
contentando
as histórias também podem estar sempre
começando
pisar descalça em tapete é assim
toda hora é agora
o que fica é o que tem em comum
no que se repete na memória de cada um
quase nada
um relógio, um tipo de água-viva,
o cigarro,
a música que não toca na minha cabeça
a pergunta de quem esquece
o atraso, os cinco minutos que fazem lembrar
da morte
a memória que insiste
a memória que desiste
o tempo só passa pra quem
lembra
repete
espera
deseja

rasteja

amamenta

late

crece

derrete

corre

fala

retorna

esquece

sussurra

saliva

amanhece

escuta

POEMA

JULIA RAIZ

Enquanto a criança dorme, poemas de puerpério

31 de agosto

Outro dia, encontrei um poema indiano que falava da terra da samambaia. O poema falava de amor. Um menino de quase 7 anos chega em casa contando para mãe que seis crianças na escola tinham chorado. Parecia um hospício, ele diz. As crianças gostavam de outras crianças que não gostavam delas de volta. Todo mundo chorando. E o que a terra de samambaia tem a ver com o choro? O que ela tem a ver com o amor? Terra úmida, molhada com lágrima de criança, rica, escura, fértil. É sobre isso que a poeta indiana escreve. Seria uma boa coisa para se ter em casa: um amor como terra fértil com cheiro de choro.

01 de setembro

Existem dezenas de tipos diferentes de nuvens: ralas, fofas, ondulantes, verticais, fibrosas, brilhantes, compridas, algodoadas, turbulentas e espessas. Se eu me sentar agora no chão com um lápis branco, qualquer movimento que eu arriscar no papel se parecerá com uma nuvem que existe no céu há muito tempo. Se eu riscar de branco esse papel branco, eu serei uma artista das nuvens e não precisarei pensar em mais nada. Por um momento, esqueci todos os problemas do meu país, uma nuvem passa.

DA AUTORIA



Julia Raiz é trabalhadora da escrita, tradutora e agitadora cultural. Doutora em Estudos Literários (UFPR), oferece oficinas de escrita há quase dez anos. Desde 2017, faz parte do coletivo literário Membrana. Atualmente é coordenadora do PMLLLB (Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas) de Curitiba. Publicou livros e plaquetes. Para saber mais: juliaraz.com.br | [@julia.raiz](https://www.instagram.com/julia.raiz)

02 de setembro

A mulher colhe uma maçã e dá a primeira mordida. Ela repara pelo peso que, do outro lado, a maçã é oca. Sai do oco da maçã uma sombrinha preta do tamanho de um polegar. É um passarinho minúsculo que foi arrancado de casa. Tentando se lembrar onde colheu a maçã, a mulher anda em direção às árvores. Mas não encontra outras maçãs e não encontra a mesma árvore. *Você está sozinho agora, meu bebê*, canta a mãe-passarinha, voando para longe.

13 de setembro

De frente para a janela as árvores estão mais verdes. Estamos todas a uma semana da primavera. Espero que nos sintamos mais bonitas daqui para frente.

14 de setembro

No sonho, nós dois éramos outras pessoas em outros corpos. Minha mãe, outra pessoa, outro corpo, tentava tirar uma foto de nós dois na rede de balanço. Você de cabelo bem comprido, o meu cabelo bem comprido. Éramos mais parecidos um com o outro e menos parecidos com como somos agora. Hoje faz 14 anos que eu sonho com você. Você velho segurando nossa filha no colo, os dois parecendo ter mais de 90 anos. A bebê cai. Eu me desespero. Grito *te avisei pra não chegar tão perto da beirada*. Lá embaixo, chega uma ambulância, a socorrista tenta nos tranquilizar. O corpo de 1 ano da nossa filha parece um corpo de 90 anos. Eu digo para socorrista: ela não tem nem um ano ainda. A socorrista fica nervosa, essa informação muda tudo. Agora é uma questão de vida ou morte. Sigo sem entender de que serve planejar as coisas: uma informação nova muda tudo.

15 de setembro

Mando mensagem para Sarah: estou escrevendo essas pequenas histórias para a mão se manter acostumada à escrita. Mas o melhor seria não escrever mais nada. Fico esperando algo surpreendente sair de mim mesma, podia ser um hormônio muito forte como acontece com as formigas. Um hormônio que guiaria todo mundo até um lugar onde ninguém passa fome, onde a comida é abundante. Já pensou nisso? Escrever como quem faz todo mundo comer? Que sonho!

20 de setembro

Decidimos fazer uma festa de boas-vindas para a primavera. Vou usar a sacolada de limão que minha mãe trouxe para fazer o bolo. E com as frutas vermelhas congeladas vou preparar o refresco. Vamos colocar para tocar músicas primaveris, imagino que lindas, calmas, mesmo que um pouco melancólicas. Assim se sobrevive neste país desde sempre: como um bebê que acabou de nascer no meio de uma festa, rindo-chorando, chorando-rindo.

22 de setembro

No sonho, existiam essas lagartas gigantes, verdes, bem fartas. Elas tinham sido congeladas e colocadas em cima da linha do trem, mas não para serem atropeladas. As lagartas, antes de serem capturadas, falavam uma língua que a gente não entendia, de um jeito que a gente não entendia. Um clima tenso estava se formando entre as espécies, elas e nós. Eu não queria estar do lado do “nós”, mas não tinha escolha porque foi assim que me classificaram: perversa e humana.

23 de setembro

Espero que Jesus não volte. Tenho tatuado no pulso a palavra **VOLTA** e ela é só para mim. Se Jesus voltasse, ele ia sofrer tudo de novo. Eles dizem **Jesus vai voltar** e ninguém tem pena dele. Espero que Jesus não volte. E que não volte você também! Não me mande mensagens dizendo que sonhou comigo dentro de um barco. O barco partiu, as pessoas caíram no mar e seus corpos não voltaram, foram comidos por peixes que depois foram comidos por outros peixes maiores e depois por tubarões e baleias, numa mordida só. Espero que Jesus não volte. Espero que você não volte.

30 de setembro

Cansei.

14 de outubro

Eu vivo colando cabeças aqui em casa. A cabeça de São Gabriel caiu. A cabeça de Buda caiu. A cabeça de Zé Pelintra caiu. A cabeça de Nefertiti caiu. Não fui eu que quebrei nenhuma delas. Estou trabalhando quando vejo de relance um pescoço quebrado, cabeças rolando. Alguma coisa muito de dentro pulando para fora. Uma ranhura na superfície até o escondido, um vislumbre de algo que deveria permanecer escondido. O dentro. As mulheres são aquelas que botam para fora o que deveria ficar dentro. Não aguento mais morar dentro da minha cabeça.

22 de outubro

O amendoim quando começa a torrar solta um cheiro adocicado que esquenta a gente por dentro. Que incrível a variedade de comida que existe.

Na oração, o pão nosso de cada dia não é só o pão que colocamos na boca. O pão também é o corpo de Cristo. Podemos dar uma mordida em Jesus e arrancar dele um pedaço que não tem problema. Ele se regenera sempre como as planárias ou o rabo das lagartixas. Quando a pessoa amada coloca um pote de amendoim do seu lado e sai em silêncio, a pessoa amada também é um Jesus Cristo regenerado, cuidando de você.

POEMA

JULIA TOCCHETTO

Quadro poemas sobre a docência

Tricotilomania

arranco fios de cabelos
para tecer aos meus alunos ninhos
embalar no emaranhado
todos os dias chego na creche com maços
[imensos
de fios de cabelo arrancados
do meu próprio couro cabeludo
retorcidos em agulhas de crochê
é como fazer um abrigo da sua própria carne
invento cabanas, redes, mundos,
há quem diga
que logo estarei careca e por isso nunca terei
[marido
eu não me importo
quero cobrir as crianças com meus fios
aquecê-las com meu DNA
se eu tivesse uma filha
ela sairia da maternidade
vestida com os meus cabelos

Contaminação

Quando vou ao hospital gosto de espalhar poemas bordados
palavras em linhas - linhas em palavras

DA AUTORIA



Julia Tocchetto nasceu em Florianópolis/SC, cidade em que reside atualmente. cursou Pedagogia (UDESC) e ao concluir o curso, em 2013, ingressou no Mestrado em Educação na UFPR. Em 2020, mesmo ano de escrita de seu livro de estreia, *Veia forte*, concluiu o Doutorado em Educação (UFPR), na linha de História e Historiografia da Educação. Atualmente, atua como pedagoga na Rede Municipal de Educação de Florianópolis.

esqueço de propósito
como um órgão amassado
nunca volto ao local do crime e nem penso na sentença
o último, um poema de Ana Marques
deixei em um fraldário e talvez permaneça lá por anos
até alguém resolver limpar a bunda de um bebê
este hospital não tem pediatria
e por isso
me é um lugar inóspito

tenho fascinação
pelo soro fisiológico pingando
pelo acesso
quase como um conta gotas
uma, duas, cem gotículas
até atravessarem a agulha
congelando as minhas veias
fios que conectam meu corpo
as engrenagens da dor

penso em todas as vezes que trepei só por estar frustrada
a saliva escorrendo
fio por fio
gota por gota
lembro de todas as vezes que disse não
só por maldade
jurando que era amor
que era para o seu bem
porque você deveria aprender a lidar
com esta de um metro e meio
penso em quando eu disse não

podendo dizer sim
só para ser aprovada pelo clã de adultos
que ainda não entenderam que alguns orgasmos
vem da frustração

não me importo de dividir
muitas vezes
as células do meu corpo
se isso te faz sorrir afinal
não me interessa
que os médicos digam que estou definhando
amanhã vamos brincar à sombra do Iroko
de curar bonecas
por isso pedi para levar a cânula e o frasco vazio de soro fisiológico
quero enchê-lo com seiva
macerar ervas
para lavar oris de plástico
a enfermeira me olhou com olhos esbugalhados
“Não! está contaminada”

Greve

Todo mundo sabe que não há recursos
silicones e limpezas de pele
tem sido cada vez mais parcelados
se uma creche tem goteiras
você deve fazer disto uma estratégia pedagógica
não importa
se há uma enxurrada no bocal da lâmpada

fios elétricos desencapados
arrepiam os pelos pubianos
das professoras
entraram na creche de novo
devoraram a merenda
enquanto a prefeitura
serviu mais um banquete
direitos trabalhistas como prato principal
os banqueiros lambem os beijos
com a nossa previdência
mesmo assim
as professoras são vagabundas
por isso os guardas municipais
martelam nosso orgulho
enquanto atei fogo em nossos olhos
nos temperam com spray
só a vulnerabilidade das mães
que não podem levar as crias enroladas no cabelo para o trabalho
é considerada
só o asco dos patrões
por narizes escorrendo mar
vale
para as professoras é destinado
o sacrifício da profissão

Burnout

Se a professora vira uma puta
antes ou depois do expediente
se trepa

às seis horas da manhã
antes de pegar a lotação
isso não é um problema social
molhar a calcinha
é revolucionário
a falta de libido
essa sim é da conta do contribuinte
primeiro se mata o tesão a carne o orgasmo
sucateia os sutiãs
até deixar os seios exaustos
as condições de trabalho
estão piores que um motel do subúrbio
rachaduras
na sala de aula
abrem goteiras no teto
fecham as pernas
primeiro se mata o desejo
resseca a língua
lixa as extremidades do corpo
até cair
cada vez mais fundo
na cama
um mar estéril
esses lençóis inóspitos
que antes eram lugar de trepar
de pé
um chute na bunda faz despencar
ponte abaixo
morreu de burnout
a revolução

POEMA

K. NAEYLI

Sem cor

Te conhecer foi a melhor coisa em minha vida,
mas também a minha ruína.

Teu sorriso me desmontava
e fazia com que eu sorrisse também,
mas mal sabia eu que as coisas não estavam indo bem.

Ouvir suas histórias era como me sentir em paz,
até que elas começassem a me perseguir,
até eu não aguentar mais.

Você foi um dos maiores motivos
para que eu me sentisse bem comigo mesma,
mas também o principal motivo para que eu me odiasse ainda mais.

Você me dedicou uma música e eu também o fiz.
Hoje em dia eu finjo que nunca as ouvi.

Era incrível a forma como você me completava e ao mesmo tempo me
[destruía,
como nosso amor era lindo, mas temporário, pois você queria mais e ao seu
[ver eu era menos.

Você me fez tão mal enquanto me fazia bem.
Ao mesmo tempo que me pintava com novas cores,
apagava as que eu tinha.

E foi assim até que não sobrasse mais nada,
nem mesmo a escuridão.

Da nossa chama, eu virei a cinza.



DA AUTORIA

K. Naeyli é uma escritora e estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que ama fazer uso da melancolia em suas obras, transformando até mesmo o cair de uma simples folha em arte.

POEMA

LILIAN FARIAS

Dois poemas

II

O meu verso

Te lambe

Te janta

Me cospe.

III

Te vejo crua

E teus olhos são novos

Todos os dias

DA AUTORIA



Lilian Farias é formada em Letras/Português pela UPE-Universidade de Pernambuco. Escreveu os livros *O céu é logo ali* (2011) e *Mulheres que não sabem chorar* (2015), *Rito Serpente* (Amazon), *FOME* (Amazon); *Cassandra* (2022); *Nada Fez Sentido Depois que Parti* (2022); e *Veja com meus próprios olhos* (2024).

POEMA

LUCAS FERNANDES

The only one

They come and go, I'm the only one who stays.
The only one cleaning the tears up at night.
The only one wondering where did my mind fly.
The one crying while they make fun of me and pass over my sight.

Trying to move on over someone who didn't make it right.
Tantalized by a deceiving soul, who stabbed me with more than just a knife.
Though, it's been such a long time.
This feels like yesterday, when we were one, loving at midnight.

Cried out and spilled it out.
Ripped the words of sadness.
Yelled the feel of madness.

Then there was only me and the gray.
Then me and the memories on replay.
Then me falling on the runway.
Then us moving our feet away.

And that's when I question, why didn't they stay?.

O Único (interpretação em português)

Eles vêm e vão, eu sou o único que fica.
O único limpando as lágrimas na noite aflita.
O único perguntando onde minha mente fugiu.

O que chora enquanto riem e passam por mim com um olhar sutil.

Tentando seguir após quem não fez jus ao que sentiu.

Seduzido por uma alma falsa, que me feriu com mais que um punhal hostil.

Ainda que o tempo já tenha passado a mil.

Parece que foi ontem, quando éramos um só, amando no céu de abril.

Gritei e deixei tudo transbordar. Rasguei palavras de tristeza a queimar. Gritei o sentimento a enlouquecer.

Então restou apenas eu e o cinza da vez.

Eu e as memórias em eterno revés.

Eu caindo sem chão ou viés.

Nós dois, afastando nossos pés.

E aí me pergunto, por que não ficaram de uma vez?

DA AUTORIA



I am Lucas Fernandes, a 22-year-old man who is currently in the 7th semester of undergraduate studies in English Language at the Federal University of Alagoas (UFAL). Born and raised in Murici, I have a deep passion for linguistics, an aspiration to become a poet, and a strong appreciation for literature, hoping to touch people's hearts and minds through my art.

POEMA

LUIZA VALENCIO

Dois poemas

Aves domesticadas

Ai das aves
que esqueceram quem são
que mesmo com a gaiola
quebrada
Se mantêm fiéis a ela
Ai das aves
que esqueceram como é lá fora
ou nunca estiveram lá
nunca souberam ou apagaram
o gosto
de voar em céu aberto
Ai das aves
que cantam esse canto tão triste
que se conformam com tão pouco
e se distraem tão fácil
e servem a estes Senhores
que lhes tiraram a liberdade.

*[Ai de mim
que também sou uma dessas aves].*

Dançando no escuro

Por enquanto danço esta dança

DA AUTORIA



Chamo-me Maria Luiza da Silva Valencio, ou apenas Luiza Valencio (como costume assinar), nasci em Atalaia-AL, tenho 22 anos e sou estudante de Letras/Português pela UFAL. Apaixonada pela literatura e suas infinitas possibilidades de ser. Naturalmente penso demais e por isso às vezes me atrevo a escrever.

do jeito que posso
tentando me adaptar
aos passos dos meus parceiros
deixando-me levar
pela melodia harmoniosa
que toca ao fundo
E cada vez que piso em falso
temo
temo que descubram
que na verdade ainda não sei
qual música estou seguindo
outras notas ressoam
em minha cabeça
notas altas e desconexas
eles não entenderiam
então só me deixo levar
temendo me apegar ao movimento
de algum deles [ou de todos]
e me perder em uma ilusória dança
passageira
porque carrego comigo este peso
passado
porque quando findou a noite
todos se foram
uma nova e estranha melodia tocou
e tive que aprender a dançar
sozinha
esqueci como se move em par
estou cansada
e esses sapatos...
esses malditos sapatos estão apertados!

POEMA

MARCELO DELILO

Dois poemas

Cosmos

Hoje, ao ver as estrelas, sonhei acordado,

Pensando: como deveria ser olhar no

[passado?

Será que podiam notar o que tenho notado?

Como conseguiam enxergar o que tenho

[enxergado?

Por isso acho difícil subestimar

Dizer que eles não viram direito

Que tinham no olho um defeito

Que não sabiam ao certo como expressar

Não tenho dúvida, existe muita vida além da terra

Essa certeza de mim ninguém irá tirar

Mesmo que me declarem guerra

E mesmo sem ver vou sempre afirmar

E se me atirarem do alto da serra

Um disco voador irá me salvar.

Para Gardo Baquaqua

Como cartas marcadas de um jogo

Sem escolha para as minorias

DA AUTORIA



Aluno do curso de letras da UFAL, amante da natureza, e pai do Nikolas que é o grande amor da minha vida.

Foi roubado de sua cidade em Zoogoo
E agrupado com as outras mercadorias

Seu relato do navio é tenebroso
– Desumanos no sentido mais vil –
Podre, fétido e rancoroso,
Foi assim que ele conheceu o Brasil

Gigante pela própria crueldade
Rebelo contra o impávido colosso
Se o teu futuro espelha essa pobreza

Terra dourada, por ser servil
A outro Brasil. Oh, pátria armada
Teu filho não é um mero imbecil...

POEMA

MARLON MARCOS

Dois poemas

A gira poética de uma cantora

P/Maria Bethânia

Trago-a no peito
Sarando a dor.
Vivo o rugido dos sons
Que me traz a sua garganta.
Trago o agridoce daquela voz
Para melhorar minhas noites
Embebidas em canções e sentimentos.
Danço o movimento do seu corpo
Mimetizando a sua beleza
Sendo-me a sua gira de água e fogo.
Ouço o uivo do lobo
Ao lado da mulher cantora
E vejo suas transformações.
A mulher deitada em narrativas
É a visceral operária do canto.
A humana mensagem transcendental.
O destino da fêmea em Marias:
Nazaré, Padilha, Bethânia
Roda da gira girando
O fazimento da grande artista.
Ouço sobrevoando a Purificação
A voz motriz do sonho realizado

DA AUTORIA



Marlon Marcos é baiano de Salvador, poeta, professor doutor (em antropologia) da Unilab-Bahia, graduado em História, Jornalismo e Ciências Sociais. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos (concentração em antropologia). Pesquisa as chamadas religiões afrobrasileiras, literaturas e música popular no Brasil, buscando os sentidos ancestrais africanos e indígenas que fundamentam a civilização brasileira. Também pesquisa as manifestações religiosas e filosóficas denominadas caboclos – em suas aproximações e centralidades no chamado candomblé baiano. Localiza suas atenções em duas autorias artísticas e intelectuais de ultra importância para a cultura brasileira: Clarice Lispector e Maria Bethânia. É filho de Santo do Unzó Tumbenci, da Iyá Zulmira de Zumbá, sendo nessa casa o ebomi Adê Okun (seu nome de nascimento ritual).

No colo da mãe Canô
Nas mãos do pai Zezinho.
Vejo os nascedouros
Muita água jorrando
Lavando o destino mítico
De uma menina qualquer.
Toco na brasa acesa
Da fogueira oyânica
Que a fez acontecer.
Singro os mares sagrados
Da Cidade da Bahia
E espalho poesia
Na morança amarela da artista.
Sempre distante
Como o mistério da sua voz.
Sempre constante
Como o fruto bendito
Ecoado da longeva garganta
Que abriga beleza e perigo
Como o fogo da gira das 7 saias
E o falsete cristalino das sereias.

Narciso

Narciso mora no lago
Perto da minha casa
E me convida a fitá-lo...
Levo-lhe, entregando de longe,
Rosas amarelas

E récitas de Savary.
Quero nada de amores com Narciso.
Nele – sou-me só imaginação:
Paisagens vindas em canções
Tocadas pelo violão ancestral
Do anjo escondido em minha boca.

POEMA

MIGUEL ARCANJO DE LIMA SANTOS

O Bon-vivant

Como eram memoráveis
Minhas noites boêmias
Meu olhar vagabundo
Andando pelas avenidas.

Naquela época
Naquela bela época
O riso corria vadio
Pelas orlas e bailes
Amando e apaixonando
Amar sem ser amado.

As noites eram meu palco
A vida, meu figurino
Esbanjei a juventude
O quanto pude
O quanto quis.

E hoje me encontro sozinho
Jogado à noite e ao vento
A idade bateu à minha porta
O aprendiz virou mestre
A vida perdeu seu oeste
Este é o destino que fiz.

DA AUTORIA



Meu nome é Miguel, sou um jovem alagoano de apenas 17 anos, sou discente do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, Campus São Miguel dos Campos, atualmente sou acadêmico do curso Técnico Integrado em Informática para Internet, para mim a poesia é libertadora, nos liberta da realidade e nos permite exprimir o verbo e lançá-lo no mundo, já dizia o grande Ferreira Gullar "A arte existe porque a vida não basta".

POEMA

MILENA NASCIMENTO

Dois poemas

isqueiro branco

dizem que toda vez que um corpo vai embora
o sol aparece
seja no amanhecer ou no entardecer
o sol embeleza a ida
o choro não me diz mais nada
devolva meu isqueiro branco
tem objetos que merecem acender
nas mãos certas.

até perder a memória

amor,
tenho que te dizer que acordo às 6h todos os dias
às vezes volto a dormir depois do café
não me perdoe nem no domingo
eu tenho que te dizer que
meu livro vai sair em breve
ouvi uma música outro dia que dizia assim:
“clareia luta contra a dor que mora no teu peito semeia de novo esse sorriso
que é abrigo teu”
lembrei que uma morte faz iniciar muitos fins
não sei se isso faz sentido para você
a orelha do meu livro está preciosa
precisei quebrar regras e deu certo

DA AUTORIA



Milena Nascimento é poeta e atriz baiana formada pelo Teatro Vila Velha, licenciada em Letras/UNIJORGE e mestranda em Estudos Literários/UEFS. Autora dos livros Notas de Prenúncio (Caravana, 2024), Envelope-de-artista (Estúdio Arroyo, 2020), A casa das plumagens (Cadernos meio fio, 2019).

aquele poeta que sempre te falo
fez minha orelha
um luxo, não é?
está tudo acontecendo
e meu choro não deixa de existir
tenho estudado uma mulher que me enlouquece
meu tempo já não é mais o mesmo
nem o modo como digo que te amo
nem como amo as coisas
essa chegada me deixou meio torta
eu já estava acostumada a ficar longe disso
que é seu
vamos tentar ser comuns?
ou será tudo ou nada?
vamos exorcizar essa coisa toda?
vamos pôr para fora até perder a memória?
você não lida muito bem com perguntas.

POEMA

MORGANA MENDONÇA DA COSTA

Dois poemas

Impelida pela fúria do encontro do concreto e do aço
Como se fosse eu mesma a levar a porrada
A posição de defesa da qual nem ao menos saí
Na esperança de não mais voltar para a inexatidão
Aceito o convite do mensageiro dos ventos para abalançar
Atrevo-me
Desço do altar imponente
Os livros mesmo com tantas palavras nada me dizem aqui
Me falta o que colocar no lugar
A exatidão é aquilo que não conseguimos nunca
E é por isso que eu me visto de todos os meus equívocos

me comunico com a cidade
numa dessas tentativas frustradas de me sentir menos só
me procuro nas ruas
mal iluminadas
nas pontes
nos rostos vazios e borrados
que passam por mim
acho que me perdi no barulho das sirenes
e das buzinas
nos silêncios que ocupam

a madrugada
e nas lágrimas derramadas
no centro da cidade
você me viu por aí?



DA AUTORIA

Psicóloga que encontra na arte o respiro dos dias, Alagoana.

MORGANNA LÔBO

Três poemas

Joel Filho

Meu avô quer que eu escreva um livro sobre ele
Eu não sei como começar
Idosos são livros de história.

Ele tem 66 anos e um filho de 5
Perdeu um dedo e meio nos seus tempos de mergulhador
Me levava para “pescar” siri e me deixava pular no meio do mar
Viajou o Brasil todo trabalhando e mergulhando
Certa vez, quase se afogou no mar,
mas lembrou da minha mãe e recuperou o fôlego
Já me fez de auxiliar de pedreiro
Passeou comigo enquanto eu usava peruca
Me levava para passear de trem
Me confessou algumas de suas preocupações
Atende o telefone sempre do mesmo jeito
É o homem mais forte que já conheci, mesmo agora
A conversa dele com a minha mãe é sempre cheia de bordões
Acho que ele já nasceu no mar
Às vezes, entrevisto ele sutilmente
Um dia eu vou aprender a pilotar barco
Eu costumo brincar que ele teve a matrícula nº 1
nos seus tempos de mergulhador na BELOV
Construiu uma ponte em Maceió
Torce para o Bahia
Costura redes de pesca e eu acho maravilhoso.

O livro, meu avô, talvez nunca saia, mas te dedico esse poema.

Maneiras de amar

Ele me ama,
mas não gosta de mim.
Quer me ver perto e bem
Mas sempre em silêncio
e sem contato físico

Perdoe-me caso soar ingratidão
Mas isso não me basta
Nem me colhe
E até me afasta
Mesmo que eu fique aqui

Ele não gosta dos meus ideais
Nem do meu jeito
Nem do meu cabelo
Nem das tatuagens
Mas me quer bem

Isso não me basta.

A artista e sua sensibilidade

Tenho uma visão idealizada da vida
Sou uma romântica tardia

(mas ninguém nunca me ouvirá dizer que nasci na época errada
sou mulher, periférica e parda: entendo que esse é o melhor momento
[histórico
para eu continuar viva)

DA AUTORIA



Morganna Lôbo tem 25 anos, é formada em Letras pela UNIJORGE, estudante de Licenciatura em Teatro pela UFBA, pós-graduada em Libras pela UNIASSELVI e pós-graduada em Arte-educação pela mesma instituição. Publicou o livro “no caos da minha mente”, com textos autorais em prosa e poesia, possui textos publicados em várias antologias brasileira, publicou em revistas brasileiras e em uma nos Estados Unidos. É atriz e já participou de peças como “Jennifer”, “Não me (c)segue”, “A mais forte” e “Amãeser”. Atualmente, além de escrever e atuar, é professora de Artes, Teatro e Literatura.

POEMA

NICOLAS ROSA

Estados

Existe o líquido
Existe o gás
O petrificado:
O éter em fusão,
O Bose-Einstein condensado.
Eu fico fluido
Vaporoso,
Paralisado,
Incandescente
E supercondutor
A depender de sua vontade.
Você não é física nem telepata,
Mas domina a seu gosto,
Cada um de meus estados.

DA AUTORIA



Bombeiro Militar, vive num apartamento em Salvador com a noiva e um casal de gatos. Foi Conselheiro Municipal de Cultura e Diretor de DQA no Rotaract em Santo Antônio de Jesus, última cidade em que morou. Recentemente, se formou Multiplicador no Politize, e logrou aprovação em variadas antologias, de poesias, crônicas e contos. Sua aprovação mais recente foi como finalista no concurso Jornadas de Junho do Jornal Nova Democracia, com a poesia “O Julgamento”.

POEMA

OTÁVIO TAVARES

Nunca alimentada

*Caminho com passos largos
na ânsia de um dia alcançar
o fim da estrada tortuosa
formada pelos desencontros
e pelo abandono fúnebre
que a existência ergueu
entre os nossos corpos.*

*Sigo, entre a falta de reciprocidade
e linhas de ótima qualidade,
com nós perfeitos
que nunca se encontram;
que entregam tudo que minha alma anseia,
– anseia ser vista –
mas nunca conseguem penetrá-la de fato.*

*A mesma ânsia da alma
nunca vista pela garota dos olhos fundos e negros.
Ela jamais a olhou,
nunca se preocupou em alimentá-la.*

*Mesmo exaurido, continuarei a caminhar
por essa estrada sinuosa
na esperança de que um dia haja
um desses afetos modernos
que minha alma tanto anseia.*

DA AUTORIA



Otávio Lira Tavares é nordestino, amante de música, cinema e graduando em Letras – Português pela UFAL. Percorre pela escrita como forma de desabafo e introspecção nas horas vagas.

*Mesmo que já tenha sido penetrada,
sem nunca ter sido realmente vista
pela garota dos olhos fundos e negros.*

POEMA

PAMIN

Fiapos

De fiapo em fiapo
Nós vamos nos descosturando
Antes que algo nos rasgue
E sejamos retalhos o resto dos anos

DA AUTORIA



Meu nome é Pâmella, mas pode me chamar de Pamin, tenho 21 anos, natural do estado de Alagoas e atualmente estou cursando o 7º período de Letras português na UFAL. Sou apaixonada por todas as facetas da arte e quero compartilhar com vocês uma das minhas favoritas: a poesia.

POEMA

PATRÍCIA FERREIRA

Oração a Oyá

Leva em ventania, Oyá, aquilo que
não aquece a alma e adocece o orí
levando... leva, Oyá, para bem longe a palavra que padece o corpo
Leva, Oyá, para distante, o olhar que desfere espinhos
Levando... leva, Oyá, a dor que em mim não cabe
Leva tudo que não me pode ser assento
No rodopio do teu tempo, proteja-me, Oyá!
Embala-me em tua brisa
Oyá, traz à minha boca o seu ilá
Cura-me
Faz-me forte de mim!



DA AUTORIA

Patrícia Ferreira Lopes. Baiana, de Salvador. Licenciada em Letras Vernáculas com Habilitação em Literatura Portuguesa. Poeta. Escritora. Iniciada no candomblé, orí consagrado a Xangô.

PEDRO FEITOSA

Mar

*Este é meu lar, o mar,
Que me ensina o que é amar.
Nas ondas, encontro paz,
O mar, meu par,
Me traz esperança,
Segurança e perseverança.*

*Nas profundezas, murmura a mudança,
Em cada passo da minha andança,
Sigo na dança,
Conforme a maré, que me guia.
Em pé, sinto a força da maresia,
Essa brisa, minha melodia,
O mar é minha harmonia.*

*Quando o sol se põe,
E o céu se veste de ouro e o mar é
[esmeralda,
O mar reflete o que há dentro de mim,
Um vasto horizonte, sem fim,
Onde os sonhos navegam livres,
Onde o tempo parece dormir.*

*No ciciar das ondas, ouço
[histórias,
De amores perdidos e
[reencontros,
De vidas que o
[mar abraçou,
E segredos que ele guardou.
O mar, com sua sabedoria antiga,
Me lembra que tudo tem sua maré,
E que na vida, há de se ter fé.*

*À noite, quando as estrelas cintilam,
E a lua se deita no espelho d'água,
Sinto o mar me envolver,
Como um velho amigo, sempre a me acolher.
Sua vastidão me acalma,
Seu som, uma canção que embala a alma.*

*O mar é vida, com somente ida,
Sem pressa, sem retorno,
Apenas avanço, constante jornada,*

*Eu sigo, como o mar, sempre em frente,
Em busca do que há além do horizonte.*

DA AUTORIA



O autor deste poema não se considera um escritor, mas assume uma paixão pelas palavras e é evidente em cada verso que cria. Com uma sensibilidade única, ele transforma suas vivências pessoais e observações do mundo em poesia. Ele constrói um universo onde cada palavra é escolhida com precisão para evocar sentimentos e provocar reflexão. Em suas mãos, a poesia se torna uma poderosa ferramenta de expressão, capaz de tocar a alma.

POEMA

POETA RAMON

Extrato da falência humana

Um ator que age naturalmente
em uma cena de mentira,
está atuando corretamente
ou sentiu menos do que deveria?

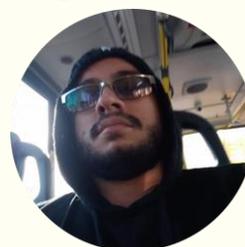
Shakespeare disse que
"há mais coisas entre o céu e a terra do
que sonha a nossa vã filosofia".
Uma frase que conforta e,
ao mesmo tempo, aterroriza.

Onde chegamos e aonde poderemos chegar
é de uma complexidade que me inquieta.
Pois, tudo de extraordinário que é criado,
o mal dá o seu jeito e se apodera.

A eletrostática, a mecânica e a física;
a robótica, a alquimia e a biomedicina.
Fortes, velozes e constantes
para gerar e destruir vidas.

Os dons do conhecimento,
a inteligência que substitui.
Os artifícios artificiais, que há muito seduz.
Quais serão os seus limites (se é que existem)!?
Como separar trevas e luz?

DA AUTORIA



Olá, meu nome é Ramon, tenho 34 anos, sou Representante Comercial, carioca e solteiro. Escrevo poesias e crônicas, gravo vídeos de vez em quando e tenho dois livros em andamento. Sonho um dia viver da minha arte, pois não há nada que me deixe mais realizado do que fazê-la.

As máquinas do tempo, as naves espaciais.
Seria o teletransporte possível?
Ou estamos querendo demais?
Teriam os robôs sentimentos
maiores do que nós que somos mortais?

A redução dos riscos,
a automação dos processos.
A economia de gastos,
a padronização de objetos.

Dentro das casas faz frio
e eu não tô falando do tempo.
Filhos não respeitam pais,
avós não conhecem os netos.

Quem de fato se conhece por inteiro?
E quem ainda não precisou se conhecer?
Quem na hora da verdade encara o medo?
E quem nunca precisou se esconder?

Quanto nos resta de vergonha?
O que daríamos por um sonho?
Qualquer opção acessível de ganho,
nos causa um balanço estranho.

Quem não duvidava, agora duvida.
A coisa toda anda tão subversiva,
que ser honesto causa estranheza
e o errado já não escandaliza.

Afinal, juízes não amam mais a justiça,
médicos não honram o juramento.
A impunidade é brinde e prêmio
e caráter é o que temos de menos.

Nessa história toda,
só tolo para arriscar um lado certo.
A hipocrisia, falsidade e incoerência,
são ingredientes comuns na receita do
cidadão de bem e do politicamente correto.

POEMA

RAÍ PRADO MORGADO

Três poemas

y bajará l aluna para que juguemos?

I.

o horizonte como um começo pros navios
e em tudo que o olho vê e a luz encosta

amar é também abrir as portas

tenta entender

II.

o que se divide entre
o sol da manhã e noites de frio

os ônibus para piracicaba
seguem vazios

mas escuta

III.

as árvores têm fungos
depois flores depois frutos
depois fungos

mas escuta

DA AUTORIA



Raí Prado Morgado é estudante de Engenharia Florestal da ESALQ/USP, atua como roteirista e tem poemas publicados em revistas literárias do Brasil e da Argentina.

IV.

se fôssemos dois pássaros
não seria assim

escuta que a terra também fala

rua da padaria

I.

o que dói primeiro
é sempre o que a gente tenta esquecer

II.

o espanto que acompanha
a primeira vez em que se ouve uma palavra

III.

você

IV.

se eu soubesse voar
gastava as asas pra te ver

curva seu corpo pra ela

I.

tentar tentar tentar

II.

o que é preciso para aprender a andar
e descobrir que desafiar a gravidade
é um perigo latente

III.

no começo do caminho existe o chão
e a dor do chão também é sempre

e de alguma forma

a dor da gente

IV.

desde que as portas se abriram
nunca mais houve espera

V.

eu deveria agradecer à Daniela

POEMA

RODRYGO PIRES

MITO DE HIMENEU

Toda vez que te vejo,
Minha alma transpira desejo
E eu sinto o sabor do seu beijo
Correndo ao encontro do meu.

Toda vez que te abraço
Me sinto tão menos cansado
E me esqueço o dia mais amargo,
Que meu peito outrora viveu.

Toda vez que te encontro,
Abandono meu mundo bisonho
E me pego vivendo no sonho
Do qual a mente não se esqueceu.

Mas toda vez que desperto,
E não tenho mais você por perto
Me sinto tão só e incompleto,
Que da dor, chego ao apogeu.

E ao vagar em busca do amor
É do seu lábio que sinto o sabor
Porque memórias revivem o teor
Da vasta lembrança de um sorriso teu.

Nessa releitura do mito de Himeneu,
A moça mais bela que um dia nasceu,

DA AUTORIA



Me chamo Rodrygo, tenho 20 anos e estudo na UFAL - AC Simões; a poesia faz parte da minha vida desde que entendi que a comunicação e expressão dos sentimentos pode ser mais abstrata e menos óbvia, mas ainda assim fazer sentido. Essa obra que escrevi reflete bem essa visão.

Se apaixonou por um mero plebeu
Que o amor verdadeiro então conheceu!

Um sentimento quase proibido,
Que por um tempo se tornou escondido
Mas nenhum dia deixou de ser abrigo
Pois foi em silêncio que a tudo acolheu.

Nenhum Deus grego ou romano
Apenas um jovem humano,
Podando seu jeito arcano
Guardando na mente tudo que viveu.

Mito então se torna verdade,
Um deus e um plebeu se fazem paridade
Na fina camada dessa realidade
Que um sentimento nasceu e cresceu.

E se um dia ele velho ficar,
Não deixe jamais ele ir descansar.
Pois sei que no fundo vai querer lembrar
Reminiscências que o amor reviveu.

É que toda vez que te escrevo,
Teu sorriso invade o meu peito,
E me alegro quando finalmente percebo
Que o dono dos seus versos,
Agora sou eu...

POEMA

THALIA VITÓRIA

O futuro

uma incógnita
indecifrável
magnética
que inspira
curiosos

[a]
ansiarem
ansiarem
e...

pelo o que não conhecem
desconhecido
misterioso
nebuloso
prazer de uma

daquilo que
pode ser
e do que
supostamente
será
e que também
talvez
não possa
acontecer.

DA AUTORIA



Meu nome é Thalia Vitória, tenho 23 anos e sou estudante de Letras - Português pela FALE/UFAL. A leitura e a escrita sempre foram uma parte essencial de mim. Atualmente, trabalho como professora de reforço escolar e revisora textual na internet. Já publiquei alguns poemas e, além disso, sou uma amante incondicional de gatos e livros de mistério.

[ansiarem]

[expectativa]

POEMA

VICTOR GUILHERME FEITOSA

Três poemas

Multidão

trânsito linha fosforescente brilho luz emaranhado teia cola grude
velocidade bafo silêncio olhos esquerda giro palpitação ardor cabeça chão
vermelhidão zumbido falta de ar pressa força direita respiro ardência saliva
tosse música alta reflexo pés gelados força mão cabelo tosse calafrio
rouquidão unhas chão arrependimento espanto medo longe demais
É o vigésimo aniversário desde que a ponta da faca foi alojada na cintura.
à força

num arremesso

por não ter

papel higiênico travesseiro mudez não estancam

Primeiros socorros: esterilizar, olhar no espelho e pedir perdão.

Maria

Nadava como um peixe. Daí é herança.

Mesmo que de não saber.

Confiar no líquido. Aguar para cumprir a metáfora.

Significado a gente dá depois.

Salga. Afoga. No fundo. Rompe. A luz lá. Superfície.

Agudo, na barriga. Então a forma e voz da água.

Pura melancolia.

Na garganta.

Alguém dissesse que não se desaprende ser bípede.
Caminhar com as duas pernas.

Hábito é morada. Vende-se.
O corpo inteiro é uma boca. A Deus, fome de sal.
Calix Bento.

Estou criando um filhote de mariposa.
Ela entrou pela porta da cozinha e pousou no portal que dava para o
[quintal.
Nós a sós e a televisão.
Entreguei-lhe então as chaves da casa.
Não voltei mais lá.
Quando não se diz nada.
Substantivo próprio. Duro silêncio, ela e eu.
Hábito.
Vida mais real.

Aprender o que não posso me dar.
Por entre as janelas e portas abertas.
Nu e a boca. Habitar com todos eles.
Fogo puro; cheiro de gás.
Caminhar com as duas pernas.
Calix Bento.

Vida mais real.

Fototaxia

Algum tempo depois resolveu aparecer. Não matei.
Natureza similar, assim como uma dor não mata a outra.

Medo da forma, da cor e do nome.
Coisa de quem corre do que tem que correr.

Bateu asa por todo lado.
Procurei na parede, no chão, no teto e no breu.
Andei de lâmpada em lâmpada,
Encontrei na região do estômago.
Apaguei tudo que acende.

Não vi na manhã seguinte.
Abri todas as saídas.



DA AUTORIA

Victor Guilherme Feitosa é licenciado em Letras e Literaturas pela UNEB, especialista em Linguagens, Tecnologias e Educação pela UFMG, autor de corpo que se experimenta em rasgos (Trevo, 2021), professor de escola pública e vive em Irecê/BA desde 1996.

POEMA

VITÓRIA FERNANDA

Dois poemas

Cotidiano

Pela fresta estreita do portão,
ela, a pequena cadelinha,
fungava o cheiro das ruas –
Estrada, lixo, fumaça.

Ali estava seu único horizonte.
Ninguém a chamava para passear,
ninguém lembrava da coleira.
Ser útil não fazia parte dos planos.

Assim, o dia foi embora,
como os pés que passavam,
como as rodas que giravam,
como as patas que vinham e iam,
sem rumo que ela pudesse entender.

Esse era o seu universo,
uma dança de pés, rodas e patas
sempre na mesma direção,
sempre, sempre, sempre,
para lugar nenhum.

DA AUTORIA



Quando era criança, eu queria ser grande, muito grande, por isso escolhi a licenciatura. Sou graduanda do 7º período de Letras Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Sem título

Quando te aproximas de
mim E dizes essas coisas,
Entendo, enfim, o mistério de estar aqui,
De não ter morrido
Atravessando a rua, distraída de mim mesma.

Finalmente compreendo o motivo
De tanto tempo a vaguear,
Sozinha e frágil, em desatino,
Só para que tu,
Com teu brilho furtivo,

Só para que tu,
Com teu modo silencioso e fatal,
Só para que tu viesses me mostrar
Que não devia aguardar por ti,
Nem por outro alguém.

ENTREVISTA

ELISEU BANORI

Por Francisco Batista

Francisco Batista: Eliseu, conte-nos, por favor, um pouco do seu percurso com a literatura: o primeiro contato com ela, o surgimento da paixão pelo literário e a percepção de si mesmo como um escritor.

Eliseu Banori: Para dizer a verdade, nunca pensei que escreveria livros um dia, ou seja, ser escritor. O meu maior sonho na infância era ser jogador de futebol, igual a muitas crianças da minha época. Já adolescente, comecei a sentir esse desejo de escrever, pois a maioria das pessoas nas igrejas evangélicas de Bissau já me conhecia como um bom poeta. A fama de ser um bom poeta foi crescendo junto com esse desejo de publicar um livro. Mas, nessa época, eu não escrevia. Participava nos festivais de poesia nas igrejas locais com poemas de autoria do meu mestre Sanca António Cá, a quem admiro muito pelo dom e a facilidade de escrever poesias

e compor músicas. Acho que foi aos 16 anos que eu escrevi meu primeiro poema, intitulado “Padida – mãe zelosa”. De lá para cá, nunca mais parei de escrever. Eu vim pro Brasil em 2009, já com uma maleta cheia de contos e poesias. E essa ambição de escrever livros começou a gritar mais alto. Mas, a paixão de escrever e contar histórias, creio eu, começou lá em Catió – no Sul do meu país. Foi em Catió que eu comecei a entender as culturas locais, o que facilitou bastante na compreensão da literatura escrita. E, para dizer a verdade, comecei a me sentir como um escritor após a publicação do meu primeiro livro de poesia aqui, no Brasil.

FB: O senhor poderia nos dar um panorama do espaço e do papel que a literatura tinha na Guiné-Bissau de sua infância e que tem hoje, na Guiné-Bissau de 2024?

EB: A Literatura, por meio das

palavras, tem o poder de resistir a todas as formas de marginalização, de dor, de perda e de nos despertar a ter consciência das situações social e política que nos cercam. Além de tudo isso, ela nos ensina a preservar os valores e saberes do meio em que vivemos. Eu acredito na força das palavras e na potência do pensamento como uma das formas para despertar as mentes numa sociedade como a nossa. A minha escrita serve para questionar e combater as anormalidades existentes em nosso país e no mundo, levando todos a uma reflexão profunda sobre a vida. Esse é um dos papéis que eu tenho desempenhado ao longo da minha carreira. Acredito que esse é um dos principais papéis da literatura escrita tanto na Guiné-Bissau quanto em outros países do mundo. Quem estuda Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, por várias razões a mencionar, sabe que a literatura guineense é pouco lida, estudada e pesquisada no Brasil em comparação com outras literaturas da sua Comunidade. Eu

tenho lamentado esse fato em todos os encontros nos quais eu participo como convidado. Por isso, a minha maior preocupação, hoje, sem questionamentos, *a priori*, é tornar cada vez mais visível a literatura guineense. Respondendo sua pergunta, digo que a literatura da Guiné-Bissau não é mais "um espaço vazio", como referia Manuel Ferreira, crítico literário de língua portuguesa. A nossa literatura, em comparação a outros tempos, ganhou suas asas e está mais que viva! Tem suas marcas próprias, assentadas nas diversidades culturais do país...

FB: O senhor observa diálogos ou possibilidades de diálogo entre a literatura brasileira e a literatura guineense?

EB: A Guiné-Bissau e o Brasil são dois países bem distantes, mas que se aproximam muito culturalmente e historicamente. Observo, sim, diálogos entre as duas literaturas. Historicamente, esses dois países sofreram com a dominação portuguesa. Esse desencanto com a invasão e a

exploração dos territórios foram grandes temas literários em obras de muitos escritores guineenses e brasileiros. Esse diálogo também se cruza pelos muitos problemas sociais e políticos que os dois países enfrentam em pleno século 21, apesar de que o Brasil, tendo menos tempo de sofrimento com a presença colonial, avançou mais e desenvolveu mais economicamente e politicamente, porém, há ainda muitos problemas nessas esferas que o assolam. A literatura tem o poder de educar as pessoas e torná-las mais conscientes das realidades de vida humana. Então, como podemos ver, esse diálogo, por meio de literatura, se assenta na cultura e história de um passado longo.

FB: O senhor é um escritor que publica diferentes gêneros. Trata-se sempre do mesmo escritor ou há um Eliseu-poeta, um Eliseu-contista e um Eliseu-romancista?

EB: Sim, é grande verdade. Comecei a escrever poesias, mas de vez em quando escrevo outros

gêneros literários. Eu digo que há um só “Eliseu” ousado que faz trânsito em diferentes gêneros literários, acreditando que todos eles têm uma força que transcende nossos imaginários, dialogando com nossas formas de pensar o mundo, se é que é possível. Acho que é por essas estradas que anda a minha transição em diversos gêneros, derrubando os obstáculos e construindo pontes do que parece impossível aos nossos olhares...

FB: Quais os principais temas trabalhados em sua produção literária?

EB: É o desencanto, resumindo em única palavra. Desencanto da vida que poderia ter sido, mas não foi. E o povo vivendo na eterna esperança. Essa esperança tem sido também um dos temas nas minhas escritas literárias. Guiné sempre foi a minha fonte de inspiração. Mesmo estando distante dela por mais de 15 anos, é ela que me inspira a compreender melhor o mundo em que vivemos. A situação social e

política em que se encontra o meu país, por muitos anos, me desencanta. Desencanta-me a forma pela qual os jovens são tratados durante a campanha política. Desencanta-me ver as mulheres sendo vítimas de violências físicas e psicológicas. Desencanta-me ver as sucessivas greves nas escolas e nos hospitais públicos, enquanto os políticos nos prometem, em cada campanha, que as coisas vão melhorar. Desencanta-me essa vida de luxo que eles levam, não podendo fazer o mínimo para o bem-estar da população guineense. Desencantam-me todas essas maldades que engolimos ao longo dos anos. Busco inspiração nessas tristes realidades, nas quais vive o meu povo...

FB: Como o senhor percebe a recepção de sua obra na Guiné-Bissau e aqui, no Brasil?

EB: Bem, no Brasil, sinto que há muita procura pelos meus livros, principalmente os de contos. Muitos pesquisadores brasileiros já

usaram minhas obras nos seus trabalhos acadêmicos. Além de tudo isso, eu vejo uma grande admiração e respeito pelo meu trabalho ao longo desses anos. Muito ao contrário da Guiné, em que, país que me viu nascer, há ainda pouca visibilidade do meu trabalho, o que me deixa bastante triste. Como havia dito, a Guiné é a fonte das minhas inspirações. O meu sonho é que meus livros sejam lidos e estudados lá. Sendo assim, é com muita dor no peito que digo que a recepção das minhas obras no meu próprio país é fraca.

FB: O senhor vivencia um lugar de trânsito entre dois espaços, a Guiné-Bissau e o Brasil. Como é escrever a partir destas duas realidades? Elas se conectam em algum ponto da sua produção?

EB: Como eu te disse anteriormente, apesar de o Brasil e a Guiné serem distantes, as culturas e histórias dos dois países se aproximam bastante. Para mim, é um privilégio viver no Rio de Janeiro há mais de uma década.

Igual a Guiné, o Brasil me inspirou tanto em compreender muitas questões que me deixou escapar no meu país de nascença. No Brasil, com ajuda de muitas obras literárias e a minha vivência, passei a entender a alma e o sofrimento do povo negro. Vários momentos questionei e denunciei esse sofrimento, tanto nos meus livros quanto nas oportunidades de fala. Escrever a partir desses dois lugares é um privilégio – que permitiu que as minhas obras ganhassem mais visibilidades e asas pelo mundo. Sinto orgulho de tudo isso! Agradeço e agradeço!

FB: Por último, poderia nos informar acerca de seus próximos projetos literários?

EB: Bem, recentemente assinei um contrato com a *Editora Pallas*, uma editora de grande porte a nível internacional, para publicação de três livros: *Numa manhã de Junho* (um romance sobre memórias de guerra civil de 1998, na Guiné-Bissau), *A história do rei mágico* (infanto-juvenil) e *Que dia é hoje*,

dona Maria? (infanto-juvenil). Em breve, será publicada em livro minha dissertação de mestrado pela editora *África e Africanidades*. São projetos que posso adiantar, outros estão em construção. Em outra oportunidade terei boa vontade em informar aos meus leitores!



Eliseu José Pereira Lé, pseudônimo Eliseu Banori, nasceu no chão de Pepel Varela, um dos bairros de Bissau. É filho de José Lé, já falecido, e de Fátima Có. Foi na Guiné-Bissau que o autor fez todo o percurso escolar primário e secundário, mas foi no Brasil que fez todas as formações superiores, Licenciatura em Letras: Português - Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na mesma Instituição de ensino. Conta também com uma Pós-Graduação - Lato senso – Especialização em Literaturas Africanas e Portuguesa, também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Eliseu, desde tenra idade, revelou um apurado talento e gosto pela escrita. Hoje, apesar de ainda ser um jovem, já tem um

percurso considerável no mundo da literatura. Relativamente às publicações, entre poesia, prosa e contos infanto-juvenis, conta já com dez livros no mercado, nomeadamente: 1. *Em busca do espaço Verde* (poesia) [Editora Magnifica, 2011]; 2. *O vento Ainda Sopra* (poesia) [Multifoco, 2012]; 3. *Memórias fascinantes: relatos que traduzem o silêncio* (sociologia) [Multifoco, 2014]; 4. *As Almas em Agonia* (romance) [Editora Pod, 2015]. 5. *Cantar do Galo* (contos) [Editora Gramma, 2017]; 6. *O Rei Imbatível: Caminhos Árduos do Juju* (Biografia do músico Justino Delgado) [Autografia, 2019]; 7. *A história que minha mãe não me contou e outras histórias da Guiné-Bissau* (contos infanto-juvenis) [Nandyala, 2020]; 8. *Papá Negado: Uma fonte de inspiração* (Biografia de produtor cultural: Ector Diógenes Cassáma) [Autografia, 2022]; 9. *Nada é Para Sempre* (contos) [África e Africanidades, 2022]; e 10. *Djarama* (contos infanto-juvenis) [Globo, 2022].

JONNIE DANTAS

Por Laura Leobino

Laura Leobino: Para iniciarmos esta entrevista, você poderia nos dar um percurso da sua formação como escritora?

Jonnie Dantas: É difícil lembrar exatamente quando comecei a escrever porque contar histórias sempre fez parte de mim. Mesmo sem nunca ter estudado sobre o que era escrever, já me aventurava em contos e, antes disso, brincava de “teatro” com meus amigos. Os contos não eram bons, claro, mas só aprendi a escrever tentando escrever. Os livros, no início (e até hoje), foram meus professores. Sempre li muito, desde criança. Filmes também me ensinaram bastante. Acredito que todas as formas de narrativa são válidas, pois elas nos ensinam a contar histórias. Foi então que descobri o mundo das *fanfics* em 2009 e, desde então, nunca mais parei de escrever. Estou constantemente aprendendo e constantemente

escrevendo sobre o que eu amo, seja como *fanfic* ou como original.

LL: Tendo iniciado sua carreira na literatura através das *fanfics*, qual a importância, em sua opinião, desse gênero para autorias iniciantes, dada a dificuldade de ingressar no mercado literário tradicional?

JD: Escrever *fanfics* é um desafio pessoal: é publicar online algo que você escreveu, ao invés de deixar escondido em uma pasta. É também uma maneira de começar a construir uma base de leitores e receber *feedback* construtivo sobre o seu trabalho. Para mim, que sempre tive dificuldade em concluir histórias (sempre abandonava no meio), esse processo foi transformador. A primeira história que eu concluí foi uma *fanfic*. É incrível ter a chance de escrever sobre o que você ama e alcançar outras pessoas, mesmo

que o retorno não seja financeiro. Escrever *fanfic* é, acima de tudo, escrever por amor. É um lugar perfeito para você se encontrar fazendo o que ama.

LL: Ainda sobre esse assunto, você acredita que as *fanfics* podem ser um meio de democratizar a escrita e a leitura?

JD: Com certeza. No mercado tradicional, as oportunidades para novos autores podem ser limitadas, mas o universo das *fanfics* abre portas para quem talvez não tivesse essas chances. Você começa como uma pessoa anônima alcançando leitores igualmente anônimos e, aos poucos, constrói sua própria base de seguidores. Além disso, as plataformas de *fanfic* são, em sua maioria, gratuitas, o que democratiza o acesso à escrita e à leitura, oferecendo a todos a oportunidade de se expressar e consumir histórias.

LL: Em um cenário em que a leitura literária em suportes mais

tradicionais não parece seduzir tanto leitoras e leitores mais jovens, as *fanfics* têm se constituído como um fenômeno bastante popular, tanto em termos de acesso e leitura quanto de escrita. Você poderia nos oferecer uma explicação para este fato?

JD: A parte mais incrível das *fanfics* é poder escrever sobre o que você ama para pessoas que compartilham dessa mesma paixão. Acredito que isso tudo torna o processo de escrita mais agradável, assim como o de leitura. Também é uma forma mais acessível de consumir histórias e você tem a oportunidade de se relacionar com leitores e escritores que compartilham os mesmos gostos que você. É incrível quando você consome uma mídia, fica obcecado por ela, e pode se aprofundar em várias *fanfics* sobre o tema. Tem vezes que não consigo terminar um livro, mas já li umas dez *fanfics* sobre uma série que me deixou viciada. Às vezes, a gente só quer ler ou escrever sobre as mesmas pessoas se apaixonan-

do de novo e de novo.

LL: Tendo como referência a sua trajetória, você poderia comparar os processos de escrita e publicação em uma plataforma *on-line* e em uma editora de grande porte, a Rocco?

JD: Quando você publica uma *fanfic*, tem a liberdade de editar o texto a qualquer momento. Já na publicação tradicional, há um grande peso em saber que aquele texto será definitivo. Além disso, existe a necessidade de adaptar a história para transformá-la em original, o que pode gerar uma preocupação: será que a nova versão agradará tanto os leitores antigos quanto os novos? Desde a escolha de nomes e ambientação até a reestruturação de cenas ou inclusão de novas, tudo precisa ser repensado. Acho que a parte que mais faz falta na publicação tradicional é o *feedback* de leitores enquanto os capítulos são escritos. Normalmente, escrevemos o capítulo de uma *fanfic* e publicamos e, então, escrevemos o outro capítulo.

Nesse meio tempo, temos acesso a comentários de leitores, *feedbacks*, sabemos do que eles estão gostando e do que não estão. Além disso, há o peso de saber que a história será impressa e vendida em várias livrarias, o que faz com que a sensação de “isso precisa ser perfeito” seja ainda mais forte.

LL: Provavelmente, há hoje inúmeras autoras e inúmeros autores de fanfics que sonham um dia publicar em uma grande editora. Para estas pessoas, a sua trajetória, além de indicar a viabilidade desse desejo, também se apresenta como um parâmetro. O que fazer para tanto? Há algum roteiro ou alguma dica que você possa oferecer a essas pessoas?

JD: Minha dica é: escrevam sobre o que vocês amam. Acima de tudo, escrevam. Coloquem sua história no mundo e deixem que outras pessoas leiam. Consumam literatura, estudem escrita criativa, mas principalmente: escrevam. Você só se torna um escritor

melhor escrevendo, e escrever sobre o que você ama torna tudo mais fácil. Posso falar apenas pela minha experiência: por muitos anos, tive vergonha de mostrar o que escrevia e achava que nunca seria possível publicar um livro. Foi um processo longo até ter coragem de postar algo online e um desafio ainda maior lidar com o fato de que pessoas estavam lendo. A cada dia, aprendo algo novo. Mas, mais importante que tudo, escrevam e deixem que o mundo leia. Mostrem seu trabalho, para que o mundo possa encontrá-los. Você nunca sabe quem vai estar lendo, nem quais oportunidades podem surgir, se não tentar.

LL: No site da Rocco, há algumas informações sobre a autora Jonnie Dantas. Entre elas, consta: "sua verdadeira paixão, no entanto, é escrever sobre música embalada pela nostalgia de épocas que nunca viveu". Poderia comentá-la um pouco, por favor? Como ocorre essa

presença da música em seus textos?

JD: Isso volta para o "escrevam sobre o que vocês amam". Eu amo a música. Adoro me aprofundar em uma música ou banda que gosto, ler sobre o processo de criação, assistir entrevistas, documentários e, principalmente, ouvir música. A música está presente em grande parte da minha vida, incluindo a escrita. Ela faz parte da minha narrativa, dos meus personagens e de mim. Cada personagem que crio tem sua própria música, cada história que escrevo carrega uma trilha sonora específica. A primeira coisa que eu faço, antes de começar a escrever uma história, é montar uma *playlist*. A música me faz sentir e me ajuda a transmitir isso na escrita.

LL: *Por Alfie: Até o último acorde*, seu livro de estreia na Rocco, acaba de ser publicado. Conte-nos um pouco sobre ele, por favor.

JD: "Por Alfie: Até o Último Acorde" é um romance que se desenrola

entre dois garotos nos anos 80 em uma cidadezinha fictícia na serra gaúcha. Além de explorar a intensidade do primeiro amor, “Por Alfie” é um tributo ao *rock’n’roll* e às bandas de garagem. Fala de temas como o amadurecimento, a perda da inocência, reencontros e amizades que se tornam nossa família. É uma história sobre segundas e até terceiras chances, e como a música pode servir como um porto seguro quando nada mais faz sentido.



Jonnie Dantas nasceu em 1995 e é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Formada em Sistemas de Informação, tua no mercado há cinco anos, mas, antes de seguir na área da tecnologia, também cursou alguns semestres de Letras – Inglês, onde pôde aprofundar o amor pela Literatura. O encant pela escrita começou com um simples hobby quando tinha apenas treze anos. Aficionada pelos livros dos detetives Hercule Poirot e Sherlock Holmes, escrevia pequenos contos e histórias originais, sonhando em escrever um romance policial. Aos catorze, o foco de Jonnie se voltou para fanfics de animes e bandas de rock japoneas. Desde então, continua escrevendo de forma independente para fandon. Sua verdadeira paixão, no entanto, é escrever sobre música embalada pela nostalgia de épocas que nunca viveu.

NATHAN LIMA

Por Igôr Ribeiro

Igôr Ribeiro: Gostaria que começasse falando sobre o bairro do Jaraguá, sua importância cultural para Maceió e também para você, como artista e morador dessa cidade.

Nathan Lima: O bairro do Jaraguá é o berço não só da minha trajetória como DJ, mas também onde as pessoas começam a sair para as festas e a conhecer tudo o que envolve o universo da minha profissão.

Atualmente, os eventos mais legais têm acontecido por lá. O clima boêmio deixa todos bem à vontade para aproveitar a diversidade cultural por lá. São diversos bares e casas de shows, cada espaço com sua identidade e públicos bem definidos. Dá para ir de um para o outro a pé e aproveitar as várias faces da noite por lá!

IR: O Jaraguá é um bairro histórico e que ainda deve

compor outras histórias. Para tanto, é necessário que seja preservado, cuidado. Você considera que isso vem sendo feito?

NL: Nos últimos anos, o bairro tem sido bem cuidado, sim, e, inclusive, mais valorizado, não só pelo público cultural mas também por turistas. Ao meu ver, o que poderia ser melhor pensada é a questão dos vendedores ambulantes de lanches, que trabalham em condições por vezes insalubres. Isso poderia ser regularizado e ter um certo padrão. Fora isso, só alegria!

IR: Como você avalia a relação entre o poder público e a produção cultural e artística maceioense? Há algum tipo de apoio ou incentivo para a potencialização da cena cultural e artística em Maceió?

NL: Essa é uma questão

complicada, pois o poder público sempre vai investir e valorizar o que for mais popular para as massas.

Em nossa cidade, tudo o que é cultural se mantém no “lado b” da história, o conhecido underground. Não existe uma política pública direcionada para o trabalho que eu faço como DJ e, muito menos, para eventos onde DJs locais estejam em evidência.

Quando convidam DJ, é para fazer intervalo de bandas. Mas, como os grandes shows têm acontecido com dois palcos, não existe mais essa necessidade.

IR: Conte-nos um pouco de seu percurso no campo artístico. Como foi o seu primeiro contato com o mundo dos DJ's? Como você se fez um? O que mais te afeta nessa modalidade de arte?

NL: Começou lá em 2008, quando eu não me agradava das programações da cidade e inventei de juntar uns amigos e organizar um evento com alguns DJs e eu quis tocar, mesmo sem saber.

Sempre gostei de música e foi nessa ocasião que eu vi que ser DJ não é só apertar um botão para tocar a música, tem que saber ler as pessoas e adequar o que for melhor musicalmente para cada momento.

Já no ano seguinte, fiz o curso de DJ e comecei a atuar profissionalmente em eventos de música eletrônica. Entre 2009 e 2013, isso era muito forte em Maceió. Depois tudo foi mudando... O que me faz ser DJ é a expertise de diversos eventos e de muitos anos de prática e observação. Isso não se aprende na teoria, tem que vivenciar. O que afeta, não o meu trabalho, mas o mercado em si é a sazonalidade das coisas em Maceió. Por enquanto, estamos em um momento ótimo. Tomara que esteja cada vez melhor!

Como toco em diversos eventos, de festas undergrounds a casamentos e eventos corporativos, meu público é basicamente 30+. Quanto mais maduro, mais aberto musicalmente esse público é e

mais tenho oportunidade de tocar diversas coisas e fazer a alegria de diversas gerações.

IR: Como você entende o papel do artista já estabelecido na cena maceioense em relação àqueles que ainda estão galgando o início da carreira?

NL: O papel de quem já está na estrada a mais tempo é servir de exemplo e, quando for necessário, orientar.

Ser exemplo não só de artista, mas de pessoa também. Trabalhar com arte é lidar com pessoas e, quando essas pessoas são boas, tudo flui melhor!

Vale evidenciar que um artista que já está a mais tempo trabalhando não vai entregar nada de bandeja para quem esteja começando, principalmente sobre como arrumar lugar para tocar.

O acesso aos contratantes é um relacionamento construído a cada apresentação e a indicação por vezes vem de onde menos esperamos. Pode até demorar, mas acontece!



Nathan Lima, 35 anos, é natural de Maceió. Formado em direito pela Faculdade de Maceió (FAMA). Tornou-se DJ em 2009, atuando desde então na cena maceioense. É também produtor musical e tem trabalhos lançados pela *Pump Records*.

QUEM SOMOS

CONHEÇA OS VAGALUMES: EQUIPE LUMINESCÊNCIAS



antonio carlos sobrinho: logun bi ayó. poeta: *pequeno laboratório das coisas da vida* (patuá, 2021), *quase um manifesto* (patuá, 2023). professor itinerante. antes: unijorge e uneb. hoje: fale/ufal. amanhã: onde vagalumes acenderem uma convocação. acredita: na arte. aposta: na alegria. vive: de encontrar belezas. idealizador de *luminescências - revista de literatura & outras artes*. acsobrinho83@outlook.com



Ana Carolayne dos Santos Bertulino, 21 anos, natural de Atalaia/AL, interior de Maceió.



Cammyla Eugenio, alagoana e graduanda em Letras - Português.



Denis Willyam de Jesus Balbino, nascido na cidade de Caruaru/PE, é graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (Fafica) e graduando em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). denwhistor@gmail.com | [@WillyamDenis](https://www.instagram.com/WillyamDenis)



Elizandra do Nascimento Sobrinho, natural e ainda residente de Maragogi/AL. Tem 20 anos, é professora de Língua Portuguesa e graduanda em Letras - Português pela UFAL. Além da carreira docente, é uma artista multifacetada, dedicando-se a diversas formas de expressão, como desenho, pintura, bordado, fotografia e instrumentos, como a flauta doce. A fotografia é seu maior hobby, permitindo-lhe capturar a beleza do mundo ao seu redor.



Franciso Matinho Baptista é guineense, graduando em Letras - Português pela UFAL. É presidente de estudantes convênio da graduação (PEC-G) da UFAL, amante da literatura brasileira e autor do conto "Nostalgia da minha gente", publicado no primeiro número de *Luminescências - revista de literatura & outras artes*.



Heitor Padilha, graduando em Letras pela UFAL e amante das artes, em especial da Literatura.



Hyago Marques cursa Letras - Português (Fale-UFAL) e mestrado em Serviço Social (PPGSS-UFAL). Publicou *anjos tocam lira nas molas do colchão* (2021), *Ano Litúrgico* (2024) e poemas em mídias digitais e impressas. Editou *Luminescências - revista de literatura & outras artes*. IncurSIONa pelas artes plásticas e têxteis. <https://www.hyagomarques.com.br>



Igor Ribeiro. E o acidente do nascimento o fez vir e ver o mundo complexo da linguagem. Mais uma vez me *Luminescências* embala em seus fins.

ribeiroigor740@gmail.com | [@burroletrado](https://www.instagram.com/burroletrado)



Jefferson da Silva Acioli Irmão nascido no dia popularmente conhecido como *Halloween*, é alagoano, discente do curso de Letras – Português na UFAL. Atualmente se encontra mergulhado e submerso em mares literários vastos que o proporcionam bons desconhecidos. Ademais, pode resumir-se como um nerdola de carteirinha, nas horas vagas.



Joyce Kelle é estudante do 4º período de Letras – Português na UFAL. Desde a infância, encontrou nos livros um refúgio e uma fonte de inspiração, especialmente no gênero romance.



Karine Valeska, ou simplesmente Kaka (ou, ainda: - k^2), alagoana, graduanda em Letras – Português pela UFAL. Aprecia a literatura, a arte e costuma escrever textos literários/artísticos. Hoje, afirma com emoção, alegria: é escritora, é artista. kakavsotero00@gmail.com | [@kaka.valeska](https://www.instagram.com/kaka.valeska)



Laura Leobino é nordestina, tem 20 anos e é escritora de romances. Apaixonada pela escrita, amante de literatura e aficionada por séries criminais. Nas horas vagas ouve podcasts e lê sobre crimes reais.

autoraartcjoon@gmail.com | [@artcjoon](https://www.instagram.com/artcjoon)



Leandro Guedes é alagoano, graduando em Letras – Português na UFAL.



Lucas Silva tem 28 anos, é estudante de Letras na UFAL e um apaixonado por literatura.



Maria Olivia Matias Santos é estudante do curso de Letras – Português da UFAL. É pernambucana apaixonada por literatura.



Marcela Santos é licencianda em Letras – Português pela UFAL. Tem 23 anos, é mamãe do Heitor e sempre amou ler, tendo começado a colecionar livros aos 7 anos de idade. Em especial, ama literatura cristã e a estuda. Corrigir textos, revisar e editar também são seus pontos fortes. Acredita que a linguagem, mais que essencial à comunicação, é uma das mais belas artes.



Mateus Leandro Gomes, nascido no interior de Pernambuco, graduando em Letras – Português pela UFAL.



Nathalia Silva é graduanda em Letras pela UFAL, com foco em Língua Portuguesa. Com experiência em escrita criativa e produção acadêmica, atua na revisão e diagramação de obras literárias e trabalhos acadêmicos. Já participou de programas como Pibid e PET, onde aprimorou suas habilidades.



Otávio Lira Tavares é nordestino, amante de música, cinema e graduando em Letras – Português pela UFAL. Percorre pela escrita como forma de desabafo e introspecção nas horas vagas.



Rebeca Costa Cavalcante é estudante do 3º período de Letras – Português pela UFAL. Ama livros clássicos e teológicos, escreve apenas quando algo a inspira profundamente (mesmo quando esse “algo” parece insignificante para outros) e dedica-se a correções de textos e ao estudo da Libras nas horas vagas.



Sabrina Cardoso é discente de Letras – Português pela UFAL, apaixonada por literatura, gatos e cafeína; também é escritora nas horas vagas.



Wely Gonzaga é estudante de Letras – Português na UFAL, nascida no Dia Internacional da Mulher, em Maceió, Alagoas. Aos 21 anos, traz consigo uma paixão pela desconstrução textual e pela filosofia niilista, buscando explorar as interseções entre literatura e visões de mundo alternativas.

CRÉDITOS

CAPA

Intervenção em fragmento de fotografia de Jacob (@CraftedImagePhotography).
Disponível na plataforma Pexels, sob [licença gratuita](#).

FOTOGRAFIAS DAS AUTORIAS

Imagens de pessoal acervo das autoras e dos autores, cedidas no ato da inscrição.

IMAGENS DE ABERTURA DAS SEÇÕES

Artes visuais fragmento de fotografia de Joshua McKnight (Baltimore, Maryland/EUA)
[@joshmckn2]

Carta intervenção em fotografia de SHVETS production (@shvets.ai)

Conto/microconto intervenção em fotografia de Mike Hones (local não informado)

Crônica fotografia de hello asthe (Izmir, Izmir, Türkiye) [@isilkrb]

Fotografia intervenção em fragmento de fotografia de Gisele Seidel (Curitiba/PR, Brasil)

Entrevista intervenção sobre fotografia de Jonathan Borba (São Mateus/ES, Brasil)

Homenagem fotografia de Karine Valeska da Silva Sotero (Maceió/AL)

Memória fragmento de fotografia de Meryem Sevim (local não informado)

[@meryemm.sevimm]

Poema intervenção em fotografia de SHVETS production (@shvets.ai)

Todas disponíveis na plataforma Pexels, sob [licença gratuita](#).

TIPOGRAFIA

Luminescências emprega em sua composição **Delicious**, de Jos Buivenga, disponível sob licença gratuita em [exljbris](#), e **Work Sans**, de Whei Huang, disponível em *Open Font License* no [Google Fonts](#).

Agradecemos por nos ter acolhido em sua leitura.

Em breve, abriremos chamada para o nosso terceiro número.

Siga-nos no Instagram para maiores informações [@RevistaLuminescencias](#)

*Acompanhe-nos em <http://www.seer.ufal.br/luminescencias> ou
<http://www.revistaluminescencias.blogspot.com>*

Te convidamos a seguir de mãos dadas conosco.

Você aceita?

